

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**POS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Carolina de Carvalho Duarte Guimarães

**A ARTE DE CUIDAR**  
**ESPIRITUALIDADE DO CUIDADO NA RELAÇÃO MÃE BEBÊ**

Juiz de Fora

2015

Carolina de Carvalho Duarte Guimarães

**A arte de Cuidar**

**Espiritualidade do Cuidado na Relação Mãe Bebê**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Tradições Religiosas e perspectivas de Diálogo, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Juiz de Fora

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Guimarães, Carolina de Carvalho Duarte.

A arte de Cuidar : Espiritualidade do Cuidado na Relação Mãe Bebê / Carolina de Carvalho Duarte Guimarães. -- 2015. 125 f.

Orientador: Faustino Luiz Couto Teixeira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2015.

1. Espiritualidade do Cuidado. 2. Relação Mãe-Bebê. 3. Nascimento. I. Teixeira, Faustino Luiz Couto , orient. II. Título.

Carolina de Carvalho Duarte Guimarães

**A arte de Cuidar**

**Espiritualidade do Cuidado na Relação Mãe Bebê**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Tradições Religiosas e perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2015

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira (Orientador)

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Volney Berkenbrock

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro

Universidade Federal Fluminense

Aos meus filhos que confiaram fortemente em mim e contribuíram para que este projeto de vida fosse idealizado e posteriormente concluído. Sem a existência de vocês nada em mim seria possível

## AGRADECIMENTOS

A Deus e à Deusa, em primeiro lugar, pois sem Eles esta jornada não seria cumprida.

Ao meu orientador Faustino Luiz Couto Teixeira, que soube cativar o que há de melhor em mim através da Espiritualidade do Cuidado.

Aos amigos do grupo de orientação pela colaboração, apoio, conversas e amizade. Especialmente à Deborah pelas correções e incentivo.

Aos professores do Departamento de Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora pelos bons conselhos, instruções e esclarecimentos. Especialmente a Volney Berkenbrock, pelo olhar carinhoso e confiante.

Ao coordenador da pós-graduação Emerson Sena da Silveira, pelas provocações sociológicas e orientações metodológicas.

Ao secretário da pós-graduação Antônio Celestino que sempre esteve pronto a ajudar com eficiência e disposição, mesmo após perguntas recorrentes.

Aos meus filhos, Joana e Guido, que pacientemente entenderam a importância da minha dedicação a esta pesquisa e conviveram durante todo o ano de 2014 com uma mãe intermitente. É a vocês que eu dedico meu trabalho.

Ao Mauro, por ser um pai a quem posso confiar meus filhos.

Aos meus queridos pais, Nádia e Roberto, que me deram a capacidade de amar. Especialmente a minha mãe por ter sido a grande parceira, corretora e amiga nesta dura jornada.

À toda a Família Gerando que faz com que todo meu esforço tenha sentido. Cada bebê que nasce reafirma meu propósito de vida. Incluindo aqui a Prof. Dra. Betânia Fernandes, a quem cultivo grande admiração.

À Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Departamento de Ciências da Religião.

Aos componentes da banca examinadora, Prof. Dr. Volney Berkenbrock e Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro que aceitaram, prontamente, o convite para avaliar a apresentação desta dissertação.

Aos profissionais que me concederam as entrevistas que utilizei na dissertação.

Ao CNPq que me concedeu a bolsa de mestrado e fez com que essa realização fosse possível.

## RESUMO

A espiritualidade do cuidado é um conceito novo que vem sendo trabalhado de forma ampla em diferentes áreas de saber, dentre elas, Saúde, Ciências Sociais, Filosofia, Ciências da Religião e Teologia. Leonardo Boff favorece uma compreensão de espiritualidade que não se restringe ao campo religioso. Busca entender o que é o espírito e a partir dele, expandir a percepção do que é o humano e sua tradução num corpo que se percebe como vivo. Neste contexto, o cuidado é considerado o fundamento do ser no humano. A presente pesquisa versa sobre como atitudes de cuidado que emergem a partir de uma consciência de espiritualidade cotidiana podem transformar a qualidade da interação entre mães e filhos, desde a fecundação até a primeira infância da criança. Dedicar-se especial atenção ao processo do nascimento. Pois, nascer é cruzar o véu que separa duas formas de existir. Do ponto de vista espiritual conceber, gestar e parir um ser humano significa a renovação da vida em sua essência mais primitiva. A possibilidade de vivenciar esse momento a partir de uma conexão com sua parcela de mistério tem sido relatada como experiência potente de transformação individual, familiar e social. Investiga-se também as atitudes de cuidado de profissionais de saúde envolvidos com gestação e parto, bem como em homens e mulheres que se dedicam ao cuidado com bebês. O emocionar que emerge do nascer em plenitude cria valores sociais humanos ligados a uma confiança primordial que contribui para a vivência espiritual ligada ao cotidiano e ao cuidado.

Palavras chave: Espiritualidade, Cuidado, Relação Materno Infantil.

## **ABSTRACT**

Spirituality of care is a recent concept present in many fields of study, as Healthcare, Social Sciences, Philosophy, Religious Studies and Theology. Leonardo Boff's views offers to us an understanding about spirituality not restricted to its religious aspect. He tries to understand what the spirit is, expanding our perception of humanity and its translation into a body which feels alive. In this sense, care is understood as the human foundation. This work aims to elucidate how postures of care, coming from a daily awareness of spirituality, can transform mother-child interaction, from fertilization to first childhood. We will focus on childbirth process, because to be born is to pass through a veil which separate two ways of existence. From a spiritual point of view, to conceive, to gestate and give birth to a human being means to renovate life in its primal sense. To be able to experience this moment through a connection with its mystery has been described as deeply transformative, in its individual, familiar and social senses. We will also focus on healthcare professionals involved with gestation and childbirth, as well as men and women dedicated to newborn care. The deep emotion derived from attentive birth generates human and social values connected to a fundamental confidence, contributing to a spiritual daily experience of living and care.

**Keywords:** Spirituality, Care, Maternal Child Relationship.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1) A EXPLOSÃO DA VIDA</b>	<b>19</b>
1.1) A experiência primordial	20
1.2) Cruzando o véu	31
1.3) Encontro e despedida	44
<b>2) O CUIDADOR QUE ACOLHE</b>	<b>49</b>
2.1) Os cuidadores primordiais	51
2.2) A parteira e o médico	66
2.3) A Doula	74
<b>3) FIRMAR DE UMA ESPIRITUALIDADE</b>	<b>81</b>
3.1) Espiritualidade como experiência de vida	82
3.2) Espiritualidade do Cuidado	89
3.3) O amor: emoção central da humanidade	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO</b>	<b>117</b>
Um breve resumo da História do Movimento pela Humanização do Parto no Brasil	
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

Tem-se dito que a astronomia é uma experiência que forma o caráter e ensina a humildade. Talvez não exista melhor comprovação da loucura das vaidades humanas do que esta distante imagem de nosso mundo minúsculo. Para mim, ela sublinha a responsabilidade de nos relacionarmos mais bondosamente uns com os outros e de preservarmos e amarmos o pálido ponto azul, o único lar que conhecemos” (SAGAN, C. 1996, p. 31)

A espiritualidade do cuidado se remete a mais essencial qualidade do ser humano. Há um silêncio profundo que quando atingido expande a consciência tocando todos os seres da Terra. A tarefa aqui é tentar dar voz a esse silêncio cósmico, mas pretende-se entoar a percepção dos sentidos despertos, como diria Moltmann (2009, p.421), não à razão que procura classificar, explicar fenômenos a partir de categorias preestabelecidas. Espera-se percorrer novos caminhos e vivenciar este lugar ao qual cada ser pertence a partir de uma perspectiva da diversidade inerente aos seres vivos, ocupando o espaço que dá sentido à existência. Os seres humanos são a porção consciente, racional, deste enorme e maravilhoso ser vivo que abrange todas a biodiversidade da Terra.

Esta pesquisa de mestrado dedicou-se a discutir a Espiritualidade do Cuidado no âmbito do universo circunscrito na interação entre mães e filhos em três momentos: antes deles nascerem, envolvendo o momento da fecundação e a gestação; o parto e todas as implicações e descuidos que a sociedade faz operar neste momento; e a interação das mães com seus filhos pequeninos, durante o período da amamentação. Considera-se este recorte significativo porque nele está reproduzida a relação de mútua dependência onde a necessidade da qualidade espiritual do cuidado se mostra de maneira mais evidente, e por contrapartida, atua também nele a força social de tentativa de controle e dominação de forma alarmante.

Articula-se a perspectiva ampla da espiritualidade do cuidado proposta por Leonardo Boff, disponível em sua obra, mas também em alguns trechos da entrevista que me foi concedida por ele, com a teoria e cuidados práticos que o pediatra e psicanalista Winnicott propõe. Procura-se trazer à luz das Ciências da Religião sobre o tema do cuidado materno. Primeiramente é feita uma apresentação do conceito da espiritualidade do cuidado e a partir dele ressalta-se a importância da relação materno infantil para o firmar de um novo paradigma que traga a prática de uma espiritualidade entendida de forma ampla e inclusiva. Este tema se mostra pertinente para as Ciências da Religião quando se percebe, a partir de Moltmann, a

fecundidade como a quintessência da vitalidade e da vida, inserindo-a junto com a luz e a água no âmbito das metáforas místicas. Ele as denomina assim:

Denomino-as de metáforas místicas, porque estas ideias procedem da experiência mística, e porque elas expressam uma união tão íntima do Espírito divino com o humano e do espírito humano com o divino que mal conseguimos distingui-los. Mais uma vez relacionamos estas imagens entre si, de modo que elas se completem com sentido. O modelo mais simples de uma interação plena de sentido é a planta, que através das folhas e raízes constrói sua vida e se torna fecunda a partir da luz do sol e da água da terra (1999, p. 261).

Considera-se haver uma esfera primeira onde o fio do cuidado pode ser, desde o início, trançado a partir desta consciência espiritual. Esta esfera encontra-se em seu potencial máximo quando uma mulher, como fruto de amor e entrega, concebe dentro de si uma nova vida. Faz-se aqui, então, um recorte deste cuidado amplo que liga todos os seres para aprofundar o olhar sobre o cuidado de humanos com humanos, ainda mais especificamente sobre a relação entre mães e bebês.

A dupla mãe-bebê, por vezes chamada de binômio, marca o início de uma nova vida e assim a possibilidade do novo, bem como da manutenção de uma tradição. Esta relação, desde o momento da fecundação, passa a oferecer o alicerce necessário para que um novo ser humano se desenvolva. Porém, este suporte não é só físico. A psicanálise, aqui nas palavras de Winnicott (2006, p.43), revela que um bebê começa a ser concebido mentalmente a partir das brincadeiras infantis de uma menina ainda em sua primeira infância, e que ganha novos contornos quando ela chega na idade de efetivamente constituir uma família, engravidar, e concebe então, fisicamente, aquele bebê que antes era fruto de sua imaginação. Este dado é importante para mostrar que a maneira como esta menina, agora mãe, vai cuidar de seu bebê, agora concreto, está entrelaçada pela maneira como ela própria foi cuidada. Isto dá a dimensão de continuidade de cuidados que de geração em geração vão criando uma cultura, ao mesmo tempo que a transformam, pois, cada novo ser carrega uma individualidade distinta da que a precede. Como se de fato os cuidados prestados e recebidos nos ligassem como humanos.

Um dos conceitos mais significativos de Winnicott é o da mãe suficientemente boa. Parece que ele tenta combater a exigência de perfeição e o sentimento de culpa que rondam a maternidade. Discorrendo sobre a importância de que os saberes quase intuitivos daquela que ele chama de mãe devotada comum sejam valorizados, ressalta a inclinação natural dela para cuidar de seu bebê. A mãe seria, então, a pessoa com a maior capacidade de se identificar e se adaptar às necessidades dele. Seria a pessoa capaz de estabelecer um contato profundo e de oferecer um ambiente acolhedor e facilitador, o que Winnicott chama de  *Holding* e se traduz

no ato de segurar o bebê de forma não mecânica, mas sim a partir de uma identificação devotada a ele. Em palavras psicanalíticas o ego da mãe dá o suporte necessário para que o ego do bebê se desenvolva em harmonia, ou seja, o sentimento de unidade inicial entre estas duas pessoas, com o tempo cria a oportunidade de ser, de auto percepção do bebê. Futuramente, esta será a base de sua integração, do que Winnicott chama de *self integrado*, garantindo sua saúde psíquica ao longo da vida, garantindo um padrão emocional de relacionamento com o mundo externo, relação objetal, pleno. Tudo caminha do mais simples e rudimentar, de uma relação de absoluta dependência, para o mais complexo, tendendo à autonomia.

Gostaria de dizer que, nestas primeiras e importantíssimas semanas de vida do bebê, os estágios iniciais dos processos de amadurecimento têm sua primeira oportunidade de se tornarem experiências do bebê. Onde o ambiente de facilitação – que deve ser humano e pessoal – possuir características suficientemente boas, as tendências hereditárias que o bebê tem podem, então, alcançar seus primeiros resultados favoráveis. (WINNICOTT, 2006, p. 8)

O bebê que acaba de nascer vive um sentimento de onipotência, totalmente fusionado com a mãe e o meio. Não sabe que ele é um e ela é outro. É um ser fechado em si mesmo. Com o passar dos dias, semanas e meses, começa a descobrir suas mãos, seus pés, se vira... o bebê de repente surpreende o mundo. Na sequência, o mundo surpreende o bebê. Ele passa a reconhecer e se relacionar de forma ainda rudimentar, mas já intencional, com o pai e outras pessoas que fazem parte do seu cotidiano. Neste estágio as pequenas falhas maternas e as iniciativas malsucedidas do bebê fazem com que ele comece a sair da onipotência, passando por vários estágios, rumo a autonomia. “O bebê situado no espaço torna-se pronto, com o passar do tempo, para executar movimentos que surpreendem o mundo, e assim, descobrindo o mundo dentro de uma atmosfera de segurança, no devido tempo, torna-se preparado para receber com alegria as surpresas do mundo. ” (WINNICOTT, 2006, p.17). Uma base suficientemente boa cria, para o recém chegado, a possibilidade de receber com alegria as surpresas do mundo, a possibilidade de interagir de forma criativa e espontânea com o exterior.

A partir de tal base positiva, o indivíduo tem, com o passar do tempo, uma oportunidade de lançar-se no mundo de uma forma criativa, e de desfrutar e usar tudo aquilo que o mundo tem a lhe oferecer, inclusive o legado cultural. Infelizmente, é uma grande verdade que, se uma criança não começar bem, então poderá não desfrutar do legado cultural e a beleza do mundo não passará de um colorido torturante, impossível de desfrutar. Assim, portanto, existem “os que têm” e “os que não têm”, e isso nada tem a ver com finanças; tem a ver com aqueles que começam muito bem suas vidas, e com aqueles que não tiveram a mesma sorte (WINNICOTT, 2006, p.20)

Em essência, o que esta base positiva inicial instaura no bebê para garantir seu desenvolvimento satisfatório em direção a autonomia é a confiança. Uma confiança primordial que faz com que seja capaz de enfrentar os riscos da vida sem se sentir iminente ameaçado

a todo momento. Mais do que isso, experimentar o mundo de forma criativa, ter uma certa tendência confortável ao maravilhamento de estar, ser tocado e tocar o mundo. Um bom início gera a capacidade de crer. Para Winnicott o ser humano saudável é um ser que crê em (não importa em quê exatamente). Mas crê baseado em algo que o mantém vivo e que garante sua continuidade de existência porquê de fato, no início, houve algo de quem ele era absolutamente dependente que lhe ofereceu a dedicação devotada necessária para que ele se desenvolvesse. O início do ser humano é no útero materno, depois passa para os braços da mãe e no momento certo, caminha de braços dados sobre a Terra. Destaca-se aqui as palavras de Leonardo Boff: “é através das mães que cada um aprende a ser mãe de si mesmo, na medida em que aprende a aceitar-se, a perdoar as próprias fraquezas e a alimentar o sonho de um grande Útero acolhedor de todos.” (1999, p.167)

Muitas pessoas dedicam suas vidas a cuidar de outros seres. Alguns cuidam das plantas: jardineiros e agricultores. Outras pessoas se dedicam a cuidar dos animais: biólogos; veterinários; criadores. Existem os que cuidam de corpos: fisioterapeutas; enfermeiros; médicos. Dentre estes, alguns se destacam a cuidar apenas de doenças, quase como entidades metafísicas, são os psicólogos, psicanalistas e psiquiatras que cuidam da mente, já que as almas cabem aos sacerdotes de todas as ordens. Serviços de cuidado fragmentado aos seres feitos de bricolagem. Porém, urge a necessidade de que todos estes cuidadores, embora especializados, carreguem a consciência de que em essência estão cuidando de pessoas. Isto porque se um jardineiro, ao cuidar do canteiro de uma praça, pensar nas pessoas que por ali passam todos os dias, seu trabalho ganhará uma dimensão de outra ordem. Uma ordem de devoção, de caridade e de esperança. Não é preciso exemplificar esta qualidade do cuidado para cada especialidade anteriormente citada. Os cuidadores a quem esta pesquisa se dedica são médicos obstetras e enfermeiros obstétricos e doulas. Pessoas que escolheram cuidar de mulheres, especialmente no período que abrange a gestação, o parto e a amamentação. Profissionais que escolheram cuidar de pessoas nascendo.

Dada a importância da figura materna para cada criança em especial e em sentido amplo para toda a sociedade e pensando naqueles que se tornam médicos ou enfermeiros e escolhem se dedicar aos cuidados das famílias no momento da chegada de seus filhos, é preciso destacar um fato diferencial na maneira de cuidar: a gestação, o parto e os primeiros anos da vida de um bebê, na grande maioria das vezes, não se tratam de doenças. Em sua maioria, estas pessoas não estão em risco de morte iminente ou dor sem sentido, quando o estado de fragilidade seria

incontestável e absoluto. Pelo contrário, estão em estado de graça, momento frutífero e fecundo. Momento de comunhão e alegria, onde também habita a fragilidade, mas de forma latente, como a fragilidade do bebê que depende da mãe e necessita de cuidados, porém, ao mesmo tempo é dotado da potência da vida em grau máximo.

Uma mulher, quando decide conceber um novo ser em seu ventre, se entrega a uma jornada rumo ao desconhecido em aspecto duplo e simultâneo. Por um lado, é levada ao vale das sombras, ao encontro com suas próprias vivências infantis, muitas vezes traumáticas e mal resolvidas, se depara com medos primordiais, sentimentos relacionados ao desamparo e também receio do futuro. Normalmente aparecem muitos questionamentos como, por exemplo, com relação a sua capacidade de ser boa mãe, angustias relacionadas à separação que o parto instaura, ao medo da finitude... O que acontece é mesmo uma espécie de morte. Uma parte desta mulher terá que morrer para que outra possa nascer em plenitude, pois a maternidade é um diálogo entre morte e renascimento. A partir de então tudo será novo, suas relações sociais, a relação com o marido, seu corpo, até mesmo sua percepção de mundo se transforma. O que era fundamental antes, parece agora insignificante. O início de um “permanente não reconhecer a si mesma.” (GUTMAN: 2010, p. 13). As mudanças decorrentes do nascimento de uma criança são amplas, todas as relações familiares se redefinem:

Quando nasce uma criança, todos na família renascem com ela. Um homem se torna agora sobretudo pai, e um pai se torna sobretudo avô. Uma mulher se torna mãe, e a mãe, avó. Os irmãos se tornam tios, madrinhas e padrinhos. Uma criança redefine, a partir de sua existência, os papéis dos familiares e, principalmente, religa-os, reinicia os vínculos já afrouxados pelo caminho natural da evolução do núcleo da família. (BOSCO)<sup>1</sup>

Em contrapartida, e muitas vezes de forma sincrônica, algumas mulheres conseguem transcender os sentimentos obscuros e alcançar um território onde circula uma afinidade essencial comum a todas. “Estes momentos são, habitualmente, de revelação e de experiências místicas se estivermos dispostas a vivê-los nesse sentido e se a ajuda e o apoio em sintonia forem encontrados”. (GUTMAN: 2010, p. 11). As famílias precisam construir uma parceria com profissionais capazes de reconhecer o potencial de beleza e força desde momento que se desenrola de forma tão peculiar em cada história, em cada mulher. Esta não é uma experiência

<sup>1</sup> BOSCO, F. Renascer. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/renascer14935386?topico=francisco-bosco>. Acesso em: 30 de janeiro de 2015.

apenas física e mecânica. Sobre ela perpassam forças sociais, relacionadas a paradigmas culturais entranhados em uma percepção de mundo, mas a fisiologia se revela semelhante a todos os mamíferos. É uma experiência que pertence também a uma atmosfera emocional espiritual que pode ser vivida de modo profundo em suas consciências. Por ser um evento humano, animal e espiritual por excelência, considera-se fundamental que os profissionais cuidadores dessas mulheres alcancem uma outra ordem de compreensão capaz de reger o momento de acordo com a grandeza que ele carrega.

Historicamente a gestação e o parto eram vividos como eventos naturais e eram regidos pela atmosfera do feminino. Quem cuidava deles eram mulheres, parteiras e rezadeiras. Parir e nascer era um evento familiar e acontecia nos domicílios. A medicina ainda não tinha adentrado estes domínios. Com a missão de diminuir a mortalidade materna e neonatal, aos poucos, o parto foi sendo transferido para os hospitais e este passou a ser considerado o lugar mais seguro para acolher o recém-nascido. Novos recursos foram sendo criados com a proposta de ajudar esta mulher e este bebê. O parto passou a ser um evento médico e com o passar do tempo as forças naturais e espirituais que ali também se revelam parecem ter sido esquecidas, ou pelo menos, desvalorizadas. Hoje em dia, no Brasil, mas também em muitos lugares do mundo, pouquíssimas mulheres têm tido a oportunidade de entrar em trabalho de parto e de experimentar as forças de seu próprio corpo. A mortalidade diminuiu, mas junto com ela caiu por terra a grandiosa oportunidade de auto superação que a natureza engenhosamente pode proporcionar às mulheres. É como o balançar de um pêndulo, antes totalmente natural, agora totalmente mecânico. O que o novo olhar do movimento de humanização do parto propõe é que o equilíbrio seja buscado. No centro do caminho pendular está o respeito as forças femininas atrelado ao uso da maravilhosa tecnologia moderna. Feminino e masculino de braços dados por um mesmo objetivo: resgatar o maravilhamento diante do nascimento do novo; resgatar a reverência com relação às forças da natureza e cuidar deste momento atrelando tradição e modernidade sob a hedge da devoção seja onde e como este bebê vier ao mundo.

Infelizmente muitas mulheres relatam ter vivido este momento como uma profunda violência. Introjetaram a ideia de que o corpo feminino é defeituoso e potencialmente ameaçador para seus filhos. São feridas por uma ação profissional que desqualifica a vivência individual, a sabedoria intuitiva e o vínculo entre mãe e bebê a ponto de intervir de forma arbitrária, usando manobras de rotina, transformando um evento único em um ato massificado e corriqueiro. “É muito comum que uma mãe passe anos de sua vida tentando curar este

ferimento, que na verdade foi causado por nós (cuidadores) quando, desnecessariamente, interferimos em algo que, de tão simples, não parecia importante.” (WINNICOTT, 2006, p.11). Os profissionais de saúde precisam, então, ter os sentidos despertos. Precisam ter a sensibilidade de receber cada bebê como o milagre que ele é.

Trata-se de levar médicos e enfermeiras a compreenderem que, se por um lado são necessários, e muito, quando as coisas vão mal do ponto de vista físico, por outro, eles não são especialistas nas questões relativas à intimidade, que são vitais tanto para a mãe quanto para o bebê. Se começarem a dar conselhos sobre essa intimidade, estarão pisando em solo perigoso, pois nem a mãe, nem o bebê precisam de conselhos. Em vez de conselhos, eles precisam de recursos ambientais que estimulem a confiança da mãe em si própria (WINNICOTT: 2006, p.22).

Infelizmente, muitos bebês chegam a este mundo já marcamos por uma atmosfera de violência. São recebidos de forma violenta quando as práticas de cuidado com o recém-nascido não estão permeadas de sensibilidade, mas de técnica. Quando se imagina que o bebê ao nascer precisa ser salvo, quando não se confia nas suas próprias capacidades orgânicas de se adaptar ao novo mundo e se pretende melhorá-las. As “melhorias” das intervenções obstétricas, na maioria das vezes, atrapalham o firmar de um emocional no bebê embevecido de um véu de cuidado. É preciso que se entenda que tudo o que acontece com um ser que acabou de chegar ao mundo fica marcado, instaura suas primeiras percepções deste mundo. Ele não pode ser agredido, sequestrado de tudo o que conhece:

E havia luz demais para seus olhos. De repente um repuxão; ajeitavam-no, mas ele não sabia: só tinha mesmo era o terror de rostos inclinados para o seu. E ele não sabia de nada. E não podia se mexer livremente. As vozes que para ele eram trovões, só uma voz era cantante: ele se banhava nela. Mas logo em seguida era depositado e vinha o terror e ele gritava entre as grades e viu cores que depois ele entendeu que eram azuis. O azul o molestava e ele chorava. E o terror das cólicas. Abriam-lhe a boca e depositavam coisas ruins na boca, ele engolia. Quando era a voz cantante que lhe dava coisas ruins, ele suportava melhor. Mas era logo depositado entre as grades. Sombras gigantes rodeavam-no. E então ele gritava. A mínima luz de tudo isso é que ele acabará de nascer. Tinha cinco dias de nascido. (LISPECTOR, C: 1999, p. 141-142)

O que realmente salva o bebê nessa passagem de um mundo ao outro é a “voz cantante” de sua mãe que lhe diz: “eu estou aqui, está tudo bem”, e ele se acalma. Ela pode ser o céu na terra para ele, basta que deixem que ela seja. Do contrário ele cresce da forma lindamente traduzida por Clarice Lispector (1999, p. 141-142)

Depois de mais velho ouviu sem entender: 'Este menino já não dá trabalho, mas quando nasceu dava choros e urros. Agora felizmente é mais fácil de criá-lo'. Não, não era fácil, nunca seria fácil. O nascimento era a morte de um ser uno se dividindo em dois solitários. Agora parecia fácil porque ele aprenderá a manejar o seu terror secreto que duraria até a morte. Terror de estar na terra, com uma saudade do céu.

Diante de uma percepção transdisciplinar da autora desta pesquisa, surgiu o desejo de desenvolver este trabalho dentro de uma área de saber que pudesse dar um tom de intercessão entre as áreas da saúde/psicologia, espiritualidade e biologia. Por este motivo ela foi enquadrada dentro do campo da Ciências da Religião, mesmo sem ter como objeto nenhuma denominação religiosa específica. Partindo de um conceito de espiritualidade ampla desenvolvido por Leonardo Boff, a autora se entregou ao desafio de ressaltar o fundo espiritual que se insere no evento do nascimento e de como a atmosfera de cuidado pode revelá-lo.

Entendidas como forças poderosas, as múltiplas divindades representam os muitos centros energéticos e as diferentes fontes de sentido que estruturam a interioridade humana. Esta interioridade é habitada pela Divindade. Por isso somos seres espirituais além de corporais e psíquicos. Espiritual e psiquicamente não somos monoteístas, mas plurais. Temos muitos centros vitais e não apenas um. Nem somos dominados por um deles, seja a razão, seja o poder, seja o desejo, seja o coração. Mas somos perpassados e circundados por muitos; eles fazem a vida humana dinâmica e também dramática. Todos, pois, se encontram articulados na existência singular de cada pessoa. Através de cada uma dessas energias temos acesso à Energia superior que habita no universo e no coração humano. (BOFF: 2002, p.38)

O desafio é captar o emocional espiritualizado das relações humanas e perceber como ele pode ser cultivado desde o início da vida. Três autores permeiam esta pesquisa. Além de Leonardo Boff e Winnicott, já apresentados aqui, Maturana desenvolve o que ele chama de *Biologia do Amor*, e contribui para a compreensão de como através do resgate do encantamento sobre a relação materno infantil é possível transformar o emocional humano no sentido de uma convivência baseada em práticas de cooperação, fraternidade e cuidado. A título de aprofundamento da pesquisa, mas também com o intuito de trazer um olhar mais atual ligado à prática dos cuidados oferecidos às mães e aos bebês, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio e transcritas pela pesquisadora, com cinco profissionais de referência ao assunto. As falas dessas pessoas foram utilizadas ao longo da dissertação e após cada uma são identificadas com as iniciais de seus nomes entre parêntese e a sigla CP que passa a designar “comunicação pessoal”. Eis os profissionais:

Francisco Vilela - Médico ginecologista e obstetra, homeopata e acupunturista. Atua há trinta anos pela a humanização do parto no Rio de Janeiro -RJ. Realiza partos naturais hospitalares e domiciliares. Protagonista em Saúde Psicossocial. A entrevista foi concedida em novembro de 2013. Sigla correspondente às suas falas: (FV-CP).

Kira Young – Doula e Enfermeira obstétrica, agora mãe (estava grávida quando a entrevista foi concedida). Atua há doze anos no Rio de Janeiro - RJ basicamente com partos

domiciliares e preparação corporal de gestantes para o parto. Entrevista realizada em novembro de 2013. Sigla correspondente às suas falas: (KY-CP).

Laura Uplinger – Psicóloga, educadora no âmbito da maternidade e paternidade conscientes no período que se estende da preconcepção ao final da amamentação. Palestrante internacional, nos últimos trinta e cinco anos, vem transmitindo a casais grávidos, profissionais de saúde e autoridades públicas a importância da vida pré e perinatal. Membro da ANEP - Associação Nacional para Educação Pré-Natal. Entrevista realizada em novembro de 2013. Sigla correspondente às suas falas: (LU-CP).

Leonardo Boff – Teólogo, escritor e professor. Um dos iniciadores da Teologia da Libertação. Reconhecido conferencista no Brasil e no exterior nas áreas de teologia, filosofia, ética, espiritualidade e ecologia. Entrevista realizada em outubro de 2013. Sigla correspondente às suas falas: (LB-CP)<sup>2</sup>

Ricardo Jones – Médico ginecologista e obstetra, homeopata. Atua em Porto Alegre - RS. Coordenador nacional e membro do Conselho Consultivo da Rehuna – Rede pela Humanização do Parto e Nascimento; Representante do CIMS – Coalizão para a Melhoria dos Serviços de Maternidade – para o Brasil e América Latina. Palestrante internacional sobre a humanização do parto e nascimento. Entrevista realizada em maio de 2014. Sigla correspondente às suas falas: (RJ-CP).

Com o objetivo de contemplar também uma fala materna, ilustrar o que é apresentado pelos autores e para tocar de modo sensível o coração dos leitores, foi realizada uma entrevista, também em áudio e transcrita, com uma família que teve a oportunidade de receber sua filha em casa, num parto domiciliar, sob uma atmosfera de respeito, inundada por uma espiritualidade de fundo que pautou suas escolhas. A entrevista com a família foi considerada como um depoimento, pois foi feita somente uma pergunta: “me conta o nascimento da sua filha...”. Foram utilizados também depoimentos espontâneos em sua grande maioria recolhidos em redes sociais. Todas estas contribuições são identificadas pela letra D entre parênteses acrescidos da data em que foram recolhidos ao final: (D). São trazidas também pérolas da

<sup>2</sup> Algumas citações de livros de Leonardo Boff e Ricardo Jones também foram utilizadas na dissertação. Neste caso, as citações são referendadas diretamente as obras dos autores obedecendo as regras da ABNT, sendo assim diferenciadas das falas concedidas nas entrevistas.

literatura que iluminam a sensação de encantamento quando o olhar sensível percebe esse momento.

No primeiro capítulo do presente trabalho discorre-se sobre os períodos da fecundação, gestação e parto. O propósito da redação aqui foi partir de analogias com a natureza e do ponto de vista do bebê retratando esse momento de pura sensibilidade. Foi criada também uma narrativa paralela que costura o desencadeamos dos eventos como se fosse um “conto de fadas”. Esta parte aparece destacada dentro de um *box* e em itálico. A autoria do “conto” é da própria pesquisadora e está baseado em sua experiência como mãe, doula e psicóloga. O segundo capítulo abrange, de forma mais acadêmica, porém ainda buscando cativar a sensibilidade, as questões dos cuidadores, primeiramente as mães e os pais, depois os cuidadores profissionais - Médicos e Enfermeiras - que se dedicam a este momento da existência e por último foi apresentada a função da figura da Doula, profissão recentemente instituída no cenário obstétrico, que vem como um elemento de ligação entre as famílias e os profissionais. Buscou-se entender que tipo de valores e crenças fundamentam cada atuação e a importância de se cativar um olhar singular e tocado pela espiritualidade por parte destes cuidadores. No terceiro capítulo buscou-se estabelecer as fronteiras do que está sendo caracterizado como Espiritualidade em sentido amplo, acrescida da Espiritualidade do Cuidado. Sinalizou-se que este cuidado é o que fundamenta as ações dos homens e das mulheres como fundamentalmente humanas. Finaliza-se com a percepção do amor como fundamento das relações humanas e com a perspectiva de que este tipo de emocionar pode realizar transformações profundas em uma sociedade como a que se vive atualmente.

Considero que o ponto novidadeiro da pesquisa pode ser sintetizado em palavras como comunhão, mutua dependência e pertencimento. Este é um dado que não estava em minha consciência antes do início do trabalho. Ele foi ganhando força ao longo das leituras e espero que tenha sido minimamente abarcado aqui. Finalizo este percurso profundamente transformada.

## 1 A EXPLOSÃO DA VIDA

Moon Landing  
“They say  
They reached the moon  
Planted a flag  
A flag stiffened of course  
(no gods breathe ther)”  
  
“My moon has no flag  
No stiffened flag  
Its life is in its active beauty  
Its variabel light  
Its luminosity”  
(WINNICOTT, 2011, p. 211)<sup>3</sup>

Nascer é cruzar o véu que separa duas formas de existir. A primeira, dentro do ventre, existência passiva, entregue, disponível. Um ser totalmente criado, envolvido e nutrido por um outro ser. Dentro do casulo materno o bebê não percebe a existência de forma consciente, apenas flui conforme o ritmo do desenvolvimento celular, embalado pelos sentimentos e sensações da mãe. A segunda existência é a experiência no tempo e no espaço, repleto de afetos e limites, onde se desperta a individualidade, a consciência. Um ser totalmente dependente caminha para sua autonomia. Nesta primeira parte da pesquisa investiga-se qual a experiência do bebê antes de nascer, experiência esta chamada de primordial e que vem investida de um grande mistério. Apesar de todos os seres humanos terem passado por um período intrauterino, a memória concreta dessa experiência ficou perdida em algum lugar. O exercício aqui é tentar imaginar/recordar esse modo de ser a partir do conceito de solidão essencial de Winnicott dialogando com descobertas recentes do campo da psicologia e neurociência, e com a percepção

<sup>3</sup> Pouso na Lua: Eles dizem/que chegaram à Lua/fincaram uma bandeira/bem estática/(nenhum deus lá respira). Minha Lua não tem bandeira/Nenhuma bandeira esticada/A vida na minha Lua se encontra em sua beleza ativa/Sua luz variável/Sua luminosidade. (Tradução do original).

de alguns autores como Merton e Eliade acerca deste momento da existência. A narrativa é ilustrada com relatos de gestantes e pérolas da literatura.

### 1.1 EXPERIÊNCIA PRIMORDIAL

Os primeiros pios dos pássaros que despertam marcam o *point vierge* da aurora sob o céu ainda desprovido de luz real. É um momento de **temor reverente** e de inexprimível inocência, quando o Pai, em **perfeito silêncio**, lhes abre os olhos. Eles começam a falar-lhe, não em um cantar fluente, mas com uma **pergunta despertadora** que é o estado da aurora deles, seu estado no *point vierge*. Sua condição pergunta se **é o tempo** para eles de **“ser”**. Ele responde “sim”. Então, um por um, eles despertam e se tornam passarinhos. Manifestam-se como passarinhos e começam a cantar. Dentro em pouco, eles se **tornarão plenamente o que são**, e até voarão. (Merthon: 1970, p. 151)

Essa observação inspirada da natureza, resume de forma magnífica como um humano se desenvolve emocionalmente e que tipo de apoio precisa. Primeiro acontece um período de noite silenciosa e escura, quando habita o espaço do existir sem ainda ser. É o lugar da potencialidade. Gestação, elaboração, preparo, expectativa e uma certa qualidade de silêncio contemplativo. Por mais que, daqui de fora, seja possível iniciar uma vida, através das tecnologias de fertilização; intervir, através de exames e cirurgias; e acompanhar, através de avaliações de pré-natal, nenhum ser humano ainda pode ser formado fora desse lugar. Não está sendo referido somente o útero, mas uma mulher, uma pessoa com história, desejos, vida. Vida por excelência, transferida para este novo ser. Nossa experiência primordial é ser criado, formado e nutrido por um ser maior em comunhão absoluta. Este silêncio gerado pela comunhão, esta qualidade de simplesmente se deixar formar, caracterizam uma experiência de entrega e confiança na hospitalidade sagrada de alguém. Uma profunda entrega ainda conectada com o mistério que gera a vida. Porém, as experiências da mãe vividas no mundo exterior influenciam na qualidade desta hospitalidade e isso de alguma forma chega ao fruto, ao bebê, interfere em sua formação física e emocional. Assim como a qualidade da terra, da água e do ar influenciam no sabor da fruta a ser colhida. Antes de ser, o bebê está sob a égide dessa inexplicável inocência a que Merton se refere. Um ponto ainda virgem que precisa ser cuidado, pelos daqui de fora, com um sentimento de temor reverente a esse mistério. Entende-se por temor reverente uma compreensão profunda da grandiosidade do que está acontecendo que se expressa de maneira respeitosa através do cuidado, um cuidado que envolve e nutre a mulher, afetiva e fisicamente, assim como ela faz com o bebê.

E quando chega a hora da aurora o perfeito silêncio traz algo novo ao bebê e ele faz a pergunta despertadora, à Mãe, ao Pai, à Terra, “é tempo de ser”? A resposta nem sempre é animicamente afirmativa, pois isso depende muito de como essa mulher foi nutrida e de como ela recebeu essa nutrição ambiental, mas digamos aqui que sim. Esta mãe se alegra com os primeiros sinais do despertar de seu passarinho e se abre para o novo ser.

### 1.1.1 Concepção criativa

*Era uma vez, há muito tempo, em algum lugar entre o que já existia e o que estava ainda por existir, dois seres que movidos pela força de um desejo que ultrapassava as margens da razão, se encontram. Duas individualidades polares, duas pessoas, se olham e não conseguem mais ser somente um. Dois princípios, um masculino, outro feminino, conectados: algo do outro passa a pulsar dentro de cada um. Os corações disparam, as peles se arrepiam e uma força irresistível atrai os dois corpos para um entrelaçar físico, atendendo ao chamado do espírito, algo que as palavras não alcançam. Amalgamando histórias de vida, sonhos, crenças, esperanças e temores, no momento exato a fusão faz existir um terceiro elemento, um terceiro coração passa a habitar o corpo de um deles. Agora duas almas batem em harmonia onde todas as forças primordiais parecem estar presentes e unidas para gerar uma nova vida que consiste numa perfeita e complexa combinação daqueles dois primeiros seres entregues a força da paixão. Sangues, células, átomos, respiração... nunca nada mais será o mesmo para essas duas pessoas. Mesmo sem consciência, algo grandioso tem início.*

*Quando um óvulo, princípio da qualidade feminina receptiva e fecunda, é atingido por um espermatozoide, principio masculino ativo e desbravador, um singelo ponto boiando no infinito começa a se transformar. Uma dança rara provoca combinações sincrônicas e logo, deste minúsculo círculo perfeito se formam centenas, depois milhares e em seis semanas algo que era apenas fluxo, vira nó. Ganha cadência, ritmo, pausa e ação, contração e dilatação, sístole-diástole: um coração. As forças cíclicas da natureza já imperam neste ser que movido por uma confiança primordial se entrega à vida por excelência.*

Sejam quais forem as circunstâncias que envolvem este momento, ele é sempre uma criação. Uma fusão de dois seres criando outro. Um contínuo de tecelagem que traz consigo uma sabedoria divina em essência, pois não é regido por forças humanas ou materiais. É possível descrevê-los, acompanhar e admirar o processo, senti-los em plenitude, mas não há controle e muito menos garantias. É a explosão da vida banhada pelo mistério revelador transformando a matéria e esta se abrindo ao gesto espontâneo da criação. Uma mulher está agora com uma outra pessoa dentro do seu ventre. Independentemente de sua consciência sobre este fato, independentemente de seus sentimentos com relação a sua gestação, todas as células de seu corpo se dedicam a formar e nutrir este novo ser. Vou repetir: independentemente de sua consciência, ou seja, da parte que nos caracteriza como humanos; e independentemente do tipo de sentimento que esta mulher possa cultivar com relação à gestação e ao bebê, ou seja, da parte que liga os seres humanos aos mamíferos; suas células, comandadas pela porção mais primitiva de seus corpos, a que evolutivamente os liga aos répteis, trabalham em conjunto para materializar um ser humano, não um cabrito, ou uma flor. Nesse momento cada mulher, assim como cada fêmea de todas as espécies, se compara à Terra, à Grande Mãe Terra, que dá nascimento a todos os seres (ELIADE: 2001, p.117).

Está se falando do “mistério central do mundo” (ELIADE: 2001, p.123) do ato da criação da vida, especificamente da vida humana. Neste sentido, parece importante dedicar uma especial atenção a essas duas células que unidas geram o ser humano. Porém, isso pode levar a caminhos distintos. Se a atenção for voltada para a matéria de forma antropocêntrica, às células desprovidas de mistério, toma-se a trilha científica, seca e linear, que leva a experimentos de laboratório, como fertilização *in vitro*, clonagem, manipulação genética. Por outro lado, se uma percepção ampla do fenômeno da vida for acrescentada a este olhar, chega-se a uma clareira iluminada onde estas mesmas duas células ocupam um lugar muito próximo da simplicidade singela do sagrado, assim como ressalta Eliade (2001: p. 119):

A gestação e o parto são versões microcósmicas de um ato exemplar realizado pela terra; a mãe humana não faz mais do que imitar e repetir este ato primordial da aparição da vida no seio da Terra. Por isso a mãe humana deve colocar-se em contato direto com a Grande Mãe, afim de se deixar guiar por ela na realização do grande mistério que é o nascimento de uma vida, para receber dela as energias benéficas e encontrar aí a proteção maternal.

A união do polo masculino com o polo feminino da vida e todo o desenrolar dessa criação, se encaradas a partir de uma perspectiva da espiritualidade ali circunscrita, evocam atitudes de respeito e admiração, de cuidado e confiança, de paz e aceitação. Pois se trata de um

dentro do outro. “O pequenino contido pelo grande, o grande contendo o pequenino. Podemos considerar que neste primeiro momento dá-se o primeiro nascimento do novo ser” (WILLHEIM: 2006, p.27). Encarar o momento da concepção como o primeiro nascimento abre uma perspectiva nova dentro dos estudos científicos em torno do mistério da vida. A busca por respostas a perguntas inquietantes como onde começa a vida humana ou onde começa a consciência, tem estimulado muitos estudos e experimentos que tem como alvo estas duas células que unidas formaram cada ser humano singular que habita nosso planeta. A discussão entre o determinismo genético ou ambiental já não é nova. É mais um exemplo do movimento pendular que embala as ciências. Mas estudos recentes apontam para uma tentativa de integrar estes dois extremos. O encontro das duas células primordiais e os primeiros estágios da gestação eram tradicionalmente encarados como momentos não muito determinantes no desenvolvimento do bebê que está no ventre, porém alguns pesquisadores começam a compreender o início da vida de uma maneira diferente:

Na verdade, o grande peso da evidência científica que surgiu durante a última década exige uma reavaliação das faculdades mentais e emocionais das crianças por nascer. Acordadas ou dormindo, os estudos mostram que elas estão constantemente sintonizadas com todo e qualquer ato, pensamento e sentimento da mãe. Desde o momento da concepção, a experiência no útero modela o cérebro e constrói os alicerces da personalidade, do temperamento emocional e da capacidade de pensar abstratamente. (VERNY; WEINTRAUB, 2014, p. 41)

Alguns estudiosos, como Laura Upliger e Eleanor Madruga Luzes<sup>4</sup>, destacam a importância do que tem sido nomeado de concepção consciente. Se é verdade que o bebê está totalmente sensível aos sentimentos, pensamentos e sensações da mãe desde seu primeiro nascimento, e que a concepção permanece de alguma forma como experiência arquivada nas memórias celulares<sup>5</sup>, este seria um chamado para que as pessoas se preparassem para conceber um filho. Porém, não se trata somente de uma preparação material financeira, como poderia de forma simplista pensar a sociedade atual, mas sim de uma preparação profunda relacionada

4 Eleanor Madruga Luzes, Médica, Doutora em Psicologia pela UFRJ com o tema Ciência do Início da Vida.

5 “À medida que a criança por nascer se torna gradativamente mais consciente, passando de um único óvulo e um único espermatozoide para um feto, com todos os sentidos inteiramente funcionais aos seis meses de gestação, ela experimenta o mundo de duas formas complementares – uma através dos sensores moleculares de toda e qualquer célula; a outra, através da rede do cérebro. É o segundo passo – o estabelecimento de redes neurológicas maduras que constituem o sistema nervoso central e o cérebro – que é necessário para a consciência. Mas a corrente de experiências inconscientes que passa por nossas células influenciará nosso ser enquanto vivermos.” (VERNY; WEINTRAUB, 2014, p. 49)

primeiramente a uma escolha, à decisão de conceber. Trazer um novo ser ao mundo é uma tarefa grandiosa e profundamente transformadora, porém, apesar de todos os avanços das tecnologias de controle de natalidade, muitos casais ainda são surpreendidos por uma gestação sem ter passado por um processo de questionamento interno referente ao seu real desejo de se dedicar a um outro ser por toda a sua via. Ter um filho é decidir se dedicar a um projeto por toda a vida. Quando este projeto é fruto do acaso e não chega a se tornar uma meta na vida do casal que concebeu, a criança pode ser encarada como um objeto, muitas vezes como objeto de consumo, que precisa se comportar, se vestir, e que é disposto de acordo com os desejos ligados muito mais a aparências sociais do que a uma interação entre dois seres que se completam e se enriquecem mutuamente. Este processo cria relações superficiais e frustrantes. A primeira grande marca que se instaura no novo ser está relacionada ao fato dele ser ou não desejado por seus pais.

Do mesmo modo, esta escolha, este desejo, passa também por um processo de busca por autoconhecimento e por questionamentos de valores instituídos. A partir do movimento de uma busca interior por memórias afetivas relacionadas a como a própria concepção, gestação e chegada no mundo aconteceram, pais e mães podem provocar mudanças que se expressam especialmente no autocuidado e que se reverberam em suas relações em todos os níveis. De maneira geral, cada ser humano carrega uma enorme variedade de toxinas físicas resultantes da exposição a poluição, agrotóxicos e estresse<sup>6</sup>. Em suas memórias conscientes, mas principalmente inconscientes, carregam frustrações, raivas, mágoas, pensamentos autosabotadores, temores, crenças, etc. que precisam ser ressignificados internamente para não serem compulsoriamente transferidos aos descendentes.

O fato de sermos formados de átomos, que criam as moléculas, que criam as células, que criam os órgãos e tecidos, que formam os seres, liga-nos de maneira horizontal e vertical a todos que vivem, inclusive à Terra, grande organismo continente da criação. Esta matéria que nos constitui e que habitamos é semelhante em todos os seres. É a vida se criando e recriando. Neste recriar há um coeficiente de repetição e de memória, mas há um mundo de possibilidades

6 “Os problemas emocionais da mãe grávida levam a uma produção maior de hormônios do estresse, principalmente o cortisol e a norepinefrina. Estes, por sua vez, têm efeitos adversos sobre a regulação dos genes, propiciando uma destruição excessiva de neurônios e sinapses, alterando a organização e a função do cérebro e prejudicando a capacidade futura do bebê enfrentar o estresse. O lado positivo dessa informação é que as mães e pais conscientes dos prejuízos que o estresse pode causar podem agir no sentido de amenizar as ansiedades que estiverem a seu alcance aliviar” (VERNY; WEINTRAUB: 2014, p. 74).

de se fazer novo, diferente, melhor. Isso parece demonstrar que existe uma ligação biológica entre todos os seres, mas que como seres humanos, chegamos a uma consciência individual peculiar. Todo novo ser constitui um ponto virgem<sup>7</sup>, fresco e aberto para a apreensão da vida, mas ao mesmo tempo, carrega todas as informações genéticas contidas nas duas células que o originaram. O sentir e o pensar de uma mulher que gesta não influenciam no fato de que as células em conjunto formarão um ser humano, mas o pensar e o sentir influenciam diretamente a qualidade com que este novo ser será formado, pois todos os acontecimentos de célula a bebê “ficam registrados numa memória.” (WILHEIM: 2006, p.24). A combinação desses registros ancestrais cria um todo, um corpo com a potencialidade de se tornar consciente e dotado de razão, mas que é regido por uma qualidade emocional. A evolução realmente humana só se dá a partir da atenção consciente, mas consciência não se limita a razão. “Porque só a razão não dá conta da realidade, antes dela tem todo o mundo afetivo, acima dela tem a contemplação, tem a visão da inteligência que vê dentro das coisas” (LB-CP). É este algo a mais humano que vem sendo esquecido nos tempos atuais e que precisa ser retomado, requalificado nas relações. “Nessa área de funcionamento *real*<sup>8</sup>, deve-se lembrar que um bebê pode ser *concebido* de modo não-criativo – ou seja, sem ter *sido concebido*, sem que tivesse chegado a ser uma ideia na mente. Por outro lado, um bebê pode começar no exato instante em que é querido pelos dois parceiros” (WINNICOTT: 2011, p.33). Ser objeto do querer consciente, fraterno e disponível pode ser o maior presente que um novo ser pode receber: ser querido antes mesmo de existir ou existir antes mesmo de ser concebido.

### 1.1.2 Solidão essencial

*Imagine agora a plácida sensação de ser um ponto boiando no infinito.... Nós somos porque pertencemos. O mar é feito de gotas de água que se uniram.*

Para Winnicott (1988), ainda no útero materno, o bebê passa pela experiência de simplesmente ser. Vivencia um estado de completa entrega e dependência ao meio, mas, ao mesmo tempo, de completo isolamento. Embalado no ventre, o neném não tem consciência de sua própria existência, nem mesmo da existência do ambiente que o envolve e lhe oferece todo

7 Thomas Merton. *Reflexões de um espectador culpado*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 151.

8 Em itálico no original.

o suporte, nutricional e emocional, necessários para a manutenção de sua vida e materialização de seu corpo. Há uma unidade completa entre ambiente e indivíduo. Algo que o autor chamou de um estado de *não-integração*<sup>9</sup>. Este estado de fusão total é anterior à *integração* - quando o indivíduo passa a se perceber como uma unidade e pode, então, se relacionar com o outro como um não-eu. O autor diferencia o estado de *não-integração* do estado de *desintegração*. A *desintegração* consiste em uma perda da *integração* - quando o ambiente de alguma maneira provoca um rompimento na continuidade de ser do indivíduo e este passa a reagir ao meio de forma adaptativa, desenvolvendo sintomas e dificuldades relacionais. Ou seja, a *não-integração* inerente ao período de preexistência do indivíduo está ligada a uma plenitude, uma solidão essencial que nos lança a este paradoxo: tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima.

O reconhecimento teórico desse estado de preexistência totalmente dependente é central para que se pense como nasce no humano o sentido do cuidado. Partimos de um estado de confiança primordial por excelência em relação ao ambiente, no caso a mãe, e seguimos rumo à autonomia, mas nunca à total independência. Pode-se dizer que o ambiente favorável torne possível o progresso continuado do processo de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial (WINNICOTT: 2007). Ou seja, o estado de dependência possibilita o *vir-a-ser* na criança. Este processo consiste basicamente em a criança gradualmente começar a perceber e se relacionar com o mundo. Então, no início há apenas uma fusão na existência, e aos poucos, com as interações e cuidados, o bebê começa a vivenciar momentos onde esse estado é perturbado. Isto, dentro de um processo natural de desenvolvimento, leva os bebês a se perceberem como uma unidade; passam a experimentar o interior e o exterior como coisas distintas; dentro de um contexto de saúde, as falhas do meio levam a integração do *self*. Porém, esse bebê que agora se percebe diferenciado da mãe, ainda precisa da presença confiante dela para continuar seu desenvolvimento emocional saudável, isto porque a constituição de um *self* individual capaz de separar-se do mundo, repudiando-o como não-eu, é “claramente dependente de um contexto capaz de sustentar esse processo e sobreviver a ele” (MIZRAHI: 2010, p.107). Adultos saudáveis são pessoas autônomas e por autonomia pode-se entender que são capazes de se

9 Winnicott desenvolve uma complexa teoria do desenvolvimento emocional humano, mas não cabe aqui uma análise profunda de seus conceitos. Farei somente uma apresentação superficial, levando em conta aspectos que destacam a condição de dependência do bebê, sem entrar nos jargões psicanalíticos.

relacionar socialmente com empatia, preocupação e cuidado, mas que também são capazes de cultivar um espaço de solidão, sem com isso perder o sentido da conexão com o ambiente. Ou seja, mesmo sozinhos, continuar se sentindo existindo, continuar se sentindo acompanhados. A grosso modo, os cuidados maternos teriam estabelecido internamente um espaço de autocuidado e um sentido de pertencimento amplo. “A capacidade de ficar só depende da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo.” (WINNICOTT: 2007, p. 34)

Para Winnicott, a condição de se sentir em paz na solidão, ou a capacidade de ficar só, ou ainda, a capacidade de ter esse sentido de solidão preservado mesmo no meio da multidão, é um dos maiores desafios humanos. Somente neste estado de “solidão acompanhada” é que seria possível um viver criativo, espontâneo e relaxado<sup>10</sup>. “Poder ficar só é um objetivo para qualquer ser humano pois, afinal de contas, a grande companhia que carregamos vida afora é nossa própria pessoa. Somos, definitivamente, companheiros de nós mesmos na jornada da vida e tristes aqueles que não conseguem se realizar consigo próprios nesta trajetória.” (MELLO F.: 1989, p.52)

Thomas Merton também se dedicou ao tema da solidão e chegou a um posicionamento semelhante ao de Winnicott. Aqui as palavras de Sibélius Pereira (2014, p. 217) sobre as ideias de Merthon:

[...] o vazio do verdadeiro solitário está marcado por uma grande simplicidade, por uma espécie de candura; vivendo em profunda compreensão e simpatia, há nele grande pureza de amor, sendo, de fato, não alguém que procura a solidão, mas, antes, alguém que já a encontrou ou foi por ela encontrado. E antes de um luxo espiritual, a descoberta da soledade interior insere o solitário em uma situação de total dependência.

Para Merton, o espaço criado pela solidão seria o lugar onde Deus habita no humano, o ponto virgem. Em outras palavras, a centelha divina. E muitas vezes o desejo de alcançar esse estar sozinho é bloqueado por diversas ansiedades, e por fim “ele se oculta no interior da capacidade da pessoa saudável de estar a sós e se fazer cuidar por uma parte do self especialmente destacada para tomar conta do todo.” (WINNICOTT: 1990, p.154) A gestação pode se apresentar para a mulher como um momento de retomada desse espaço interno de acolhimento de si mesmo, de aceitação e reconhecimento; basta que ela aprenda com seu bebê a simplesmente ser, enfrentando os percalços do caminho com uma conexão interior. E como uma via de mão dupla, quando a mãe se dedica a essa conexão interior e cultiva o florescimento

10 Relaxado no sentido de não tenso.

de sentimentos positivos como amor, alegria e harmonia, serão estes os alimentos recebidos pelo neném. Renata Coelho (2013, p.118) se refere à importância do líquido amniótico na gestação e descreve que este ambiente interno habitado pelo bebê, é capaz de lhe oferecer a formação física, mas também e primordialmente, amor e sustentação por todos lados:

A pressão do líquido amniótico tem o sentido de expressão de amor e cuidado que possibilitam ao bebê estar e continuar em unidade com a mãe. A pressão se altera ao longo da gestação com o próprio crescimento do feto, e prepara o bebê para a grande mudança na pressão corporal que vai ocorrer com e após o nascimento. É possível examinar as alterações mais significativas do líquido amniótico e sua relação com a psicologia da experiência pessoal do bebê. O ambiente uterino repleto do líquido amniótico pode ser tão vital para o desenvolvimento emocional como para o desenvolvimento físico do feto.

### 1.1.3 O sabor da espera

*E o tempo vai passando, o mundo de dentro vai crescendo enquanto o mundo de fora parece todo diferente para esta mulher. Novas percepções, novas prioridades e a atenção naturalmente voltada para o próprio umbigo, como se de repente o universo inteiro girasse ao redor daquela barriga.*

Lembro do dia que descobri uma habitação estrangeira em meu corpo. Fiquei perplexa. Primeiro pela maneira improvável como tudo tinha acontecido. Depois pelo desafio: amar um homem já era desconcertante, gerar um filho desse amor era desnudar esse afeto para o mundo de maneira radical e bela, de uma beleza rara que não existe sem algo de estranho nas proporções. Tudo me parecia demasiado, convulsivo, obscuro. Estava grávida e passei dias embriagada e com medo dessa descoberta: não havia nada mais extremo do que dividir seu corpo para caber ali outra existência, nada mais alucinante do que ter as mãos trêmulas de tanto sonhar em pegar no colo essa outra existência. Desprevenida e tomada pela surpresa de intensidade inesperada, procurei minha própria grafia estendida no lugar comum: gestante não era nomeação que cabia em mim. Era o mundo que estava grávido comigo, prenhe de sentidos e emoções novas. Foram tantos meses onde caminhei por um território da incerteza, vendo surgir em mim um amor sem medida. Nas andanças por laboratórios e cartilhas que me eram apresentadas, recusei sistematicamente tudo que massacrava a dimensão da experiência singular que surgia. Um filho era também uma fera me espreitando, uma loucura, um amor que denunciava minha humanidade e minha precariedade. (D. 05/2014)

Uma mulher grávida experimenta muitos sabores e ela precisa se acostumar a eles. Destaca-se aqui a palavra perplexidade que se remete ao temor reverente. Saber que se carrega dentro de si um outro ser é grandioso demais e faz a mulher percorrer caminhos internos repletos de desafios. Desnudar afetos, dispor-se ao mistério e ao mesmo tempo compor o mistério. Amor e medo são duas palavras que andam juntas no coração de uma mulher que gesta. Cada uma

acolhe ou rejeita esses sentimentos ambivalentes de maneira singular, mas sempre passa por eles. Ambivalência está na essência dessa espera: momento de maior potência e maior fragilidade; de encontro genuíno e de isolamento absoluto. Bom seria se cada mulher em particular e o ambiente a sua volta percebessem que a cada gestação o mundo inteiro está grávido também. Trata-se de um tempo de renovação. Amaladoss (2009) se refere ao período em que se vive hoje, após a vida de Jesus, mas antes de seu retorno, como o tempo do *Já-ainda não*. Tempo de concretização de seus aprendizados, tempo de espera. A gestação também pode ser percebida como um período de *já-ainda não*. O novo ser, dentro do ventre, já existe e interage, e esta existência influencia e também é profundamente influenciada pelo ambiente, mas ainda não é. Ainda não chegou. O processo do desenvolvimento da sua consciência de existir, ainda está em curso. Isto se remete ao aspecto de ainda-não-estar-vivo, assim nomeado por Winnicott (1990), que aprofundo mais adiante, a partir de outro depoimento:

Quando eu fiquei grávida fomos passar férias na Bahia, numa praia de desova de tartaruga. Eu estava andando na praia, quando começou a chover, praia deserta, norte da Bahia, praia totalmente deserta, não tinha nenhuma outra pessoa. Eu e meu marido andando na praia e começou a chover, mas como estava muito calor, a gente continuou andando. Estava chovendo, mas tudo bem. De repente parou de chover! E parou de chover só no lugar onde a gente estava. Para frente estava chovendo, para trás estava chovendo e onde a gente estava não. E, sabe aquele raio de luz que atravessa a nuvem, que é tipo o Divino Espírito Santo? Tipo, a representação da divindade na Terra? Aquele Sol atravessando! Daí eu falei: nossa, mas eu sou muito abençoada!! Agradei ao céu! E quando eu fui agradecer a Terra eu vi uma coisinha preta no chão! E era a tartaruguinha! Nesse lugar iluminado! E aí me emocionei muito, me conectei muito com aquela tartaruguinha e aí eu fiquei achando que ela era a minha filha, que eu tinha que ajudar ela a viver e aí a tartaruga me mostrou que ela não precisava de ajuda. Porque as tartarugas... eu aprendi muito a ser mãe com aquela tartaruga, com aquela mãe-tartaruga. Porque a tartaruga sai do ovo e vai atravessar a areia e o tempo todo que ela está atravessando a areia ela tem umas patas grossas de jabuti, assim, um ser réptil da terra, né? E de repente, quando ela vai entrando em contato com a água, as nadadeiras surgem e ela vai nadando, e ela vai nadando e ela aprende a nadar sozinha. Fascinante aquela tartaruga. E ela foi, rompeu a arrebentação, foi entrado no mar e eu fiquei ali fascinada, grávida. Aí eu fiquei muito interessada pela vida das tartarugas e fiquei sabendo que as tartarugas marinhas nascem daquele jeito, sem ver as mães, as mães não estão no mar esperando por elas. Elas vivem lá, sozinhas, vão para muito longe, nadam distâncias muito longas e depois de 25 anos de vida ela volta para a mesma praia para desovar. E eu estava com 25 anos! Eu fiquei muito, muito, emocionada (D. 11/2013).

Pode-se destacar dois aspectos muito significativos neste depoimento. O primeiro é o da entrega. Um bebê dentro do ventre não precisa de nossa ajuda. Claro, a mulher pode se alimentar melhor, vigiar seus pensamentos para que estes se tornem mais positivos, pode receber cuidados externos, mudar seu ritmo de vida, e isso tudo com certeza vai influenciar a

qualidade de desenvolvimento do bebê. Porém, ele não precisa da sua ajuda, entendem a sutileza? Algo vai fazer as “patas de jabuti se transformarem em nadadeiras” e a mulher não influencia diretamente esse processo. Ele precisa somente viver essa solidão compartilhada nutritiva e acolhedora. Precisa que a mãe esteja lá com ele, presente, e só. Laura Uplinger disse palavras preciosas nesse sentido:

A gente se apega tanto a ser mãe que se esquece que é uma função de trampolim. O que é a pequena família senão um trampolim para a grande família humana? A gente fica tão satisfeito: eu sou mãe! Aquela satisfação, mas a minha plenitude é ele ser um ser vivo. Que bom que inclui a maternidade, mas eu sou uma filha do universo e o meu filho também é um filho do universo, não é MEU filho. O sagrado do gestar e do nascer é um compromisso, é um contrato, que aliás é o único que a gente não deve romper, um contrato de vir aqui na matéria (CP).

A maternidade é presença e desapego. Esta presença leva ao segundo aspecto que pode ser destacado. A fascinação: “eu fiquei ali fascinada, grávida”. Os dois depoimentos nos revelam como uma gestação vivida em profundidade pode nos lançar rumo ao infinito. Cada uma, a seu modo, traduz uma conexão tanto imanente como transcendente. Um movimento que se expande simultaneamente para as duas direções e que carrega um aprendizado especial: fazemos parte de um todo e ao mesmo tempo somos uma unidade. A mulher gesta, nutre, embala, mas o objetivo é deixar-ser para a vida, e para a morte.

O estado anterior ao da solidão é um estado de ainda-não-estar-vivo, sendo que o desejo de estar morto é em geral um disfarce para o desejo de ainda-não-estar-vivo. A experiência do primeiro despertar dá ao indivíduo a ideia de que existe um estado de não-estar-vivo cheio de paz, que poderia ser pacificamente alcançado através de uma regressão extrema. Muito do que geralmente é dito a respeito da morte, na verdade se refere a este estado anterior ao estar-vivo, no qual o estar sozinho é um fato e a dependência ainda se encontra muito longe de ser descoberta. A vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-vivo. O primeiro dos dois, a partir do qual emerge o estar-vivo, dá colorido às ideias que as pessoas costumam ter sobre o segundo. (WINNICOTT: 1990, p.154)

Esperar é ter esperança. É se pôr a serviço, proporcionar a um novo ser essa possibilidade de ainda-não-estar-vivo de forma plena e fluída. É desenvolver dentro de si a paciência confiante nos ciclos, no tempo, na força da vida que traz e leva ao seu tempo. Passar pelo gosto amargo da ansiedade descrente e pelo o jeito doce de uma borboleta na primavera. A experiência de ainda-não-estar-vivo estando vivo dentro do universo emocional de uma mãe, que gentilmente se conecta à grandiosidade ambivalente do mistério e se fascina, pode ser o maior presente para uma nova vida. Ambivalente porque não existem só flores no caminho das

borboletas, mas há flores. Esperar, é um convite a enxergar as flores mesmo nos galhos secos do inverno. Porque “[...] as primaveras escondem-se nos outonos, e os outonos estão carregados de primaveras” (RUMI: 1992, p.117).

## 1.2) CRUZANDO O VÉU

*Lá dentro um novo ser é preparado. Vida em fluxo. E quando chega a hora certa, a hora da prontidão, algo muda o ritmo do fluxo. Como ondas que vem e vão, aquele corpo que antes nutria e carregava o bebê, passa a se esforçar para expulsá-lo. A mulher se aperta, vira do avesso como um boneco de pano. As forças da natureza cruel e implacável, se mostram como um mar revolto para mãe e filho, não fica nada no lugar. Ela está vivendo e propiciando o mais fantástico ritual de passagem que um ser humano pode atravessar (JONES, 2004, p.36). O bebê, fruto do encontro apaixonado de duas pessoas, vai nascer. A mulher, redonda e exuberante, fisicamente preparada para parir, se dá conta de sua própria fragilidade diante do momento e pede ajuda.*

Chegar nesse mundo, cruzar o véu que separa as duas formas de existir, é um momento crítico. O bebê precisa passar por uma porta estreita fazendo uma série de manobras de encaixe para poder seguir. Contrariando a lei da gravidade, nas últimas semanas da gestação a grande maioria dos bebês assume a apresentação cefálica dentro do útero materno, fica de cabeça para baixo, encaixado. A pelve da mulher é um conjunto formado por três ossos não articulados, mas que ao longo da gestação desenvolveram uma certa maleabilidade ligamentar para que a adaptação à passagem do bebê seja possível. A cabeça do bebê também se adapta ao canal do parto. Os ossos do crânio ainda não estão rígidos e as fontanelas, moleiras, oferecem espaço suficiente para a adaptação do cérebro às alterações de formato da cabeça do bebê. Muitos nascem com a cabeça bem pontuda, e horas depois os ossos se organizam de forma harmônica e redonda novamente. Faz-se interessante ressaltar esse processo adaptativo ósseo pelo qual mãe e bebê passam durante o parto, porque ele expressa fisicamente a dificuldade dessa passagem. Ela se torna visível e inquestionável. Os movimentos do bebê ao nascer se assemelham ao de um parafuso entrando numa parede, girando. Não se trata somente de ser empurrado para fora, o bebê precisa fazer um complexo movimento giratório e participa de

forma ativa em seu próprio nascimento. O trabalho de parto é um trabalho a dois e exige um nível de comunicação sutil de confiança e parceria entre as partes, que antes eram uma unidade, mas agora precisam ser duas.

O trabalho de parto é algo que acontece, simplesmente acontece. De repente o corpo para de responder aos comandos conscientes, vira outra coisa. Uma força passa a agir pela mãe, perpassar por ela, a amassa, mói; descontrói por etapas tudo que foi erguido em nove luas. O parto marca a separação que é em si é traumática, há um corte no modo de existir desses dois seres. Ricardo Jones (2004, p. 40) busca os primórdios do desenvolvimento da espécie humana para tentar entender porque o parto é tão difícil.

Nossa história foi marcadamente cultural depois do processo de encefalização ocorrido há dois milhões de anos passados. Depois de termos conquistado a bipedalidade, o crescimento cerebral foi o grande processo adaptativo que nossa espécie teve de enfrentar. A necessidade do crescimento de massa encefálica foi consequência de uma maior especialização do nosso cérebro pelas crescentes tarefas incorporadas ao nosso dia a dia.

O tamanho do cérebro humano e as adaptações que aconteceram na pelve, para possibilitar o equilíbrio sobre duas pernas, fez do nascimento humano um evento singular. Somos uma espécie altricial, ou seja, os bebês humanos não nascem prontos. Passam ainda um longo período totalmente dependentes do cuidado de outrem, pois sem ele não estariam aptos a sobreviver.

Algumas modificações muito sutis aconteceram no fenômeno do parto, e é claro, eu reconheço que eu faço uma leitura do desenvolvimento da nossa espécie pelo filtro do nascimento, mas eu acho que é uma ferramenta curiosa, criativa e interessante, o fato de que o nascimento humano acabou se tornando um evento social contrariamente ao parto dos mamíferos superiores onde há o isolamento. Na nossa espécie o parto acontece na comunidade, junto com outras pessoas em função da fragilidade do recém-nascido e em função da posição específica do bebê no canal de parto, que faz com que ele nasça, na maioria das vezes, com a face voltada para baixo e, portanto, com a coluna vertebral não alinhada com a coluna da mãe, contrariamente ao que acontece entre os antropóides como os gorilas, os chimpanzés, gibão, etc. (JR-CP).

### **1.2.1. Um evento cultural**

O parto humano é um evento social e a maneira como cada cultura lida com esse momento foi cunhada e expressa as bases relacionais mais arraigadas daquelas pessoas. Expressa seus valores de cuidado, o que ela entende por cuidar. Neste sentido é possível fazer uma reflexão sobre as crenças fundadoras de uma cultura a partir do modo como suas parturientes e suas crianças são cuidadas. Segundo Ricardo Jones, existe uma particularidade

fundamental no bebê humano se comparado a como nascem os filhotes de outros mamíferos. Somos uma espécie bípede, liberamos nossas mãos para criar maravilhas, desenvolvemos nossos cérebros e isso levou a um considerável aumento do seu volume, somos humanos, pensamos e vivemos em comunidade.

O cuidado, a exemplo do que afirma Leonardo Boff, é uma marca dessa espécie. Nós somos uma espécie de cuidadores, de pessoas que cuidam de pessoas, porque a nossa própria existência é determinada pela necessidade do cuidado e também se tornou adaptativo que o próprio momento mais intenso dessa chegada ao mundo, num parto que se tornou paulatinamente mais difícil e complexo, mais árduo, e como propriamente ficou retratado nas escrituras, na medida em que no Gênesis 3:16 está escrito “Parirás com dor e sangrarás todos os meses e ganharás o pão de cada dia com o suor do teu rosto”, ali ficava determinado que este parto ia ser difícil e teria uma característica diferente da dos outros mamíferos, ia ser especial e mais difícil, portanto ia ser um grande desafio. Nesse desafio o cuidado se tornou preponderante. Essas características fizeram com que todo ser humano nasça com uma dívida de cuidado, ele sabe que nasceu através do cuidado de outrem, ele sabe que a sua existência também foi marcada, não só pela dedicação de sua mãe, mas também por uma visão social e por um investimento da sociedade no seu próprio nascer (RJ-CP).

As percepções sobre a qualidade do cuidado oferecido às gestantes foram se transformando ao longo do tempo de acordo com os pensamentos filosóficos que passaram a reger nossa sociedade a partir dos séculos XVII e XVIII e culminaram com o Iluminismo. Maturana (2004) faz uma interessante leitura do desenvolvimento da sociedade a partir de um olhar sobre as modificações no emocional humano e de como a emoção de base qualifica as conversações e ações, as interações humanas, e cria valores. Ele atribui essa transformação ao início da era do patriarcado, que passa a se perpetuar em algum ponto histórico ainda antes de Cristo na Europa, onde as emoções de fundo que pautavam as relações se transformaram de uma percepção sistêmica e cooperativa do viver em comunidade, para uma coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade (MATURANA: 2004)<sup>11</sup>. Paulatinamente a percepção de mundo mais espiritualizada foi cedendo lugar à ciência e esta acabou adentrando o evento do nascimento que antes era reservado exclusivamente às mulheres e à sabedoria propriamente feminina. Hoje o cenário do nascimento no mundo ocidental, nas grandes cidades, no Brasil, é ocupado pela figura do médico e o palco central é o hospital. Entende-se que a

11 Aprofundo esse tema no ponto 3.3 dessa dissertação.

segurança do parto só pode acontecer se esta mulher passar por um acompanhamento especializado durante toda a gestação e se o nascimento acontecer em uma sala fria, repleta de aparatos tecnológicos, vigiada por uma série de profissionais altamente treinados para evitar riscos iminentes. Chega-se ao ponto de ter 51,8% de cesarianas no Brasil e 35% destas, são realizadas entre 37 e 38 semanas de gestação, quando as mulheres nem chegaram a entrar em trabalho de parto. (FIOCRUZ: 2014)

Este panorama sobre as técnicas de cuidado dedicadas ao nascimento foi necessário para que um aprofundamento sobre que tipo de emoções se inserem nesse contexto e determinam tanto a atuação dos cuidadores como as escolhas das famílias no momento do nascimento de uma criança. O parto congrega os três elementos mais temidos em nossa sociedade: a vida, a morte e a sexualidade (JONES: 2012). Portanto a emoção de fundo é o medo. Diante do desconhecido, do que não pode ser controlado, do que faz questionar as crenças de superioridade humana com relação à natureza, questionar a própria existência, sente-se medo. O parto nos coloca diante de nosso começo e o início nos remete diretamente à consciência de nossa finitude. Nabokov (2014, p. 19) inicia sua autobiografia com o seguinte relato:

O berço balança sobre um abismo e o senso comum nos diz que a nossa existência não é mais que uma fenda de luz entre duas eternidades de escuridão. Embora as duas sejam gêmeas idênticas, o ser humano, como regra, vê o abismo pré-natal com mais calma do que aquele para o qual se dirige (a cerca de quatro mil e quinhentas batidas por hora). Conheço, porém, um jovem cronóforo que sentiu algo como pânico ao assistir pela primeira vez filmes caseiros feitos poucas semanas antes de seu nascimento. Ele viu um mundo praticamente inalterado – a mesma casa, as mesmas pessoas – e então se deu conta de que ele não existia ali em absoluto e que ninguém lamentava a sua ausência. Viu de relance sua mãe acenando de uma janela do andar superior e esse gesto não familiar o perturbou, como se fosse um adeus misterioso. Mas o que o assustou particularmente foi a visão de um carrinho de bebê novo parado na varanda, com o aspecto presunçoso e invasivo de um caixão; mesmo aquilo estava vazio, como se, na inversão do curso dos acontecimentos, seus próprios ossos houvessem desintegrado.

O nascimento coloca uma pessoa face à face com sua não existência de maneira nua e crua. Houve um tempo em que não existíamos e ninguém sentia a nossa falta. Haverá um tempo em que não existiremos mais e provavelmente, por um tempo, sentirão a nossa falta, mas a grande maioria de nós está fadada ao esquecimento. Ampliando para a dimensão planetária, se a humanidade inteira fosse exterminada da Terra a vida seguiria seu curso, talvez até de maneira mais potente que agora. Como bem destacou Nabokov, o senso comum vive o nascimento exaltando somente a sua dimensão de alegria, de soma, mas ao desconsiderar o segundo aspecto, passa-se a lidar com esta dimensão mórbida e aterrorizante de forma inconsciente.

Lança-se mão de uma série de estratégias de controle que, de maneira ritualística, atendem aos mecanismos de negação. Criamos vidas assépticas e anestesiadas.

A partir da reflexão realizada por José Carlos Michelazzo (2012) sobre as habitações do humano como expressão do tempo, onde propõe um diálogo entre Heidegger e Dōgen, pode-se fundamentar percepção de que existem três formas de lidar com este paradoxo, profundamente humano. Três formas de interpretar o tempo. Cada uma delas leva a diferentes formas de experimentar o nascimento, a chegada do humano na terra.

Voltando, brevemente a Winnicott, a título de introdução, no princípio há um ser indistinto, somos a unidade do real, no real. Ideia de pertencimento e dependência. Chegamos neste mundo que preexiste e que existirá além de nós. Aos poucos, em cada ser se desenvolve o corte entre o um e o dois. O eu e o outro. Chegamos na vida sem convite, quando nos damos conta de nossa própria existência já estamos na existência, porém a maneira desse corte e a compreensão de mundo que ele instaura depende das perspectivas culturais no qual nos inserimos. Michelazzo traça um paralelo entre os pensamentos antropocêntrico ocidental, que percebe o tempo como duração, permanência, e que lança mão de mecanismos de controle em busca de garantias e segurança ontológicas; chega a Heidegger, que de forma singular desnuda a finitude da existência e nos coloca diante da angústia; mas vai além quando acolhe o pensamento oriental, a partir de Dōgen, e deflagra a impermanência radical da existência humana, resgatando o aspecto numinoso da vida na Terra.

A primeira forma de entender o tempo é pela sua manifestação de durabilidade. Poder de durabilidade. Habitamos o mundo de forma endurecida, somos os senhores do tempo. O mundo é sempre um âmbito externo ao homem que deve ser dominado e, como tal, tomado como não-eu. Nós amamos o nosso eu e tudo que ameaça a sua existência e continuidade, como entidade distinta, é sinalizado como perigo que vem de fora, do não-eu, do mundo (MICHELAZZO: 2012). Se esta for a percepção dos atores que lidam com o momento do parto, o nascimento passa a ser visto como um acontecimento de risco iminente. O corpo e os eventos fisiológicos que teimam em emergir do mistério do tempo precisam ser evitados. Com admirável destreza, o mundo real adentra o mundo dos sonhos, corta-se a barriga, rompe-se o portal de fora para dentro. O bebê é arbitrariamente sequestrado de seu espaço como se não lhe pertencesse mais, como se a ele não tivesse mais direito, tempo esgotado. Mas este tempo é o do relógio, comandado por Cronos, pelo homem-Cronos, pelo homem que se quer Deus e manda e desmanda sobre os domínios da Terra. Um deus de visão pequena.

Provavelmente será o ser humano que destruirá o mundo. Se assim for, talvez possamos morrer na próxima explosão atômica sabendo que isso não é saúde, mas medo; é uma decorrência do fracasso das pessoas e da sociedade saudáveis em dar suporte a seus membros doentes (WINNECOTT: 2011, p.21).

A maneira como se lida com os próprios medos pode revelar um estado de doença. Na tentativa de evitar a morte a qualquer custo, evita-se a vida em plenitude e entrega. O parto nos coloca diante do Nada heideggeriano que nos constitui. A compreensão do tempo de modo existencial nos coloca diante da finitude. Quando o bebê está ali, aparentemente parado no canal, rodando para poder sair, acontece um movimento de vai e vem; quando podemos ver os cabelinhos, a cabeça coroadando e voltando de acordo com o ritmo das contrações, neste último estágio da passagem. É o derradeiro véu que separa as duas existências. O momento da maior angústia; não há como voltar, ninguém respira. Se esta mulher estiver sendo assistida por uma equipe que não dá conta dessa angústia, por uma equipe que não confia na fisiologia, ela será submetida a uma série de procedimentos que pretendem acelerar este momento. O fórceps é filho da angústia, a episiotomia e a manobra de kristeller<sup>12</sup>, são suas irmãs. Mas a angústia é nossa, do nosso tempo, não do bebê. Ele vive outra experiência, continua sendo alimentado pela placenta e o tempo da hesitação<sup>13</sup> é necessário para preparar mãe e filho para o encontro. Neste momento, eu costumo lembrar a equipe: respira... E então, como se entoassem um mantra, todos os presentes soltam o ar. Uma parteira com quem trabalho costuma dizer que este é o momento para a equipe se sentar sobre as próprias mãos, fazer qualquer coisa, mas não as usar.

A ideia de se impedir a criança de vir no momento que tinha sido pensado para ela, é uma falta de respeito. Esse respeito para mim é sagrado. Quem é meu filho eu não sei, então vamos deixar todas as chances entre nós que ele pelo menos saiba que eu estou ali para ele afim de saber quem ele é e isso começa pela hora do parto. Uma atmosfera de aceitação, do tipo, ‘estou contigo e não abro’. É a sua trajetória e eu estou com você até você ser um ser adulto (LU – CP).

Estou contigo e me abro, é o que vive a mulher que se entrega à verdadeira metamorfose do parto percebido como impermanência radical. A parteria conectada com o mistério acolhe, recebe, não extrai ou impõe seu ritmo, respeita o ritmo; mas quem vive, morre e renasce junto

12      Fórceps, instrumento medieval utilizado para puxar o bebê no canal do parto. Episiotomia, o corte cirúrgico do períneo da mulher no momento em que o bebê está coroadando. Manobra de Kristeller, empurrar o fundo do útero da mulher para ampliar a força da contração, normalmente realizada quando a mulher está anestesiada e parindo em decúbito dorsal, deitada de barriga para cima.

13      Segundo Mello Fº (1989) Winnicott descreve o “período de hesitação” como um momento de pausa antes da chegada do novo.

com seu filho é a mulher. No movimento de abertura do corpo se instaura uma fenda no tempo que liga dois mundos. Esta é a fenda do mundo vivido, da experiência mística da carne, do numinoso. Naquele momento passado, presente e futuro se encontram. A mulher é tomada por uma força que é dela, mas que também não é. O parto é a comunhão de forças, como se a cada nascimento todas as mulheres estivessem ali com ela, em coro, em choro, em gozo. Está presente ali também seu próprio nascimento, toda sua história, suas marcas. Profundamente sozinha, porém guiada por essa força ancestral de cada uma de suas células, a mulher dá a luz ao futuro em ampla potência. O tempo para. Não há controle, não há garantias, não há o que fazer a não ser...

### **1.2.2. Algumas palavras sobre a dor**

Multiplicarei a dor de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos (GÊNESIS, 3,16)

O medo da dor do parto é um tema recorrente entre as gestantes. Ele faz parte do imaginário social desde os primórdios dos tempos e as mulheres, mas também os homens, apropriaram das palavras da Bíblia sem questioná-las. Elas foram dadas como certas: a dor é insuportável. E isso leva a querer evitá-la. Porém, à medida em que a humanização do parto avança e muitas mulheres passam a escolher passar pelo trabalho de parto e parto sem o uso de anestesia, surgem relatos onde a dor nem é mencionada, outros onde uma sensação de prazer é relatada no momento da saída do bebê. Por outro lado, mulheres que passaram por experiências traumáticas, em partos hospitalares, ao se referirem à dor, acabam trazendo relatos de sofrimento muito mais relacionados aos maus tratos oriundos de uma má assistência ou negligência do que à dor das contrações propriamente ditas.

“Grande parte da dor do parto não pertence ao parto em si, mas à contração resultante do medo, especialmente do medo do desconhecido [e do medo da violência]. Tudo isso lhe é explicado e, se a mulher tem um bom médico e enfermeira ao alcance, poderá suportar a dor que não pode ser evitada.” (WINNICOTT: 2013, p.28). Portanto, pode-se destacar dois processos distintos. O primeiro, natural e fisiológico que é inevitável. O segundo que, decorrente do exterior, relacionado ao cuidado, pode ser evitado.

A dor do parto, aquela que não pode ser evitada, tem o justo tamanho da dificuldade da mulher para se entregar de maneira confiante ao processo, de se conectar com o numinoso. É

possível pensar que em certa medida se trata de um processo psicológico. Não está se dizendo que não exista, que não é uma dor física com a qual a mulher vai ter que lidar. Porém afirma-se que os sentimentos e o ambiente que envolvem o evento do parto influenciam diretamente em como ela vai lidar e sentir o que hoje chamamos de dor. Pois, “quando as mulheres precisam estar atentas para se defender dos maus tratos e da desumanização, é subtraída delas a capacidade de examinar as profundezas do seu ser”. (GUTMAN: 2009, p.51)

É preciso avançar na percepção de que a dor do parto tem uma função, um propósito. Ela é necessária para que a mulher possa se conectar com partes muito escondidas de seu próprio ser, para que ela possa sair do tempo e do espaço e seja levada para um outro estado de consciência. Para que pare de pensar, que perca o controle, que deixe emergir sua parcela mais selvagem, seu medo primordial. É preciso que se perceba que a dor é uma companheira e que tem a capacidade de levar pela mão até o mundo sutil<sup>14</sup>, onde o bebê está e se conecta com a mãe. Então, “para entrar no túnel da ruptura, é indispensável abandonar mentalmente o mundo concreto. Porque parir é passar de um estágio a outro. É um rompimento espiritual. E, como todo rompimento, provoca dor. O parto não é uma enfermidade a ser curada. É uma passagem para outra dimensão”. (GUTMAN: 2009, p.50)

A dor foi se intensificando e eu fui me despedindo cada vez mais do mundo objetivo para entrar no meu mundinho particular. Sei que a Magê, outra doula, chegou em algum momento perto daqui, mas não me recordo muito bem em qual. A Gi me sugeriu o chuveiro e eu aceitei na hora. Eu andava devagar, passinhos curtos. No banheiro, comecei a tremer. Senti um frio intenso, como se estivesse com febre, era um misto de medo, confusão e dor. Nenhuma posição ajudava. Mergulhei na confusão em que me encontrava. Percebi que tentava racionalizar o que eu sentia e eu sabia que não era esse o caminho. Eu estava tentando achar um motivo para meus sentimentos, queria dar-lhes um nome para ver se dessa maneira os controlaria e estava quase me contentando com a explicação mais óbvia: que o meu medo era medo de parir no vaso. Mas definitivamente a questão era muito mais profunda do que aquilo e eu precisava me aprofundar na minha inconsciência, afrouxar os laços com a realidade objetiva, estreitar a conexão com minhas emoções. A dor ajuda a gente com isso. Não tenho dúvidas de que é essa a função da dor em um trabalho de parto: a entrega total ao corpo, que tudo sabe. A dor me fez esquecer a vergonha. Me entreguei ao blackout do meu lado racional, passei a vocalizar alto e longo a cada contração. Até que ele, meu corpo, compreendeu sem palavras que o que ele precisava ali, naquele momento, era da minha mãe. E eu obedeci ao pedido.

-Pega o banquinho e fica aqui comigo?

14 Gadamer (2006) relata os últimos versos escritos por Rilke antes de morrer onde exprimia como a dor causava uma alienação de si mesmo.

Coração apertado, apertado. Acho que esse “fica aqui comigo” estava entalado na minha garganta desde quando eu era pequena. Ela sentou, eu estendi a minha mão procurando pela dela, ela pegou a minha e nesse momento senti meu peito se abrindo, meu corpo se abrindo, minha alma se abrindo, e eu chorei. Minha mãe estava ali para mim, finalmente. E finalmente eu era capaz de pedir presença, me mostrar vulnerável. Nós duas que já trocamos tantas farpas nessa vida. Nós duas estávamos enfim ali, entregues a nós mesmas, a um novo princípio que não sabíamos e ainda não sabemos onde vai dar. Choramos. Copiosamente. Um choro sentido, comportas de uma velha represa dando passagem para a água correr lavando e regenerando nossas almas. Era verdade então: parir faz a gente viajar para onde nossas emoções mais ocultas se escondem, para aquele escaninho da alma que preferimos fingir que não existe. Parir pode curar e eu ainda não sei bem exatamente quais das feridas recebeu o remédio, mas sei que o alívio foi imediato. O corpo, tendo o que pediu, se acalmou. O coração ficou leve. Eis que a Ana Cris aparece no banheiro. Eu sorri duplamente aliviada. Pelo nó desfeito no peito, pela chegada da parteira que anunciava a proximidade do momento mais esperado da minha vida (D. 10/2014).

A dor do parto pode curar as chagas mais antigas da alma da mulher, pode trazê-la de volta ao centro, aquele lugar da solidão que traz identidade, mas somente se ela se entregar. Infelizmente não há nada que de forma garantida possa preparar uma mulher para vivenciar as águas profundas, ou ela se joga e afunda, ou será jogada contra as pedras. Na grande maioria das vezes as dificuldades que emergem durante o parto são tão antigas, primordiais e inconscientes, que esta mulher nunca se deu conta delas antes.

Não acho que tenha uma preparação física possível. Porque eu acho que você tem que esquecer do corpo. Por isso é muito sagrado, e ao mesmo tempo é a coisa mais do corpo, né? As respirações que a gente aprende são para viver a gestação, o pré-parto, é para viver, mas não para morrer. Porque o parto é a morte. A hora mesmo não tem uma dimensão que você diga: “Agora vou respirar”. Não tem como se preparar. Cara, vai ter um filho, então pega um bonequinho de pano e vira ele do avesso. Para mim é essa imagem, daí vai virando o paninho do avesso, vira, vira, aí depois que virou bem, virou todos os cantinhos, virou todo do avesso agora, agora vai. Né? Te viram toda do avesso e você tem que continuar. Mas como é que continua do avesso? Não tem uma preparação para você virar do avesso. Mas naquele dia lá (último encontro antes do parto) a gente teve uma conversa que me preparou. A gente conversou, a gente ficou à vontade, nos sentamos ali, meu marido numa almofada, eu na outra, os três descalços com os pés no chão, chão de madeira, conversamos sobre assuntos aleatórios desimportantes, conversamos sobre o que estava pronto afinal... daí você falou: “você tem algum medo?” Você me perguntava isso de vez em quando. Até recentemente eu trouxe isso na minha terapia e foi muito legal. Eu dizia: “Eu tenho medo das pessoas. Tenho medo dos vizinhos ouvirem meu barulho, tenho medo de no dia eu querer mais espaço e querer extravasar o barulho, tenho medo de alguém passar na porta da minha casa e saber que eu estou tendo filho, porque meus pais moram perto, eu tenho medo das pessoas”. Eu tinha esse medo e é engraçado como esse medo é maior do que só isso porque ele continuou comigo depois que a Flor nasceu e eu vejo hoje que é um medo meu, de ser invadida pelos outros. De me deixar invadir muito fácil, muito facilmente. De repente tem uma galera

aqui em casa, e eu me perco no que eu estava fazendo, no que eu estava concentrada, muito facilmente. Então tinha um medo que é muito meu, assim, genuíno. Um medo que me acompanha e me constitui e muito curioso como você me perguntava e eu dizia: “Nenhum”. E, realmente, eu tinha uma coragenzinha, assim, que eu conheço. Era uma coisa assim: “Posso entrar no mar. Eu posso furar essa onda, eu posso tudo, eu tinha um poder. Nada me toca!” Mas esse medo é constituinte, assim, ele é a minha vida. Acho que tem a ver com essa minha mão que descasca, com esse meu transbordar (chorar), as coisas me permeiam com muita facilidade. E no parto eu me protegi eu cuidei desse medo. “Esse é o medo? Então nem no hospital eu vou. Ninguém vai me invadir”. E é curioso porque esse medo, que cada mulher tem um, é muito precioso. Ele é a vida toda dela e olha que possibilidade ela poder acessar ele, né? É muito bonito isso, é muito forte! Porque o parto tem uma dimensão de renascimento que dá muita pena a gente não poder acessar. Você vai morrer! Olha que chance que você tem de morrer, se entrega! Então é muito maravilhoso isso porque, quando você insistia para eu dizer qual era o meu medo, eu um pouco despistava, mas eu profundamente buscava ele, sabe? Eu profundamente busquei, eu queria ter uma resposta. Não porque eu precisava responder, mas porque a pergunta me inquietava. Foi recentemente que eu entendi como era importante. Eu não sei se cada mulher tem um medo profundo que se manifesta no parto, mas deve ter, deve ter... Pelo menos para mim foi muito boa essa pergunta, foi muito bom acessar isso. E o parto é isso, para mim foi isso. (D.11/2013)

Se entregar a dor no parto e investigar seus medos profundos é a possibilidade que a mulher tem de renascer. De reconectar com seu próprio nascimento e de crescer a partir disso. Para isso é necessário cultivar uma qualidade corajosa de presença ligada ao cuidado consigo, com a própria história e se abrir às surpresas que estão por vir. É preciso entender que a dor do parto é essencialmente diferente das dores provenientes de doenças e chagas. Ela não denota um desequilíbrio, mas sim a continuação de um caminho que teve início lá na fecundação e que agora chega ao seu destino. A dor do parto é a dor da saúde.

### **1.2.3 O bebê no parto**

“Cuidar da flor que brilha no campo

É acender uma estrela no céu”

(Música infantil)

A saúde integral do bebê que vai nascer precisa ser colocada no centro das atenções. Ele é o elemento mais importante desta equação que liga a mãe e a cultura em cadeia. Se o evento do nascimento for investigado a partir das dimensões culturais e emocionais externas, pode-se facilmente ser negligente em perceber quais são as reais necessidades dos bebês durante esse

processo. Está claro que ao cuidar das mães cuida-se também do neném, mas algumas palavras ainda precisam ser ditas sobre porque um nascimento natural, suave e fisiológico contribui para a melhor adaptação dele ao mundo. Tendo sempre em mente que do ponto de vista biológico o nascimento é um evento natural e que o bebê a termo, na esmagadora maioria das vezes, está fisicamente saudável, ou seja, de que não se pode encarar o parto como uma enfermidade e que o neném não precisa ser salvo, que não há um desequilíbrio a ser corrigido, pode-se entender a assistência ao parto com o essencial propósito de manter a saúde<sup>15</sup>.

Gadamer (2006) procura entender o processo da saúde a partir de uma perspectiva integral que abrange as dimensões física, emocional e espiritual de uma pessoa. Caracteriza-se como uma qualidade de estar no mundo e uma busca por equilíbrio e ritmo. O caráter oculto da saúde é destacado, pois só se pensa nela quando está ausente. Uma pessoa que está saudável, não vai ao médico, não toma remédio, não pede ajuda. No parto o conceito de saúde aparece de maneira paradoxal, pois, o nascimento de uma criança é normalmente o ápice da saúde de uma mulher. O bebê que acabou de ser formado também se encontra em sua maior potência. Porém, ao mesmo tempo, o momento de maior plenitude é também o de maior fragilidade. A mulher busca ajuda, cuidado e apoio. O bebê que acaba de chegar, também. Mas que qualidade de ajuda se faz necessária?

Para Winnicott a saúde emocional está diretamente relacionada a um sentimento de continuidade da existência. Ainda na gestação, depois da trigésima segunda semana, o feto começa a demonstrar reações às alterações do ambiente<sup>16</sup>, aumentando o ritmo cardíaco, fazendo movimentos e esvaziando a bexiga. Essas alterações no ambiente, provocadas por variações químicas e hormonais do sangue vinculadas às emoções vividas pela mãe e que chegam até o bebê, fazem parte do dia a dia e interferem no estado tranquilo vivido pelo feto. Segundo este autor, as intrusões do ambiente começam a preparar o bebê para o nascimento e a saúde está na capacidade de retorno ao estado de tranquilidade, desde que as intrusões não sejam demasiadamente intensas. Em torno da trigésima oitava semana de gestação as contrações de treinamento que preparam mãe e bebê para o parto se intensificam. É o corpo

15 Aprofundo a questão da técnica da assistência ao parto e da manutenção do equilíbrio saudável no segundo capítulo dessa dissertação.

16 Estas reações são avaliadas através de estudos utilizando o aparelho de ultrassonografia durante a gestação. Renata da Silva Coelho apresenta um resumo desses estudos no livro *A Experiência do Nascimento na Obra de D. W. Winnicott* (2013), na página 114. Porém elas estão presentes desde a fecundação, mas só são percebidas em exames após a trigésima segunda semana de gestação.

demonstrando sua transformação. Raramente o parto começa de uma hora para a outra, geralmente a mulher começa a perceber os sinais, vai fazendo escolhas e se preparando.

Winnicott (2013, p. 21) fala às mães sobre essa conexão:

Você já conhece algumas características do seu bebê, por causa dos movimentos que você se habituou a esperar dele, no interior do seu ventre. Se houve muitos movimentos, você terá meditado sobre o que haverá de verdade naquela divertida crença de que os meninos esperneiam mais do que as meninas; e, de qualquer maneira, você ficou satisfeita por receber esses sinais concretos de vida e de vitalidade que essa agitação lhe forneceu. E durante esse tempo, suponho, o bebê também aprendeu muito a seu respeito. Compartilhou de suas refeições. Seu sangue fluía com mais rapidez quando você bebia uma boa xícara de café pela manhã ou quando você corria para pegar um ônibus. Até certo ponto, ele deve ter aprendido quando você estava ansiosa, ou agitada, ou zangada. Se você foi incansável ele acabou por habituar-se ao movimento, e poderá esperar que o balancem nos joelhos ou o embalem no berço. Se, por outro lado, você é do tipo calmo ele terá conhecido a paz e poderá esperar, nesse caso, um colo tranquilo e aconchegado, e uns passeios calmos em seu carrinho. De certo modo, eu diria que ele lhe conhece melhor do que você a ele, até ele nascer e até você ouvir o choro dele e puder olhá-lo, e aconchegá-lo em seus braços.

Por toda essa conexão e preparação, e é preciso lembrar da memória celular, de alguma forma tanto o bebê como a mãe sabem o que vai acontecer, pois o parto é a sequência natural do processo de vir ao mundo, trata-se do cumprimento de um destino, que instaura uma ruptura e um novo início de relação. Segundo Winnicott, trabalho de parto e o parto são necessariamente uma intrusão no sentimento da continuidade de existência do bebê. Ele dedica especial atenção ao tempo de duração dessa interrupção, diz que não pode ser muito prolongado para que o bebê possa fazer o caminho de retorno ao estado de tranquilidade após o nascimento. Também não deve ser prematuro. Para este autor, a chegada ao mundo é necessariamente um trauma, com níveis de graduação.

O nascimento normal implica em três grandes características: em primeiro lugar, a de que o bebê já experimenta uma interrupção maciça da continuidade do ser (pela intrusão relativa à mudança de pressão, etc.) mas já alcançou em grau suficiente a capacidade de construir pontes sobre os abismos da continuidade do ser, que as reações contra a intrusão representam. A segunda é de que o bebê já possui memórias de sensações e impulsos que são fenômenos próprios do self, já que pertencem a períodos de ser em vez de a momentos de reação. O terceiro aspecto pressupõe que a mecânica do parto não seja muito anormal, quer dizer, que o parto não seja nem precipitado nem excessivamente prolongado. A partir desses três pontos é possível imaginar um nascimento no qual, do ponto de vista do bebê, a mudança do estado intrauterino para o estado de recém-nascido é provocada pelo próprio bebê, que está biologicamente pronto para as mudanças [...]. Com isso quero dizer que o bebê tem uma série de impulsos e que a progressão em direção ao nascer

surge no interior da capacidade do bebê de se sentir responsável (WINNICOTT:1990, p.165-166).

Essas premissas precisam ser avaliadas com muito cuidado. Primeiramente, o bebê está acostumado a algumas intrusões do mundo de fora e é capaz de lidar com elas; segundo, o bebê já é uma pessoa; terceiro, um parto fisiológico acontece com a participação ativa do bebê. Estes três aspectos precisam andar juntos para que não se corra o risco entender o trabalho de parto e o nascimento somente como um corte na continuidade da existência e partir para a conclusão fácil de que o ideal é impedir esse rompimento através de uma cirurgia. O que se observa é que os bebês que nascem através de uma cesariana eletiva, sem o início do trabalho de parto, geralmente realizadas entre a trigésima sétima e a trigésima oitava semana de gestação, apresentam mais dificuldade respiratórias e neurológicas<sup>17</sup> no pós-parto imediato do que crianças que nascem através de um parto natural mesmo após a gestação se estender até a quadragésima segunda semana, mesmo após um trabalho de parto prolongado dentro dos parâmetros fisiológicos. Os bebês que foram extraídos do útero sem passar pelo gradual aperto das contrações e pelo canal vaginal estão menos preparados para se adaptar ao mundo e retornar ao estado de tranquilidade.

A dor do parto pode curar as chagas mais antigas da alma da mulher, pode trazê-la de volta ao centro, aquele lugar da solidão que traz identidade, mas somente se ela se entregar. Infelizmente não há nada que de forma garantida possa preparar uma mulher para vivenciar as águas profundas, ou ela se joga e afunda, ou será jogada contra as pedras. Na grande maioria das vezes as dificuldades que emergem durante o parto são tão antigas, primordiais e inconscientes, que esta mulher nunca se deu conta delas antes.

Clareza, o tempo parou, ficou tudo suspenso, como a imagem capturada por um flash. Eu senti clareza, clareza como um sentimento e como uma sensação. Depois, um tempo depois veio a ternura, o espanto, a vontade de chorar, a vontade de sorrir, a vontade de cantar. Mas naquele primeiro instante de olhar o bebê e tentar tocá-lo, era tudo clareza. Meus olhos deviam ter dez centímetros cada. Ah!! Eu virei uma coruja ali, está explicado! (D.12/2014)

17 De acordo com a pesquisa *Nascer no Brasil* realizada pela Fiocruz 35% dos bebês que nasceram por cesariana foram submetidos a esta intervenção entre as 37ª e a 38ª semanas de gestação e apresentaram também risco aumentado para desenvolver obesidade, diabetes, asma, alergias e outras doenças não transmissíveis (FIOCRUZ, 2014).

### 1.3 O ACOLHIMENTO

Como chegavas do casulo – inacabada seda viva - tuas antenas – fios soltos da trama de que eras tecida, e teus olhos, dois grãos da noite de onde o teu mistério surgia (MEIRELES: 1985, P. 318).

*Primeiro vem a cabeça espreitar o mundo, depois os ombros e finalmente um corpo todo do lado de fora. Ainda ligado à sua mãe pelo fio de Ariadne, o bebê recebe o primeiro sopro de vida. O ar divino que nos liga a todos penetra em seu interior, abre caminho, instaura o dentro e o fora, instaura a relação, instaura o ritmo. Ele é acolhido nos braços da mãe e a reconhece, se aquieta, e com um gemido tímido mostra que está vivo, a cumprimenta. Ela, extasiada pelo milagre, procura nos alicerces de sua história de vida algo que dê parâmetros para viver aquele momento. Não há parâmetros. Como que envolvida por uma atmosfera completamente virgem, ela chora e canta para seu bebê. Um choro que brota do fundo da alma e fala por si. Neste canto acalento úmido apresenta o mundo ao recém-chegado. Mal sabe ela que o mundo do bebê continua sendo toda ela. Olhos abertos, pupilas dilatadas, leves piscadelas, chuva de sentimentos e sensações inaugurais. A vida bem-vinda se abre e expande sua energia para todos que presenciam o milagre. Silêncio, murmúrios, respiração. Tempo suspenso no tempo.*

#### 1.3.1. Acolher com presença

Plena luz do dia. Hora de acordar. Não mais um sonho, pois “certamente não é ali – não nos sonhos – senão quando se está plenamente desperto, em instantes de vigorosa alegria e conquista, na varanda mais alta da consciência, que a mortalidade tem a chance de enxergar mais além dos seus próprios limites, do mastro, do passado e da torre do castelo. E embora nada mais possa ser visto através da bruma, há a bem-aventurada sensação de que se está a olhar na direção correta”. Agora, imagine esse rastro de luz (ZANGANEH, 2011, p. 235).

Já foi referido aqui o fato de o bebê, ao nascer, estar com os seus sentidos despertos. São como esponjas, absorvem tudo e suas vivências logo após o parto oferecem o alicerce para seu desenvolvimento emocional e neurológico. Apesar de trazer do útero algumas informações

sobre o mundo aqui de fora, principalmente sobre sua mãe e de poder reconhecê-la ao nascer, este novo ser está agora vivendo experiências sensoriais totalmente novas. Ele acaba de passar do meio líquido, envolto pelas paredes do útero, ambiente sempre aquecido e de penumbra, barulhento, mas com sons harmoniosos e ritmados, para um universo vasto.

A primeira grande transformação se refere ao início da respiração. Mas tinha de respirar, como dizia Maria Betânia<sup>18</sup>. O primeiro sopro de vida que adentra o corpo do recém-chegado marca o início de sua vida aqui fora. É o mundo entrando em seus pulmões, penetrando, abrindo um espaço que antes não existia, é alimento anímico. Quando esta primeira interação entre o espaço de dentro e o de fora não acontece, a criança continua imóvel, como um boneco de barro. O sopro divino consagra a vida deste novo ser. Ofegante, ele se mostra vivo. Às vezes chora forte reclamando das adversidades da passagem ou da ardência em seus pulmões, mas sempre se aquieta quando é colocado nos braços de sua mãe. Desperta então o sentido do olfato, de alguma forma o cheiro da mãe é conhecido. E quando ela canta ou fala com ele, seu rosto se move em direção ao dela. Seus olhos bem abertos apreendem o semblante cálido do mundo que o criou. Passam a se reconhecer através dos sentidos. A mãe o cheira, observa seu corpo, comemora. Em breve, mas não imediatamente, o bebê começa a fazer movimentos com a boca, parece querer sugar. Esta é a hora de apresentar o seio materno a ele e deixar que espontaneamente abra seus lábios, abocanhe o mamilo e sinta pela primeira vez o sabor da vida. Alguns bebês chegam mais despertos, outros são mais lentos, mas todos mamam a seu tempo. Não atrapalhe este momento. Não existe nada mais importante do que deixar que ele aconteça.

Acolher com presença o recém-nascido significa encará-lo como uma pessoa, desde já, completa e dotada de direitos como todo e qualquer outro ser humano. É preciso atentar para as sutilezas que a palavra pessoa carrega. “O ponto de vista que estou adiantando aqui é o de que no momento do nascimento a termo já existe um ser humano no útero, capaz de ter experiência e de acumular memórias corporais e até mesmo de organizar defesas contra possíveis traumas. ” (WINNICOTT: 1990, p.165). Durante muito tempo os bebês foram encarados como uma tábula rasa, desprovidos de sentidos, sentimentos e memórias. Durante muito tempo se acreditou que por conta do sistema neurológico ainda inacabado, os bebês não sentiam dor, que eram cegos e surdos. Acreditava-se que o choro do bebê fosse um reflexo, não

18 BETÂNIA, M. Dentro do mar tem rio. [São Paulo]: Biscoito Fino, 2007. 1 CD. Debaixo d'água – agora.

uma expressão de um incômodo, um protesto, uma forma de comunicação. Mas hoje, a partir da psicanálise que veio a ser confirmada por estudos recentes da neuropsicologia, é indiscutível o fato de que os recém-nascidos sentem e muito todas as intervenções no parto e de que elas atrapalham o primeiro encontro entre mãe e filho, interferem no estabelecimento do vínculo e da sensação de segurança deste binômio. A ciência médica, visando garantir a saúde interfere no momento sagrado do encontro e com isso muitas vezes causa problemas tanto físicos como emocionais.

O modo objetivo e mecânico de lidar com o encontro interfere no ato de cuidar e promover o cuidado. Não existe lugar mais adequado para um recém-nascido do que o colo de sua mãe. Ela é o ambiente facilitador por excelência.

Do meu ponto de vista, a saúde mental do indivíduo está sendo construída desde o início pela mãe, que oferece o que chamei de ambiente facilitador, isto é, um ambiente em que os processos evolutivos e as interações naturais do bebê com o meio podem desenvolver-se de acordo com o padrão hereditário do indivíduo. A mãe está assentando, sem que o saiba, as bases da saúde mental do indivíduo... A mãe está também criando os fundamentos da força de caráter e da riqueza de personalidade do indivíduo (WINNICOTT: 2006, p. 20).

### **1.3.2 A primeira hora após o parto**

A mãe, através de suas mãos imóveis, mas cheias de ternura, diz, sem palavras, ao bebê: “Não tema nada, estou aqui. Estamos salvos, estamos vivos, você e eu.” (LEBOYER: 1989, p.107)

A importância da primeira hora de vida de um novo ser vem sendo debatida e proclamada por diversas áreas de saber. As variações hormonais que acontecem no bebê e na mãe logo após o parto são únicas, nunca aconteceram antes e nunca mais se repetirão. Quando não perturbadas, elas fazem com que um forte laço de amor surja imediatamente entre mãe e filho. Este laço será expresso através de um profundo sentimento de confiança nessa relação. Essa mãe será capaz de ler com facilidade os sinais do bebê, pelo simples fato de que ele ainda fará parte dela, será uma continuidade de seu próprio ser. Cuidar do bebê será uma tarefa quase espontânea, como se ela tivesse nascido para isso, como em realidade foi renascida para isso. Porém, as práticas neonatais como um todo ainda estão longe de possibilitar esta união, reunião. Muitos técnicos ainda seguem a linha de compreensão que diz que o corpo da mãe oferece risco imediato ao bebê. Acredita-se que ele precisa ser separado dela, passar por uma série de manobras e testes que comprovam sua saúde, ser colocado numa caixa aquecida e alimentado

artificialmente. A esmagadora maioria das crianças que nascem em hospitais no Brasil passam as primeiras duas horas de vida sob observação da equipe de pediatria, apartados de tudo o que conhecem, expostos a luz forte e colocados sem roupa no completo vazio de uma incubadora. O vazio onde são deixados os recém-nascidos reflete o deserto de nossas almas incapazes de empatia e compaixão. Isso sim caracteriza um corte real na continuidade de existência a que se refere Winnicott e prejudica sobremaneira o estabelecimento de vínculo entre estes dois seres que acabam de nascer/renascer um para o outro.

Qual pode ser a experiência de mundo de um bebê apartado de sua origem assim que chega ao mundo? Em 1974, três anos depois da morte de Winnicott, Frédérick Leboyer lança a primeira edição do livro *Nascer Sorrindo* que traz, em forma de versos, conhecimentos revolucionários para a época, mas ainda hoje polêmicos. De forma profundamente sentimental, todos os horrores a que os bebês são submetidos logo após o parto são questionados. Não há espaço aqui para um aprofundamento desse assunto, mas o legado deixado por este livro e retomado posteriormente por outros autores como Michel Odent e Thomas Verney é de que a maneira como os bebês são recebidos em nossa cultura cria seres prontos para o ataque e para a agressão. Os cuidados neonatais se fundam na insegurança de nossos tempos e perpetuam um ambiente de estresse gerando seres carentes e predispostos à autodefesa do isolamento. Leboyer (1989, p. 32) diz:

Se quiséssemos enlouquecer a criança de dor, procederíamos exatamente desta forma. Como se prepara uma tourada? Como se faz um “bom” touro, ébrio de sofrimento, cego de raiva? Deixa-se o animal fechado em completa escuridão durante uma semana. Depois, no dia da tourada, é só lançá-lo de repente ao Sol cegante da arena.

Ao recebermos os bebês nas salas frias de hospitais esterilizados, em decorrência de um parto industrializado ou uma cesariana, e priorizarmos uma série de exames em detrimento do contato materno, interferimos de forma grandiosa também no início da amamentação. Embora o alojamento conjunto imediato seja fortemente recomendado pela Organização Mundial de Saúde, ainda hoje é uma prática comum oferecer leite artificial para os bebês em mamadeiras enquanto eles ficam nos berçários. Isso faz com que no momento do encontro posterior com sua mãe, ele esteja farto, sonolento, por consequência não mama e ela fica insegura. Isso dificulta a capacidade adaptativa dela em relação a seu pequeno fruto e se inicia uma cascata de mal-entendidos entre essa dupla que muitas vezes leva ao desmame precoce. Estas são as cenas anunciadas da tragédia da maternidade moderna. É preciso muita força e muito apoio para romper com elas. É necessário que em algum ponto esta mulher, esta família, se conecte

com um núcleo forte de confiança primordial nessa relação para que se rompa o ciclo, ou evite-se a primeira intervenção. E quando há essa conexão:

Ela (a criança) nasce agradecida porque chegou o momento e ela quer o nascimento, provoca o nascimento dela e vem ao mundo feliz. Porque deixou um mundo e entra no outro. É outra leitura. Eu acho que é complicado porque ninguém entra no mundo da criança para poder saber direitinho, mas acho que há sintomas e isso supõe uma leitura mais global do que é a existência humana em vários processos, e entender que o nascimento é uma espécie de morte. Você deixa um mundo. A criança se despede do cordão umbilical, se despede do coração que deu o sangue, se despede do intestino que deu alimentação, vai se despedindo daquele aconchego todo e agradece e pede licença para entrar no outro mundo extrauterino. Este que tem ar, que tem Sol. Então eu acho que o processo, fundamentalmente, da natureza é esse, ele não é violento. A violência aqui é a ruptura inauguradora do novo. O novo sempre implica uma ruptura e a ruptura é sempre algo dramático, mas ela tem que ser entendida como algo necessário, no sentido de que permite algo diferente e novo. Como Paulo Freire diria, é o necessário viável. É necessário que nasça e é viável, é possível. Então tudo depende de qual a concepção de fundo que eu tenho de ser humano, do nascimento, do processo cosmo gênico, como o ser humano emerge dentro dessa concepção. E eu acho que a maioria, a grande maioria, não está dentro do novo paradigma, está no velho paradigma mecanicista que está nas universidades, que é dominante na cultura e empobrece a experiência humana. O outro enriquece porque te coloca mais em contato com a lógica da evolução, com a dinâmica da natureza, e você como parte desse todo, como parte desse todo (LB-CP).

Leonardo Boff, nessa fala, ressalta o tema da gratidão. Receber o novo ser embevecido pelo sentimento de gratidão. Nascer por gratidão. Em minha experiência percebo que o simples fato de entoar sentimentos mais elevados espiritualmente faz com que a chegada seja vivida de forma suave, mesmo quando algum tipo de intercorrência faz com que alguma intervenção seja necessária.

## **Considerações**

Neste capítulo percorreu-se o tortuoso caminho de um bebê vindo ao mundo. Procurou-se destacar as sutilezas anímicas, espirituais e culturais deste evento que por ser profundamente humano, profundamente físico, pode remeter a uma consciência da grandiosidade das forças da natureza em ação. Pode remeter a beleza do mais corriqueiro milagre diário que cria, mantém e sustenta a vida. Em resumo, o momento do nascimento é o cumprimento de um destino, a conclusão de um processo que se iniciou na fecundação e que por chegar ao fim, atesta a saúde e não a doença. O bebê ao nascer já é um ser humano completo e o que ele mais precisa para continuar seu trajeto de desenvolvimento é do contato íntimo com a mulher que o gerou. Falou-se também sobre como nossa sociedade se especializou em atrapalhar este momento. Foi

ressaltada a beleza e a grandiosidade desta relação primordial entre mães e filhos através de relatos de mulheres que construíram uma ponte entre os mundos em seu próprio corpo. Que puderam viver a gestação, o parto e o primeiro encontro sintonizadas com a esfera da espiritualidade do cuidado. Nutridas de amor, acolhimento e sustentação social.

Considera-se que esta qualidade de sustentação social seja o ponto chave que precisa ser transformado nas relações para que se possa acolher esta passagem de forma bem-vinda. Para tanto, o próximo capítulo dedica-se aos cuidadores. À que tipo de consciência pode brotar no coração das pessoas que por experiência pessoais, ou por escolha profissional, fazem parte do cenário obstétrico. Explorar o universo de pais e mães como cuidadores; de médicos e enfermeiras; e das doulas – mulheres que acompanham outras mulheres ao parir.

## **2 O CUIDADOR QUE ACOLHE**

Há verbos que limitam  
mesmo a um Deus  
e o tempo é impensável  
e sempre sobra  
(BRANDÃO: 2004, P.35)

O objetivo deste capítulo é dedicar uma especial atenção aos cuidadores, pessoas que escolheram trilhar o difícil caminho de se dedicar ao cuidado de alguém. Como o tema de fundo é o nascimento, é feito um recorte para aprofundar o olhar sobre os cuidados que se dedicam especificamente a este momento da existência: mães e pais, médicos e enfermeiras, e as doulas. Estes são os nomeios como dos cuidadores do bebê. A ideia é entender os aspectos da espiritualidade do cuidado presentes nessa dedicação e escolha, em contrapartida, como os próprios cuidadores se alimentam também desse cuidado. As rotinas de dedicação podem ser massacrantes, mesmo assim, cuidar de um outro ser não pode ser um ato mecânico ou desatento. É necessário que o cuidador esteja lá, presente, conectado, às vezes vinte e quatro horas por dia, desfocado de suas próprias necessidades para atender ao outro. Dentro da atmosfera hospitalar o nível de pressão e exigências é altíssimo. Seguir protocolos, cumprir metas e prazos, e ainda assim atender de forma humana os usuários. Isso para muitos parece uma tarefa impossível. É comum verificar que médicos e enfermeiras evitam qualquer tipo de envolvimento emocional

com seus pacientes. Funcionam como máquinas solucionadoras de problemas orgânicos engolidas por um sistema que parece ser maior do que eles. Este é um fenômeno que se apresenta de maneira semelhante em vários âmbitos das relações de consumo desta época. Às vezes é necessário um toque para romper com o transe coletivo: “O que te levou a ser um cuidador? Me conta a história desse percurso?” – Essas perguntas geralmente levam a respostas ligadas a experiências muito primitivas, histórias que remetem às lembranças da infância, pessoas, memórias táteis. Esse tom saudosista também leva a feridas de abandonos e negligências sofridas, que o cuidador tenta curar ao cuidar dos outros. Porém, enquanto se está curando as próprias feridas através dos outros sem ter consciência, não se cuida do outro como outro, não se percebe o que o outro precisa para se curar e então, os cuidadores ficam extenuados. Sem consciência, usam o outro para próprio benefício e nesse sentido não há doação real, não há alimento mútuo. Porque cada vez que o outro “falha”, é a própria falha do cuidador que fica evidente. E então, o ato de cuidar pode se expressar através de uma tentativa de transferir a verdade do cuidador para quem está sendo cuidado. Sem olhar e passar por um processo de aceitação das próprias imperfeições e sofrimentos, atribui-se tudo ao outro, ao mundo, enxerga-se a incapacidade do outro, para esconder a própria.

Por outro lado, cuidar de alguém também leva a uma certa sensação de poder, já dizia Cazuzza “que prazer mais egoísta o de cuidar de um outro ser, mesmo se dando mais do que se tem para receber... a dor no fundo esconde uma pontinha de prazer”<sup>19</sup>. Cuidar do outro atende à necessidade de ser útil, qualifica a existência do cuidador. São estas pessoas que cuidam e criam dependência, codependência. “O que será do outro sem mim? ”, pensam. O cuidado que aprisiona, subestima a capacidade do outro de seguir. E quando este se rebela, pois busca a independência, fica um vazio na vida do cuidador. Vazio às vezes intransponível.

Cuidar do outro, então, a partir de uma perspectiva relacional saudável, é ajudá-lo a ganhar autonomia. Ajudá-lo a caminhar com as próprias pernas. O objetivo maior do cuidador precisa ser atuar para um dia não ser mais necessário e para isso é preciso que uma profunda investigação interna seja feita. Nas relações entre mães e filhos esse tipo de dependência às vezes fica muito evidente. Pode acontecer delas acabarem viciadas em uma rotina de cuidados que não deixa espaço para a criança demonstrar o que já pode fazer sozinha. Cuida da criança de um ano como se ela ainda tivesse um mês, da de doze como se ainda tivesse cinco, do de

<sup>19</sup> CAZUZA, Minha flor meu bebê. Ideologia. [Países Baixos] Philips, 1988. CD.

vinte e cinco como se ainda tivesse quinze. Esse tipo de atitude ou gera dependência e baixa autoestima, ou revolta. Segundo Winnicott (2011, p. 9) “a sociedade é uma extensão da família”. Então é importante perceber que ao aprofundarmos na investigação sobre essa relação primordial e ao trabalho dos pais de compreender os filhos, estamos contribuindo para uma base real da sociedade mais fraterna e para “uma tendência democrática do sistema social em um país.” (Winnicott, 2011, p.118). Ainda segundo Winnicott, o resultado do reconhecimento da importância dessa relação (mãe-bebê) será a diminuição de um medo atávico que atualmente se expressa socialmente como medo de mulher, medo da dominação, medo de reconhecer a própria dependência. Mia Couto, em uma conferência sobre segurança faz uma linda apresentação sobre a constituição do medo na sociedade, sobre como viver com receio leva à criação de estratégias que dão a falsa sensação de segurança e faz com que as pessoas acabem vivendo sobre a égide do medo e em última instância, com medo que o medo acabe<sup>20</sup>.

## 2.1 OS CUIDADORES PRIMORDIAIS

O impulso em cada busca é o mesmo: mergulhar fundo e chegar realmente à vida, ou então, de algum modo perder a noção de tudo e com isso morrer para a riqueza da vida. (ESTÉS: 2007, P.57)

Os pais e as mães são os cuidadores primordiais, tidos como os dois grandes pilares da família. Porém o conceito de família vem sendo transformado nos últimos tempos a partir de um cotidiano que exige cada vez mais adaptações das construções de laços conjugais e relações parentais. Não há espaço para aprofundar essa questão no presente trabalho, mas como uma tentativa de abarcar os múltiplos enlaces possíveis, tentará se falar em termos de função materna e função paterna com relação aos cuidados com a criança de forma desatrelada da figura da mulher ou do homem. A não ser em momentos onde a presença da mulher é insubstituível, como por exemplo, no ato de amamentar ou gestar.

Partindo do princípio, que paira no senso comum, mas também apresentado por Winnicott (2011), de que existe uma diferença constitucional entre homens e mulheres, mas que também existe um fator de coexistência de aspectos femininos dentro dos homens e aspectos masculinos dentro das mulheres, inicio a partir de uma fala de Laura Uplinger:

<sup>20</sup> COUTO, Mia. Há quem tenha medo de que o medo acabe. Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/mia-couto-ha-quem-tenha-medo-que-o-medo-acabe>>.\_Acesso em: 8 nov. 2014.

“Feminino e masculino, está aí uma equação interessante de resolver a cada dia, a gente não domina de uma vez por todas. Sabe café da manhã que tem que tomar todo dia? Se dedicar a vida, que é todo dia com a consciência?” (LU-CP).

A tarefa de equilibrar esses dois aspectos internos é uma arte cotidiana e individual. No momento em que um casal vira uma família essas forças ficam ainda mais atuantes. É indiscutível, porém muito pouco reverenciado, “o fato de que todo o homem e toda mulher vieram de uma mulher” (Winnicott, 2011, p.192, grifos do autor). Todos foram forjados no ventre de uma mulher específica que, na melhor das hipóteses, dispôs-se a recebê-los. À mãe cabe acolher a vida. Ela passa a cuidar do novo ser assim que ele habita seu mundo interior. Seu corpo vai aos poucos se transformando e somente as desatentas não percebem. Os seios ficam inchados e doloridos, algumas enjoam, outras são acometidas por um sono irresistível. Deve-se encarar essas mudanças corporais como uma “estratégia biológica” para fazer esta mulher mudar seu ritmo, prestar atenção em si mesma e se cuidar. Também vêm como um chamado ao cuidado dos que a rodeiam. Este é mais um exemplo de como é preciso enxergar a saúde na gestação de um modo diferente. Estes sintomas demonstram a saúde se manifestando. São naturais e quanto mais a futura mãe obedece a seus chamados, mais rápido vão embora. Uma mulher conectada com seus ciclos e seu corpo, logo percebe que vive um estado novo e começa a se movimentar no sentido de acolher um novo modo de ser.

Para Winnicott (2006, p. 9) este novo modo de ser está relacionado a um processo de identificação com as necessidades do bebê:

A mãe tem um tipo de identificação extremamente sofisticada com o bebê, na qual ela se sente muito identificada com ele, embora, naturalmente, permaneça adulta. O bebê, por outro lado, identifica-se com a mãe nos momentos calmos de contato, que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita. Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio, e, portanto, a mãe é, inicialmente, parte dele. Em outras palavras, há algo, aqui, que as pessoas chamam de identificação primária. Isto é o começo de tudo, e confere significado a palavra muito simples, como *ser*.

O que um bebê precisa para se desenvolver com saúde emocional é de uma pessoa que se identifique com ele. Nesse caso, a mulher que o concebeu, gestou e pariu, apresenta uma série de alterações hormonais e emocionais e normalmente se configura como a pessoa ideal para ser essa cuidadora. Isto não significa que em detrimento de alguma impossibilidade de ser cuidado por sua mãe, o bebê vá necessariamente sofrer algum dano irreparável. Ele poderá se desenvolver com saúde desde que alguma outra pessoa possa desenvolver este nível de identificação com ele. Winnicott lança dois conceitos que se encontram mesclados dentro de

cada indivíduo adulto, mas que para fins didáticos, são apresentados como elementos distintos: o feminino puro e o masculino puro. Neste sentido “o elemento masculino *faz*, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) *é*” (WINNICOTT, 1971, p.115). Segundo a teoria do desenvolvimento humano formulada por este autor, o que um bebê precisa no início de sua vida, quando ainda se encontra num estado de dependência absoluta, é a experiência de simplesmente ser, atrelada ao elemento do feminino puro de uma pessoa.

### 2.1.1 Feminino Puro: ou o Feminino Sagrado

Desde que o feto começara a se formar dentro de si, perdera certos trejeitos, ganhara outros, ousava avançar em certos pensamentos. Parecia-lhe que até então vivera mentindo. Seus movimentos eram mais libertos do corpo, como se agora houvesse mais espaço no mundo (LISPECTOR, 2013, p.168).

O bebê, ainda no ventre, vive de modo totalmente integrado com o corpo que o hospeda e cabe à mãe se fazer disponível e ativa no processo de comunhão, comunicação, relação, potencializando em si a parcela do que Winnicott chamou de feminino puro que é aquela que possibilita a experiência de *ser* no bebê<sup>21</sup>. Vivemos a era do fazer, do movimento, da velocidade, do déficit de atenção. Uma era onde este elemento masculino puro é valorizado e foi absorvido também pelas mulheres e tido como o correto, o único modo de viver e conviver. Porém, segundo este autor, não pode haver um fazer autêntico e nutritivo, vinculado a capacidade criativa, sem existir antes um ser. Para Ana Lila Lejarraga (2012, p. 114) “a criatividade requer uma adequada integração dos elementos femininos e masculinos, já que para que o fazer seja criativo e pessoal, deve partir do ser, e estar misturado ao ser”. E o ser brota das interações primordiais entre a mãe e o bebê, quando ele ainda se encontra fusionado na capacidade de ser desta mulher. Neste sentido,

ou a mãe possui um seio que *é*, de maneira que o bebê também possa *ser*, quando bebê e mãe ainda não estão separados na mente rudimentar daquele, ou então a mãe é incapaz de efetuar essa contribuição, caso em que o bebê tem de se desenvolver sem a capacidade de ser, ou com uma capacidade mutilada de ser (WINNICOTT, 1971, p. 116, grifos do autor).

<sup>21</sup> Winnicott desenvolve uma complexa teoria sobre a bissexualidade humana e sobre como, a partir da identificação primária, o bebê amadurece no sentido de poder viver em um mundo de identificações cruzadas. Não há espaço neste trabalho para esmiuçar estas questões, pois não se restringe ao campo psicanalítico. O que se pretende ressaltar é a existência de elementos femininos e masculinos puros no interior de homens e mulheres e que eles precisam ser integrados para coabitar em harmonia. Para um aprofundamento na questão buscar em Winnicott, D. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Imago, 1971, p. 95-120.

Hoje em dia, muito tem se falado em resgate do feminino sagrado e pode-se considerar que existe um paralelo entre os dois conceitos, o do feminino puro desenvolvido por Winnicott e o do Feminino Sagrado que vem sendo resgatado por movimentos sociais de mulheres que buscam se desatrelar do feminismo<sup>22</sup>.

A maternidade como um todo, vem sendo envolvida por uma ligação simbólica com o elemento terra. A mulher grávida vivencia as qualidades de fecundidade criativa que atribuímos à Terra como nossa grande mãe que nos acolhe após o nascimento e nos alimenta. Isso é respaldado pela fala de Francisco Vilela:

Na medicina chinesa a terra é o baço, é o pensamento, é o concreto, é o pé no chão. Normalmente a mulher é assim, não foi à toa que a natureza escolheu a mulher para parir. Se fosse o homem acho que a gente estaria fadado ao extermínio. A grande maioria das mulheres é mais centrada quando precisa. Eu vejo a Terra como algo que te dá base, te dá raiz, te dá relação, sustentação. A mulher dá o sustento, no sentido de base, suporte, não é à toa que a mulher que cria os filhos. Não é à toa que em todos os animais é assim, quem segura a onda é a mulher, a fêmea. Faz todo o sentido ligar a mulher à Terra (FV-CP).

A mulher é então o elemento de suporte e sustentação que possibilita a vida de uma criança. É exigido dela uma outra qualidade de força, diferente da força masculina que levanta peso, sobe montanhas, chega até a Lua. A força feminina é a das entranhas, do mundo submerso, dos afetos. É a força do sangue vermelho que obedece aos comandos da Lua. Não precisam chegar a ela para conhecer seus segredos. A potência da mulher está em viver um estado de ser em constante metamorfose. Ou como diz Ricardo Jones:

A Terra é o local de onde germinam as coisas, né? E eu acho que a mulher é isso: o local de onde germinam as coisas. Se a gente pode entender que o homem é a semente, a mulher é o local onde as coisas crescem, florescem, não só do ponto de vista físico, biológico, é a mulher quem gera, que gesta, mas também é do feminino e do abandono do feminino, do vazio do feminino, que é possível se depositar alguma coisa. É por isso que eu acho, por exemplo, que a criatividade é da ordem do feminino. É quando tu abandonas essa intervenção fálica na natureza e tu te expões ao vazio. Alguma coisa precisa ser criada, precisa ser dita (RJ-CP).

<sup>22</sup> Feminismo aqui entendido como um movimento social, filosófico e político que teve início no século XIX, mas chegou ao seu auge nas décadas de 1960/1970 e luta pelos direitos iguais entre homens e mulheres. (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>>. Acesso em 05 de jan. 2015). Enquanto o movimento do Feminino Sagrado, ainda muito recente, tem sua origem difusa, mas está muito atrelado ao movimento da Humanização do Parto e o resgate da Maternidade.

Estas duas falas são de dois homens sensíveis, médicos obstetras, que se dedicam a cuidar de mulheres parindo naturalmente. O primeiro enxerga a relação entre a mulher e a Terra através da perspectiva do suporte e da sustentação. O segundo, a partir da fertilidade e da criatividade, de um vazio capaz de criar o novo, não da ordem do fazer coisas, mas da ordem do criar coisas, seres, relações. Os dois trazem uma relação simbólica como arquétipos que são importantes de serem trabalhados, mas a fala de uma mulher, Kira Young, trouxe outros elementos:

A mulher que sente não é só mansa. Eu vejo e sinto muito isso. É difícil porque a Terra está totalmente arrasada, né? Como é difícil ser simplesmente uma pessoa... simples, com a Terra mais vivida. Porque a Terra tem um sistema, tem vida, pulsa lá no centro, ela é povoada dentro dessa simbologia mesmo, passam os rios, tem colônias em vários lugares, tem pessoas que tem funções diferentes no planeta e fazer essa relação da distância que a industrialização impõe realmente faz todo o sentido. Que corpo é esse? Voltamos novamente a esse corpo que está consumindo, que está se poluindo e mudando toda uma percepção do ambiente, porque se você toma muito hormônio você altera sua percepção do ambiente. Seus objetivos são outros, você é anestesiado em vários outros pontos, sua libido não fica exatamente como deveria ser, seus impulsos... acho que as antenas (intuição) ficam meio capengas. Estamos precisando habitar um mundo mais selvagem mesmo, né? As mulheres estão muito viciadas em “não tem problema se eu não sentir”. Acho que mulher e Terra estão muito ligadas realmente, mas vivemos isso de forma adormecida. Precisamos ver a Terra como o corpo feminino (KY-CP).

A perspectiva apontada desta outra profissional que também trabalha na assistência de partos naturais, porém como enfermeira e sendo uma mulher, aponta para como essa ligação, que é facilmente feita no mundo simbólico, está distante de ser vivenciada no cotidiano das mulheres. A Grande Mãe Terra é grande demais, distante no imaginário invadido pelas forças com as quais se precisa lidar diariamente para garantir a sobrevivência. O olhar viciado tende a enxergar os fragmentos, e a vida moderna contribui sobremaneira para que os elementos de ligação fiquem transparentes. As mulheres modernas não se relacionam mais com os elementos da natureza como a Lua que é a grande guia das mulheres de povos primitivos. Têm sido levadas ao fazer frenético, escolhem viver de maneira anestesiada, usam hormônios para interromper a menstruação, desrespeitam sua natureza cíclica, buscam a qualidade masculina de ser basal, única; expõem-se a uma sexualidade com padrões que valorizam a quantidade em detrimento da qualidade; buscam o poder de acordo com valores masculinos. Em última instância, de maneira geral, buscam ser homens porque a convivência social desqualifica e subjuga o valor intrínseco à força feminina (pura) por excelência.

Porém, este poder feminino é muito valioso e necessário. Ele não é só manso, passivo, receptivo e principalmente não é frágil. É também resistente. Uma mulher talvez não possa levantar muito peso, mas ela resiste ao peso de vidas sob sua órbita. Trabalha, muitas vezes em detrimento próprio, pelo bem de seus queridos. Resiste à dor, às perdas, à violência desta nossa cultura que só valoriza a eficiência, o consumo e a beleza enquadrada em um estereótipo desumano. É também uma mulher que vira bicho, que conecta com instintos mamíferos e move mundos para defender seus direitos, seus amores. Uma gestante relata uma experiência interessante que teve depois do seu parto, mas onde teve a oportunidade de entender que poder é esse do feminino:

E recentemente, quinta feira, eu estava dando um curso para as meninas normalistas, de bordado com história, tecer tecidos, e a gente contou uma história e cada uma tinha que escolher uma palavra da história para contar uma história sua. A minha palavra foi poder, a história tem um poder mágico, (A Moça Tecelã, Marina Colachance), ela cria a vida no tear, aí ela faz um marido, faz uma casa, mas lá pelas tantas, “cansei desse marido” e começa a destecer. É o poder mágico né? Daí eu tirei a palavra poder e contei uma história, porque o exercício é esse, tira uma palavra da história e conta um caso da vida. Daí eu contei uma besteirinha, que nem é uma besteirinha, sempre tem muito a ver, sabe? Daí veio uma pessoa e sugeriu para a gente ler também no dicionário o significado das palavras. E a palavra poder é ter possibilidade. Meu Deus do céu! Foi meu presente da semana! Porque esse superpoder é um poder do possível, né? Não é um superpoder tipo raio laser, né? Não é voar! Ter poder é ter possibilidades! Incrível! (D. 11/2013)

Em tempos de massacre e destruição da natureza, é fundamental que os valores femininos sejam renovados e valorizados. O resgate do poder feminino de criar possibilidades, do protagonismo feminino de acordo com a perspectiva winnicottiana do processo do nascer e do interagir com uma criança, pode ser uma ponte de via expressa que leva a uma consciência mais ampla do emocionar humano. Uma mulher tem o poder de tecer e destecer sua vida, como

se tivesse simplesmente sendo chamada e tranquilamente largasse o bordado na cadeira, se erguesse, e sem uma palavra - abandonando sua vida, renegando bordado, amor e alma já feita - sem uma palavra essa mulher se pusesse calmamente de quatro, começasse a engatinhar e a se arrastar com olhos brilhantes e tranquilos: é que a vida anterior a reclamara, e ela fora (LISPECTOR, 2013, p.216).

O tempo da gestação é o momento propício para resgatar esse poder que leva uma mulher grávida diretamente à sua força de Grande Mãe, de mamífera, de MULHER, com letras maiúsculas, esse poder que não pôde ser domesticado como aponta Ricardo Jones:

Eu falo da domesticação do parto como uma coisa nefasta. A medicina fez muito mal para o parto. Eu posso até dizer que a medicina fez bem para os

pacientes e para os bebês, porque acrescentou ciência, conhecimento, mas a medicina fez muito mal para o parto. E o parto, como eu acho que é uma ferramenta espetacular de empoderamento feminino, ele ficou cerceado em suas possibilidades. Então as mulheres perderam muito com a medicina. A mulher foi abafada com a entrada da medicina no parto. (RJ-CP)

Deixar a mulher parir é devolver a ela seu poder mais primitivo, sua conexão com uma qualidade de ser exclusivamente feminina. Winnicott busca ressaltar esta diferença constitucional entre homens e mulheres em uma bela passagem. Segundo esse autor “podemos encontrar um novo modo de especificar a diferença entre os sexos. As mulheres o possuem quando se relacionam com a MULHER, através de uma identificação com ela. Para cada mulher, há sempre três mulheres: 1) o bebê menina, 2) a mãe, 3) a mãe da mãe” (2011, p. 193, grifos do autor).

Estas três instâncias que coabitam no interior de uma mulher, fazem dela múltipla, potente e frágil, muitas vezes potente em sua própria fragilidade. É neste lugar de menina, mulher e anciã que o encontro é possível. Então, no mundo vivido, existe uma relação primordial que precisa ser reverenciada, é o laço constitutivo que uma mulher tem com sua própria mãe. Não há como se ligar à Terra, ao feminino do deixar ser, sem passar por uma profunda revivificação afetiva e reverente à mulher que nos hospedou e nos acolheu, garantiu a nossa sobrevivência e, de maneira mais fundamental nos ensinou a ser e a amar.

Ricardo Jones conta como seu filho se deu conta deste ensinamento fundamental que é passado, ou não, através do relacionamento com nossas próprias mães, e o expressou de forma belíssima na ocasião de seu casamento. Ele, o filho, disse: “eu quero agradecer a todas as pessoas que estão aqui, mas eu quero agradecer em especial a minha mãe porque eu só estou aqui me casando porque tive alguém que me ensinou a amar” (RJ-CP). Homens e mulheres só podem amar de forma plena e livre de defesas se passarem por um processo profundo de integração de suas próprias mães internas e isso passa pelo reconhecimento e pela gratidão do esforço feito por uma mulher, mesmo que as circunstâncias desse cuidado recebido não tenham sido adequadas, mesmo que eles numa tenham havido.

Mas o fato incômodo permanece, para homens e mulheres: uns e outras em alguma época eram dependentes de uma mulher, e de alguma forma o ódio dessa situação teve que ser transformado numa espécie de gratidão – no caso de a pessoa alcançar sua maturidade plena (WINNICOTT, 2011, p.194).

Reconhecer essa qualidade do feminino sagrado em si é poder dar voz e valor a essas qualidades próprias da mulher. O resgate muitas vezes passa pelo retorno aos afazeres

tipicamente femininos: dançar, tecer, bordar, escrever poesia. Todos estes movimentos regados pelo simples propósito de enaltecer a vida:

Feminino Sagrado  
As mulheres  
são feitas de música!  
dos sons de estrelas  
das águas da cachoeira  
das ondas do mar.  
As mulheres  
são embaladas de dança  
de bater o pé  
de mãos unidas  
em canto sagrado  
As mulheres  
são feitas de sonho  
dos sonhos de Deus  
do sonho do amor  
do filho que ainda não veio  
dos sonhos de sonhar  
As mulheres  
são perfumadas de flor  
das flores do campo  
do jardim de casa  
da rosa, do cravo  
do jasmim  
da cerejeira.  
As mulheres  
são pintadas de arco íris  
com cores de mar  
do céu infinito  
com nuances de mata  
pinceladas com fogo  
As mulheres  
são belas  
são feras  
são doces  
mas não se enganem  
As mulheres  
são rubro sangue  
e sabem-se armadas  
ferozes  
felinas...  
As mulheres  
são água que flui  
são fogo que queima

terra que sustenta  
e o ar dos teus sonhos!!!<sup>23</sup>

### 2.1.2 O Masculino e o Sagrado

O papel principal do pai é realmente amar a mãe. Eu acho que esse é o presente mais lindo que uma criança pode ter. Imagina você neném sabendo que sua mãe está sendo amada. Que lindo! Sempre no casal, na gestação, depois, no adulto. O olhar meigo, o olhar verdadeiro de um homem para sua mulher é um presente que confirma de onde você vem. A união desse casal me deu EU (LU-CP).

Neste trecho de minha pesquisa me dedico a dar voz aos homens. Sinto-me tímida para relatar vivências tão profundas a partir de um lugar que não vivi. Portanto, será o lugar da fala paterna, entremeada com toques femininos. Foi pedido a um homem que contasse o que vivenciou ao assistir o nascimento da filha em sua própria casa, e como ele entendia o papel masculino nesse momento:

E eu estava muito nesse lugar de fazer as coisas, ajudar e ficar do lado. Mas hoje eu vejo que eu fiz muito. Podia ter feito bem menos. Podia ter deixado você fazer mais, podia ter deixado mais espaço para o feminino, sabe? Isso foi uma coisa que eu percebi na terapia depois. Eu fiquei muito em cima, podia estar menos, sabe? E aí eu fui vendo que o lugar do masculino é outro nesse momento, sabe? Tem um lugar no masculino e do feminino naquele momento. Eu vejo isso pelas comunidades tradicionais mesmo. O homem não participa muito daquele momento, é uma coisa mais do feminino mesmo. É um universo muito distante. Eu assistindo tudo, as reações da Marcela, que ela bateu na bola e saiu rolando, são coisas que a outra mulher entende, porque viveu, ou porque tem aquela experiência, por estar dentro dela aquela forma de ser e estar mesmo no mundo. Na hora isso não me caiu não, na hora eu ia vendo e pensando: “Caraca, é muito bicho mesmo”. A mulher vira uma fêmea mesmo, parindo. É o mamífero fêmea ali mesmo. Do lugar onde eu estava assistindo, essa imagem ficou muito forte para mim. E fiquei me perguntando que lugar é esse do masculino nesse momento. E eu acho que vai para um lugar de dar limite, não sei se é bem limite a palavra, de dar um contorno para aquela coisa que está acontecendo, sabe? Mas não é um contorno tão próximo, tão colado no feminino. Um lugar de contorno que está vendo as coisas acontecendo e está ali fazendo uma mediação do que está fora com aquele momento que é tão precioso, tão sagrado. Lugar de mediação, que está fora e está perto, sabe? Mas não está ali dentro daquele sagrado que está acontecendo. E eu me vi muitas vezes dentro desse sagrado, e depois eu fui vendo que eu não precisava estar ali. É um lugar do feminino e acho que a mulher se reconhece mais mãe se ela tiver que vivenciar aquilo ali com toda a integridade dela, sabe? Às

<sup>23</sup> PONCE, Rose Kareemi. As mulheres são feitas de som. Disponível em: <<http://nossosagradofeminino.blogspot.com.br/2013/11/as-mulheres-sao-feitas-de-musica-dos.html>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

vezes eu acho que a minha presença pode ter dado um conforto que não precisava. Mas, por exemplo, teve um momento, da banheira, né? Eu sempre conto isso para o pessoal porque eu achei isso muito engraçado, surreal, eu olhava para fora da banheira e estava você e o Francisco (médico) dormindo e Marcela dormindo também. Eu o único acordado. Isso é muito surreal, mas acho que é isso, eu dei um lugar de conforto para ela. É isso mesmo? Está todo mundo dormindo? Mas não sei se esse é o melhor exemplo do lugar do masculino e do feminino não. Acho que o lugar do masculino está nisso de abraçar, de dar carinho, de dar o contato também, mas eu não sei também se era uma coisa interna minha de achar que eu tinha que responder a uma demanda, sabe? Eu acho que tinha uma coisa dentro de mim que achava que eu tinha que fazer muitas coisas (D. 11/2013).

O bebê, fruto da fusão do masculino e do feminino, nasce através do feminino. O momento mulher, fêmea parindo. É como se o núcleo fosse do feminino, mas ele não se sustenta sem a atmosfera protetora do masculino, que abrindo mão de sua intervenção fálica do fazer desenfreado, pode esplendidamente embalar a existência do sagrado. A imagem do pai como o único acordado, o único a zelar pelo bem-estar de todos, mas ao mesmo tempo, o único que não relaxou, que não abriu mão do intelecto, o único que não se entregou ao mundo dos sonhos, ao outro estado de consciência que permite a abertura do caminho. Alguém tinha que estar acordado... quando ele diz que se viu muitas vezes dentro do sagrado feminino foi com essa tônica. Ele conseguiu perceber sua característica de intruso naquele momento. O masculino não pode estar no centro do feminino sem desestabilizar suas forças. Existe um lugar especialmente reservado para ele no momento da chegada de uma criança e nos primeiros meses de interação com o bebê. Lugar fundamental e diferente do lugar materno.

Winnicott formulou a *Teoria do Amadurecimento Pessoal* baseado em duas características básicas que ele observou em seus cuidados neonatais. A primeira é que existe no humano uma necessidade intrínseca de *ser* e a segunda é que existe uma tendência inata ao amadurecimento. Estas duas forças combinadas levam ao caminho da integração. À constituição de um EU nítido autônomo, mas também dependente. Este desenvolvimento depende em grande parte do ambiente, do sentimento de continuidade de ser do bebê, sustentado por um ambiente facilitador que possibilita experiências pessoais do bebê. Como ele ainda não se percebe como uma unidade, essas experiências acontecem no interior da relação mãe-bebê, portanto, a mãe caracteriza em si o ambiente facilitador. E aí sim, pode haver uma unidade. Um olhar desatento pode levar a uma conclusão enganosa de que este autor delega à figura paterna um papel de segundo plano. De fato, as referências à função do pai nos primórdios da vida do bebê encontram-se espalhadas em vários textos de sua obra, e é uma tarefa difícil produzir uma

síntese, porém fica clara a sua dedicação sobre o tema. Claudia Dias (2009) formulou uma brilhante organização no artigo “O papel do pai no processo do amadurecimento em Winnicott”, no qual me baseio.

A primeira grande marca que se destacou foi o fato de Winnicott entender que pai e mãe carregam funções diferentes e complementares no desenvolvimento de uma nova vida. Para que tudo corra bem, não pode haver espaço para competição, ou para formulações de valor sobre os dois papéis. Ambos são fundamentais. É preciso lembrar que os seres humanos são complexos e que cada um carrega em si elementos dos outros, que mulheres interagem com aspectos masculinos e femininos internos, assim como os homens. Estas funções podem não se encontrar tão distintas no interior de uma família, na prática, mas mesmo assim, para o bem do bebê, elas precisam estar presentes de forma harmônica e compartilhada nessas duas pessoas que formam o ambiente real da criança.

É fato que encontramos mães mais paternas e pais mais maternos, e que isso pode ser tão natural nessas pessoas que garanta, tanto quanto nos casos mais comumente encontrados de mães mais maternas e pais mais paternos, um desenvolvimento igualmente saudável nos filhos. A questão é que, embora o homem possa ser materno – e é desejável que ele tenha também essa possibilidade – em geral, é custoso para ele, em termos de sua vida pessoal e de sua masculinidade, ocupar o lugar da mãe com a especialização que isso demanda no início da vida (estabelecer uma relação com o bebê em termos de continuidade, de identificação, desenvolver algo similar à preocupação materna primária, constância, monotonia, etc.). Além disso, se o pai é mais materno, talvez caiba à mãe ser mais paterna, de modo a manter no ambiente as características de segurança, estabilidade e firmeza que são fundamentais para o processo de amadurecimento do bebê (DIAS, 2009, p. 65-66).

A necessidade da busca por um equilíbrio dessas duas forças dentro da família é evidente. Porém, como inevitavelmente foi a mulher que gestou o bebê e cabe a ela amamentá-lo,

no que se refere ao pai, nesse momento inicial, embora ele exista, tenha participado da feitura da criança, e esteja presente, ainda assim ele ainda não pode ser abarcado como externo e muito menos como terceiro, no pequeno campo de experiências que a incipiente maturidade do bebê permite (Dias: 2009, 58).

Não há o que a autora chamou de um “colo do pai”. Então, nesse contexto de dependência absoluta entre mãe e bebê, a fundamental tarefa do pai seria a de dar sustentação a essa dupla. Cuidar das obrigações práticas, como aporte financeiro e infraestrutura, mas especialmente cuidar do emocional da mãe, para que ela possa se sentir segura e possa com

tranquilidade se deixar levar pela preocupação materna primária, por este *deixar ser e ser pelo bebê*. A Fala de Leonardo Boff confirma este entender:

Olha, eu acho que fundamentalmente que tem duas funções. Uma do provedor. A mãe cuida da criança e se entretém com isso, mas o amor não vive sozinho. Ele tem que comer, tem que morar, então ele cria as condições para a mãe e o filho poderem continuar a viver, então ele é o provedor fundamental. E ao ser provedor, é aquele que ajuda a criar a criança e especialmente fazer a passagem do mundo familiar e íntimo, integrado e sem ameaças, para o mundo do outro, da sociedade, que é conflitivo, que é complexo (LB-CP).

No lugar de provedor e sustentador emocional da mãe, o pai influencia indiretamente a saúde de seu bebê. Mas Winnicott aponta para outra função importante no interagir dessa nova família. O pai pode atuar como mãe substituta ao conectar com seu lado feminino puro capaz de se identificar com o bebê, pelo simples fato de já ter sido cuidado por uma mãe. É fundamental cuidarmos do que se entende pela palavra substituta. Não se trata de maneira nenhuma de um desmerecimento. Ser o substituto da mãe é uma qualidade especial dos pais. Provavelmente são neles que as mães mais confiam para entregar seus bebês. Elas entendem e até desejam que eles estabeleçam uma linha de comunicação com os pequenos, pois, os casais geralmente sentem que compartilham a responsabilidade por suas crias. Se a relação está ancorada em uma base de reciprocidade, este pai vai naturalmente investir nessa relação, mesmo que nas primeiras semanas e meses que seguem ao parto o bebê não esteja ainda interagindo com ele. Porém, para alguns pais, pode ser difícil desenvolver esta característica interna de identificação com as necessidades do bebê. No homem ela é menos orgânica do que na mulher que esteve carregando seu bebê por nove meses em seu próprio corpo. Quando o bebê chega, ele ainda é um estranho para o pai. Um ser novo a quem ele precisa ser apresentado e se apresentar. Destaco aqui o interessante relato de Francisco Bosco (2013)<sup>24</sup> com relação ao nascimento do seu segundo filho:

Meu amor por meu filho foi se formando aos poucos. Além de toda a ocupação, os ciúmes da irmã dificultavam a proximidade. Desde a gravidez da mãe, Iolanda fez de mim, provavelmente como uma defesa, a maior referência de sua vida. Eu tinha que ser muito cuidadoso com o seu sofrimento (além do meu apaixonamento por ela, que tornava o sofrimento dela também o meu). E, entretanto, no meio apertado de tudo isso, a cada sorriso, a cada vez que o pegava no colo, a cada carinho nas bochechas, a cada vez que falávamos dele, a cada cuidado, alguma coisa em mim se formava, ainda indefinida e distante. Até que Lourenço ficou doente. Na semana passada, aos

<sup>24</sup> BOSCO, Francisco. Meu filho. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/meu-filho-10889894>. Acesso em: dez de 2013.

três meses ainda incompletos, ele pegou o famigerado “sapinho”. Com dor, não conseguia mamar direito. E sua voz ficou rouca. No sábado, saíram todos de casa e ficamos sozinhos, eu e ele. Levei-o ao sofá para fazer delicados exercícios, de que ele gosta. A certa altura, ele começou a “falar”, e enquanto emitia sons roucos, olhando nos meus olhos, eu sentia quebrar-se e abrir-se alguma coisa no fundo mais fundo do meu ser. Não sei bem o que aconteceu. Deve ter sido a fragilidade de sua voz. A fragilidade tem laços muito profundos com o amor. Sei que foi um momento de verdade. Eu desatei a chorar em plena tarde de sábado, com meu filho no colo, transbordando de amor como um poeta místico. E hoje, ao sair de casa para trabalhar, tive já saudades dele.

Este pai descreve a grandiosidade de um encontro entre pai e filho que só pôde acontecer três meses após o nascimento. É como se naquele momento, de solidão compartilhada, ele pudesse, pela primeira vez, ter se conectado com a existência do filho. O menino ficou doente e a partir daí seu pai pôde se identificar com a fragilidade comum aos dois, pôde reconhecê-la e reverenciá-la, pôde deixar brotar em si o amor transbordante que sente uma mãe, ou um pai em conexão com seu lado feminino puro, com seu filho nos braços. A vivência dessa fragilidade, em nós e no outro, é o que desperta os sentimentos atrelados ao ato de cuidar. Aquela qualidade, feminina, de observação e admiração fora da esfera do fazer. Algo que é. É preciso muita coragem para habitar com tranquilidade este lugar. O lugar do tempo que para. Acolher esse algo que emerge do fundo da alma dos poemas, dos místicos. Se deixar habitar pelo mistério.

Neste novo depoimento, outro exemplo de um homem que consegue se entregar a essa grandiosa identificação:

A sensação de colocar um bebê para dormir é uma das mais desconcertantes para mim. Em primeiro lugar, é necessário encontrar algum modo em que o bebê se sinta minimamente confortável em seu colo. Acredito que se trata de uma busca mútua, em que o ninador e o ninado experimentam vários modos de se aconchegarem um no outro. De repente, sem percebermos, estamos encaixados de um modo tal que nenhum de nós dois sabíamos ser possível, e procurando embalar-se ao som de alguma música silenciosa, o ninador busca encontrar um ritmo apropriado para conclamar o sono. Novamente, surge algo para além do ninador e do ninado, um movimento próprio, um balançar ao som de alguma cantiga que provém de um lugar totalmente desconhecido e que é muito maior do que a suposta dupla que busca o sono: no momento em que surge o ritmo apropriado do ninar, parece mais que aquele que nina é ninado e o ninado é aquele que nina. E então ocorre a entrega da criança: de tal forma o corpo do bebê se reconforta no corpo do ninador que parece que seu corpo é apenas uma extensão deste: veja bem, não há mais dois, não há mais ninador e ninado, há apenas o ninar... a sensação de deixar-se ir, de entregar-se é como uma corrente que te atravessa, como se uma força incompreensível tenha se apresentado e te embalado junto com a criança..... E por vezes a alegria me leva às lágrimas... e uma exaltação em que os lábios

murmuram involuntariamente... obrigado, meu Deus.... Obrigado! (D. 10/2014)

Uma fusão de dois em um. Como no parto, como nas mais belas passagens da mística Islâmica, Cristã, Zen Budista, etc. Algo que pode acontecer todos os dias no toque entre um pai e um filho. O pequeno primeiro oferece isso à mãe, enquanto habita seu interior, e de forma esplêndida durante o parto, mas pode oferecer também ao pai sensível, habitante de um corpo vivo que se entrega à fusão da dependência absoluta. Porém, nesse primeiro momento, o homem não pode se entregar a essa fusão de maneira irrestrita. Ele precisa ser capaz de ir e vir deste lugar para que a mãe possa permanecer lá por mais tempo. É disso que o bebê precisa, é disso que ela precisa. Se ele puder coabitar os dois mundos, resolver as praticidades da vida e ir visitá-los, aquele espaço permanece sagrado e seguro. Um ninho protegido por um João de Barro.

Francisco Vilela resume esse papel do homem, pai, a partir da chegada do bebê:

O primeiro momento que o homem tem que se tocar, e muitas vezes não se toca, é o momento da mudança. É impressionante como os homens não se tocam que a mulher muda. Como muda seu corpo, muda seu afeto, muda sua sexualidade, muda seu tesão, seu sono, seu intestino, muda tudo e muitos homens não percebem esse momento da mudança. Ela muitas vezes nem sabe que vai mudar ou nem quer que mude, mas vai mudar. Independente de querer ou não. A grande maioria dos homens não tem esse olhar. E eu tento passar isso para os casais, que vai haver uma mudança e o homem tem que estar esperto para isso, tem que estar apto a se transformar também. Isso numa primeira etapa, mas a segunda é a do companheirismo, do parceiro, porque o homem tem que cuidar da infraestrutura, é quem vai dar o suporte. Ela vai deixar de ser a mulher terra, mulher polvo que faz tudo ao mesmo tempo. Nesse momento o homem tem que dar o suporte para a mulher poder crescer. Sustentação. Numa terceira etapa, talvez a mais difícil, o homem precisa se transformar afetivamente. Participar de coisas que teoricamente só a mulher participaria. No mundo de hoje não tem espaço para não haver essa participação. Principalmente nessa classe média que é tão dependente desse núcleo pequeno. Se ele não participar mais, ela não aguenta. Por isso tem tantas mulheres que piram. Porque amamentar é mais difícil que parir. Amamentar são seis meses por vinte quatro horas. Parir, é duro, naquelas horas, mas depois dá prazer, o filho está ali, mamando, mas o amamentar é muito desgastante para a mulher, então se ela não tiver uma logística de suporte por trás, fica muito difícil. Estão essa terceira etapa é essa mudança de foco do homem, não ser só o cara que vai prover, mas ser o ponto de afeto e suporte para a mulher. Entender também que a libido da mulher vai ficar lá embaixo, que o prazer daquela mulher vai ficar naquele momento muito mais localizado no filho e é preciso respeitar esse momento. Existem mudanças. (FV-CP)

Deixar-se envolver pela preocupação materna primária não é tarefa fácil para a mulher também. É ter a sua própria identidade fusionada com a de outro ser de maneira tão grandiosa que muitas delas se perguntam se algum dia voltarão a ser um ser descolado novamente.

Amamentar não é mesmo nada fácil. É ter alguém totalmente dependente, grudadinho em você o tempo todo. É um “confronto de desamparos” (WINNICOTT, 1987, p. 91), da mãe, do bebê e de todos que estão em volta. Se essa mulher for deixada desamparada ela sofre. Se ela sofre, o bebê sofre e se desenvolve mal. Muito do que se vê hoje como depressão pós-parto é na verdade um sintoma dessa inadequação ambiental em torno da mãe. Porém, é preciso compreender as sutilezas da ajuda que ela precisa:

Eu sempre falo isso para M.: “O próximo parto você vai trabalhar bem mais, viu?” Eu acho que ela também sente isso, não sei. Não é trabalhar mais porque vai ficar sozinha. Eu não vou deixar ela sozinha, só vou deixá-la no lugar dela. Mais com ela, mais no lugar dela. (D. 11/2013).

Esta ajuda que ela necessita, não é aquela quando alguém faz algo por você. Está mesmo relacionada com não a deixar sozinha, mas deixá-la no lugar dela. Tem a ver com confirmação. Com a confirmação da existência da mãe por parte do marido, do seu homem.

Com o tempo, com o amadurecimento do bebê, o homem passa a ter outros papéis. Chega a hora dos limites e do que a psicanálise chama de Complexo de Édito. Porém como o objetivo dessa pesquisa se restringe ao primeiro ano de vida do bebê, considera-se que não haja espaço para um aprofundamento aqui.

Laura Uplinger aponta para uma última, bela e fundamental função paterna que pretendo abordar aqui:

E o pai para mim representa também uma sociedade que podia ser um pouquinho menos ignorante. Realmente abraçar essa mulher na sua trajetória. Que ele se sinta pleno pelo chamado dessa alma e que ele se ofereça a essa alma pelo amor que ele tem pela mãe. Porque ele não conhece a criança, não dá para amar quem a gente não conhece, pode amar a ideia de ter alguém e se sentir pronto, comovido, mas que maneira mais linda de acolher fazendo um berço de amor para essa criança. Quando eu digo amor é abnegação sim, é sacrifício sim, é o cuidar sim, é o estar atento, mas é também toda a alegria, todo o bom humor, toda a exaltação da qualidade daquele casal que veio trazer o melhor de cada um dos dois para o cotidiano deles, seja uma casinha pequetinha, seja um casarão. É difícil para os dois lados, favela e Barra da Tijuca, vão ter os mesmos problemas de relacionamento: a mulher insegura, porque não sabe se o marido está aceitando as mudanças nela. Eu queria que os homens tivessem a consciência dessa alegria que dá, porque confirma também eles terem nascido. Lembra que quando a gente está com um neném no ventre, está revivendo também a nossa vida de feto, de embrião? O homem também, isso não é só para a mãe. Se ele pudesse saber disso, que se foi difícil para ele estar no ventre da mãe, pode deixar essa dificuldade um pouco de lado e viver essa alegria agora. Isso traz uma luz diferente, é um sanear, é um sarar do próprio território dele. A sua terra está doente? Então toma conta da terra do outro. A sua terra fica boa. A terra do outro é essa mulher que está

sendo terra para um filho e a história pode recomeçar num papel muito mais elevado e sempre com a sensação do mistério. (LU-CP)

O amor do homem pela mulher confirma a existência do filho, mesmo adulto. Poder amar a mãe do seu filho, limpa qualquer tipo de dificuldade que este homem possa ter tido em sua primeira infância. É como se de repente, na tarefa de garantir a continuidade de existência do bebê, pai e mãe, pudessem se conectar com o que há de mais vivo neles próprios. Um amor vertical, que liga cada um às suas origens e ao próprio filho, um amor horizontal, que o liga de maneira única àquela pessoa com quem se compartilha um fruto. Grande e grandiosa tarefa essa.

## 2.2 OS CUIDADORES PROFISSIONAIS

Mãos que não sejam inertes, distraídas, ausentes, mãos que não estejam longe.

Mãos atentas, vivam, vigilantes, que sigam o menos movimento da criança.

Mãos leves. Que não comandam. Que não pedem. Que simplesmente estão lá.

Leves, mas pesadas com sua carga de ternura. E de silêncio. (LEBOYER: 1989, P.102)

Os médicos e as enfermeiras obstétricas são os principais agentes de cuidados dirigidos às gestantes durante o pré-natal e no momento do parto, tanto hospitalar como domiciliar. São duas profissões constituídas por bases e valores bem diferentes, mas que compartilham o espaço dentro dos sistemas de saúde, privado ou público, do nosso país. Não são raros os embates entre estas duas classes. Foi compartilhado, com os profissionais que entrevistados, a sensação de que a medicina carregava uma missão de função mais masculina de ação sobre a saúde, enquanto a enfermagem trazia uma vertente mais feminina. Claro que existem médicos e enfermeiros, e enfermeiras e enfermeiros, mas neste primeiro momento, me dedico a entender qual é o sentimento que cria cada ação de cuidado.

Kira Young (CP) contou como nasceu a enfermagem:

A proposta da enfermagem é muito interessante. A Florence Nightingale, inglesa, teve que colocar tudo em hierarquias para construir um cuidado que estivesse dentro de um modelo que o masculino pudesse entender, que aquilo era uma profissão. Por que a Florence era uma moça de família rica do século XIX, o pai dela era médico e ela teve uma formação, viveu em vários países estudando, mas ela era uma cuidadora. Ela ia visitar o pai e encontrava aquela cena de muitas pessoas no mesmo lugar, num ambiente fechado, sem luz... aí ela começa a intervir nesse espaço, abre uma janela aqui, separa os doentes, precisa de sol, precisa de vento, precisa limpar. Precisou de uma pessoa dizer que precisava limpar essa ferida aqui, passar água, tem que lavar a mão antes de cuidar da ferida. Aí ela foi para a guerra da Criméia, com um povo que ela

levou junto, e conseguiu diminuir 80% das gangrenas, das mortes, das infecções, porque começou a separar os ambientes. Ela começou a pensar no ambiente como um lugar de cura. Então, olha isso! Totalmente inovador. Que percepção, acho que é essa que você traz, né? Que sensibilidade é essa? E aí ela conseguiu grande respeito e formou a faculdade de enfermagem. Agora você fazendo a faculdade de enfermagem, o mais importante da enfermagem, a pessoa tem ou não tem, que é quase essa espiritualidade do cuidado, ou a pessoa tem essa sensibilidade, um olhar humano, ou ela fica um reprodutor de técnicas. Eu posso dar um banho no leito totalmente desconectado da pessoa e ser uma coisa fria, ou você pode dar um banho com consciência de que você está realmente fazendo circular aquele tecido que está ali deitado a um tempo. Isso é muito humano, né? Vai olhar para pele, vai ver se tem alguma coisa que precisa de mais cuidado, você vai pegar na pessoa de um jeito muito diferente, com respeito.

Então a enfermagem nasce da percepção de uma mulher acerca da importância da harmonia do ambiente, da qualidade do ar, da luminosidade, do toque, e do olhar individualizado. Parece que ela fala de um cuidado que acontece mais no aqui e agora, mais próximo da experiência do paciente, busca através desse equilíbrio quase estético, fundamentalmente a saúde, hábitos de saúde, que em profundidade podem curar.

Se circunscrevermos a ação da enfermagem dentro da lida com gestantes, lembrando mais uma vez que gestação não é doença, este aspecto da promoção da saúde fica ainda mais evidente. Existe uma vertente da enfermagem que acredita que as gestantes de baixo risco deveriam ficar aos cuidados somente de enfermeiras obstétricas. Brigam por uma autonomia do saber da enfermagem perante o saber médico. Este modelo de assistência vigora nas Casas de Parto, onde não há médicos. Elas seguem um rígido protocolo de encaminhamento em caso de complicação tanto durante o pré-natal como intraparto, e são muito bem treinadas para reconhecer quando algo não vai bem. Nesses casos, as pacientes são imediatamente levadas ao hospital de referência. Os resultados deste modelo são excelentes. O índice de mortalidade materna e neonatal é bem baixo e o nível de satisfação da população atendida é bem alto. Em resumo, entende-se que à enfermagem cabe cuidar dos casos onde o tempo precisa atuar. No caso do parto, no caso de uma recuperação pós-operatória... Ela confia na ação do tempo, é ele quem promove a cura. Não há nada a fazer a não ser cuidar da qualidade dessa espera. Quanto mais qualidade, menos a espera, mas rápida é a recuperação, mais rápido é o parto. Trata-se de uma percepção positiva, otimista, do mundo e das relações.

Uma coisa que eu ouvi muito na faculdade, é que, assim como na medicina, você trabalha com o corpo morto. Como é que você vai tocar sentindo e olhando para o outro? Uma vez eu vi uma moça, enfermeira da UERJ, falando o que é enfermagem. Porque a gente ainda fica se perguntando o que é enfermagem, né? Por que, o que faz a diferença? Você dá energia para aquela

pessoa, eu sentia muita falta de ter uma base de psicologia, assim, forte. Porque basicamente é com esse universo que a gente habita está lidando com projeções, tem gente que você não consegue chegar perto, você fica com nojo, e aí? Tem que ir lá fazer o negócio, mas como é que você faz apesar de? A técnica te ajuda, mas essa moça fez uma analogia, a saúde é uma laranja e que a fisioterapia é um gomo, a medicina é um gomo, a psicologia é um gomo e que a enfermagem era o bagaço. É tudo que estava entre os gomos. Que é engraçado chamar de bagaço, porque é quase um bagaço que a gente vira mesmo, mas a enfermagem é um pouco de tudo e pode ser só um bagaço mesmo, só uma coisa que não tem valor. (KY-CP)

A enfermagem é o bagaço da laranja, é o que liga e traça uma linha de continuidade entre todas as especialidades de cuidado. Ela em si parece sem especialidade, mas sem ela, as outras são somente gomos, isolados em seus próprios asteroides. Somente o elemento de ligação pode garantir a existência do todo, da saúde.

No entanto, há casos em que é preciso interferir na direção para onde o tempo está apontando. É preciso estancar um sangramento, debelar uma infecção, extrair um tumor, retirar um bebê que já não tem um batimento cardíaco adequado. E aí a medicina entra redirecionando o tempo. Tem uma característica de corte, de rompimento, de limite, que é tão necessário quanto a leveza do toque. Segundo Ricardo Jones (CP) “a medicina é essencialmente masculina e a enfermagem é essencialmente feminina, então basicamente a função fálica da medicina é de penetração, de mudar rotas, de transformar e a função da enfermagem é de acolher, de receber, de aceitar e de cuidar”. Depoimento confirmado pela fala de Francisco Vilela (CP):

O médico é formado para se distanciar do paciente. Parece até que são de espécies diferentes. Eu vejo isso porque tenho uma filha que está fazendo medicina agora e eu converso muito com ela sobre isso. Eles são formados para serem os donos da verdade, isso não mudou em 30 anos. Vou fazer 30 anos de formado e eu vejo minha filha repetindo coisas que eu já achava barbaridade há 30 anos atrás. E eu coloco ela para pensar. Então, do lado médico, acho que já somos formados para não ter uma proximidade afetiva ou vínculo com os pacientes. Como se ele não pudesse se envolver nas questões do outro.

Existem no Brasil dois modelos de assistência ao parto de acordo com o modelo médico. De um lado os hospitais particulares conveniados aos planos de saúde onde as mulheres são atendidas pelo mesmo médico que fez seu pré-natal. A paciente é do médico e tem pouco ou nenhum contato com as outras pessoas da equipe. Dentre elas estão enfermeiras que trabalham para servir ao médico. Nesse modelo, atualmente, a grande maioria das mulheres é levada a uma cesariana. No outro modo de assistência, que vigora em hospitais públicos, médicos e enfermeiras compartilham a responsabilidade pelas parturientes. Ela pode ser acompanhada

pela enfermeira durante o trabalho de parto e o médico só é chamado na hora do bebê nascer, e às vezes nem é chamado. Mas é como se o trabalho de parto fosse da enfermeira e a saída do bebê fosse do médico. Isso varia de equipe para equipe e de hospital para hospital, mas este é o modelo apontado pelo Ministério da Saúde e que deveria vigorar. Estes acabam conseguindo um resultado um pouco mais alto de partos normais que os hospitais privados.

Hoje no Brasil acontece uma disputa entre essas duas classes profissionais pela soberania nos cuidados com este momento da vida da mulher. Uma briga política e ideológica que coloca a questão: a quem cabe cuidar?

O grande problema do parto no mundo contemporâneo ocidental é o fato de que o cuidado está com a função mais masculina, que é bizarro e produz todo esse desacerto que a gente vê aí. Essa opção que nós tivemos, principalmente a partir do século passado, de oferecer para a medicina o cuidado do parto nunca funcionou, nunca produziu nenhum resultado benéfico em qualquer lugar do mundo onde foi aplicada, independente se esse lugar tinha ou não tinha dinheiro. Basta ver que o parto nos Estados Unidos é um horror, a mortalidade materna americana cresce, os índices de mortalidade americanos são piores do que qualquer país europeu, inclusive Grécia, Albânia, Eslovênia, etc., países muito mais pobres que os Estados Unidos, porque o parto é oferecido para aqueles que são preparados para a intervenção, ao invés de oferecer o parto para aqueles que são especialistas no cuidado e no respeito a fisiologia. (RJ-CP)

Enquanto este clima de disputa predominar dentro dos hospitais e serviços de saúde, quem perde são os pacientes, todos eles. O salto será dado quando percebermos que somos todos pacientes em algum momento de nossas vidas, e por isso, todos perdemos. Enquanto o foco estiver na técnica, no protocolo, na burocracia, algo do humano se perde e isto cabe para as duas categorias

A enfermeira é feita para cuidar, o médico para mandar. O médico manda a enfermeira fazer, então isso já cria uma dicotomia, mas nenhum vive sem o outro dentro de qualquer estrutura de saúde. E a estrutura do parto também precisa dos dois saberes. Os dois polos precisam mudar, tanto o feminino quanto o masculino e no momento do cuidado tem algo em jogo, o bebê, a família, que não tem nada a ver com essa briguinta de classes. (FV-CP)

Então, que qualidade de cuidado é esta que precisa ser desenvolvida nos homens e nas mulheres que se dedicam à assistência ao parto?

E aí existe algo, psicológico eu imagino. Nascer é algo que aconteceu com todo mundo, não dá para estar aqui no planeta sem ter nascido, então, aquilo que está acontecendo vai bater com uma história nossa e vai bater na angústia da nossa mãe, mesmo nós sendo profissionais incríveis, na hora H aquela angústia que talvez tenha sido sentida no nosso nascer, que a gente não

trabalhou a nível consciente, vai permear as nossas atitudes aparentemente muito científicas, porém não são científicas, tem protocolos que não tem nada a ver com fisiologia, mas eles ficam ali porque nos protegem do medo. E medo de que? Em geral é de morrer. Não é nem de sofrer. É medo de que algo dê errado, claro, mas que sobre sequelas graves do medo de morrer. O medo da morte é tão forte e se faz tão presente naquele momento, que se quem dirige carro tivesse o mesmo medo, ninguém nunca estaria dirigindo. Interessante, né? Nós deixamos essa área como um tabu inexplorado. Concepção, parto, são áreas que estão encobertas por camadas de medos, de tradições que ninguém tem coragem de olhar e seguimos roubando nascimentos e partos de muita gente pelo planeta, a nível institucional, nós sempre fizemos isso. Isso não é de agora. Agora chegamos ao nível máximo, mas também agora somos detentores de um saber que antes não tínhamos. Agora sabemos o que é parir e o que é nascer a nível endócrino, a nível bioquímico, a nível neurofisiológico. Ninguém sabe a riqueza que este momento é e de como ele foi preparado pela natureza. Então está havendo uma defasagem enorme entre o que se sabe do nascer e como as crianças estão nascendo, do que se sabe do parir e como as mulheres estão parindo. (LU-CP)

Laura Upliger destaca o fato de que no momento do parto, toda a equipe envolvida na assistência, precisa poder conectar com suas emoções, às vezes muito primitivas e inconscientes, para que as atitudes de cuidado estejam vinculadas ao que está acontecendo no momento atual. Fala de uma qualidade de presença que se liga às novas descobertas da ciência e faz com que os profissionais possam lidar com essas emoções primitivas de forma consciente e libertadora. E continua:

Qualquer pessoa que se aproxime desse momento tem que estar muito bem polarizada. Saber agir tanto no universo do amor, quanto no universo do pensar, do compreender. Odent dizia: sejam bilíngues, sejam bilíngues, por favor. Eu diria, ser bilíngue de uma maneira mais profunda ainda, não só saber falar tanto a linguagem hormonal quanto a linguagem psicológica, mas ser os dois. Você quando é mãe deixa de ser filha? Quanto melhor eu falo uma língua, melhor eu vou falar outra. Isto é um aviso enorme para um homem e uma mulher que estão com gestação, com parto e com o puerpério. Eu tenho uma certa hesitação em dizer que a mulher tem um papel e o homem tem um outro. Eu sei que tem alguns profissionais da humanização que não querem homem em parto nenhum. Eu não consigo, não sei se tenho razão ou não, mas eu tenho uma confiança muito grande naquele ser humano cuja missão é ser *healer*, curandeiro, trazer com sua presença o fomento da vida em todo o EU, e esse ser pode ter uma presença muito benéfica no parto. (LU-CP)

Ela diz, referindo-se ao pai da criança, mas que pode ser ampliado a todos os cuidadores, “eu tenho uma confiança muito grande naquele ser humano cuja missão é ser *healer*”, curandeiro, curador. Esse cuidador capaz de ser bilíngue. De se lembrar ser humano, paciente, ao cuidar. De se lembrar recém-nascido ao receber um bebê, este sim é um *healer*. Alguém que não vai apenas cumprir um atarefa, mas que vai fazer com que o ser cuidado se sinta melhor, mais vivo, com mais força para lutar pela vida.

Porém, as rotinas desse tipo de trabalho podem ser massacrantes, podem desestruturar a saúde psíquica e física do cuidador. Neste contexto, quem cuida do cuidador?

### **2.2.1. Quem cuida do cuidador?**

Um outro cuidador, né? Para mim tem sido uma mãe de santo. Uma faxineira espiritual, assim, e do corpo também. Eu sempre me pergunto isso. Alguém tem que cuidar desse povo, porque a roda gira para você ficar exausto e sucumbir, né? Para você não entrar nisso você precisa ter outras bases, outros fundamentos, porque senão, você fica sugado mesmo. Tem que ter um outro cuidador (KY-CP).

Quando esta pergunta é formulada aparece uma ligação direta com cuidados espirituais. É quase um consenso entre os cuidadores que conseguem sair do automatismo, que é preciso lembrar e reverenciar de alguma forma, religiosa ou não, com o mundo invisível, com as conexões invisíveis, sejam internas, sejam de uma ordem maior. Uma Mãe de Santo traz ainda um valor agregado: uma mãe. Uma mãe que pode trazer a sensação de pertencimento, aconchego, proteção, para que o cuidador não seja sugado, nem se perca de seus próprios valores. Para que ele mesmo tenha garantido a sensação da continuidade de ser, referida por Winnicott. Quando o cuidador se perde em meio às pressões do ambiente de trabalho, protocolos, burocracia, ele se perde de si, e se perde para o outro. O caminho de retorno passa por este resgate da sensação protetora da mãe. E no caso de pessoas que lidam com o nascimento e o parto, passa fundamentalmente por um resgate das suas próprias histórias de parto.

Eu acho que todo mundo que vai trabalhar com parto tem que fazer terapia, porque as demandas vão vindo e você está interagindo com outros seres e forças são mobilizadas. O cuidador precisa saber diferenciar o que é dele e o que é do outro. Isso ajuda a perceber como eu posso ajudar, que tipo de toque eu preciso dar. Se você não se cuidar da mesma forma que você se propõe a cuidar dos outros, com esse mesmo olhar... Da mesma forma que eu cuido, eu gosto de ser cuidado: com suavidade, com carinho, com atenção, com firmeza às vezes. Para isso eu me trabalho, eu faço homeopatia, para isso eu faço massagem, acupuntura, fiz terapia por mais de 15 anos. Eu acho que a gente tem que ter esse olhar voltado para a gente também, senão a gente não suporta. É fundamental o cuidador ser cuidado. Como é que você vai tratar bem o outro se você não está bem nem com você mesmo? Como é que você vai tratar bem se você não sabe como nasceu, como foi sua vida, quais são suas dificuldades e qual foi a sua sensação com relação as coisas que aconteceram com você? As pessoas podem te dizer que foi tudo muito bem, mas você pode ter vivenciado de uma forma completamente diferente. Comigo foi assim, eu tinha raiva da minha mãe por causa das três circulares, porque a sensação era de que eu não saia e achava que era incapacidade da minha mãe, e não era! Era de uma outra pessoa que não deixava minha mãe fazer força e saber disso foi libertador. Tanto é que a minha irmã nasceu em casa (FV-CP).

O cuidador precisa buscar saber sobre sua própria história. Revisitar sentimentos adormecidos, dar nome a eles, dar lugar a eles. Somente sentimentos conhecidos podem levar a um amadurecimento pessoal, enquanto os que ficam inconscientes agem por nós... Fazer, terapia, encontrar um lugar instituído de autocuidado, reconexão com suas próprias esperanças e metas, com suas próprias verdades. Isso passa pela confirmação de um outro. Alguém que pode te lembrar qual é o caminho, mesmo quando sua visão está turva, ou quando suas pernas parecem dormentes. Este outro pode ser um terapeuta, mas este alimento precisa também vir de seus pares. Pois,

no Brasil quem cuida dos cuidadores são os outros cuidadores, né? A gente cria uma rede e a gente precisa se cuidar porque os humanistas do nascimento são muito visados, são muito atacados, porque claro, eles tentam modificar o status quo, subverter essa ordem médica, biologizante, coisificante, objetualizante, que tratam o parto como um animal encarcerado, domesticado (RJ-CP).

Então, cria-se uma rede de apoio entre os profissionais que são ativos por uma causa comum.

Até agora foi falado que os cuidadores são cuidados por sacerdotes, por terapeutas, pelos irmãos de causa, mas Laura Upliger destacou importantes aspectos a partir da pergunta:

Quem cuida do cuidador é ele mesmo. Cuidador cansado não está cuidando bem, professor cansado não está ensinando bem. Quando eu digo bem é um bem com B maiúsculo. Quando eu me canso no meu cuidar, é aquela carta quatorze (do Tarô) da temperança. Temos que saber o que é o quê. Para quem quer ser grande cuidador, ou mesmo um pequeno cuidador, vai ter que saber de certas leis. Vai ter que saber se alimentar em nível de ideias, de comida, de sentimentos, de filmes, de livros. Meu mundo interior tem que ser meu refúgio, no sentido de que, quando está tudo difícil nos meus empreendimentos, eu tenho que me voltar para o meu ser interior. E quem cuida do ser interior? O universo inteiro! Nós não somos seres universais? Então eu tenho que me botar sempre na situação de receber do universo a beleza, a força, a luz, mesmo se eu sou uma pessoa em cadeira de rodas e cego, se eu estou a fim de ajudar, é o universo que está tomando conta de mim. Eu não tenho que trazer meu fardo para ninguém. O que eu estou dizendo não é politicamente correto, mas a psicologia esotérica nunca vai mandar você ter um terapeuta para tomar conta de você ou um psicanalista. Essa história da pessoa que faz, faz, faz, depois vai contar tudo para o analista, quem é esse analista? Como ele vai entender? Ele é um ser esclarecido, iluminado para saber o valor, o dom total que você tem para os outros, para a sua causa? Agora, na hora de dormir, como agradecer, são as atitudes que nós temos com a matéria em volta da gente e a nossa vida interior que organizam a nossa aura e a nossa capacidade de receber a cada instante do universo, cada energia que tem por aí. Me alimentar do belo é uma obrigação, não é uma escolha. Daí não tem mais espaço para fofoca, não tem mais espaço para crítica, mas tem que ter discernimento que não termina mais, uma perspicácia que é difícilíssima

adquirir, e vai ter que adquirir caindo do cavalo, subindo de novo. É uma coisa muito yang para viver assuntos muito yin. Tem que ter uma disciplina certa. Você já tentou ser boa? Boazinha é muito fácil, ser bom com um filho, com um amigo, é difícil, mas é fascinante estudar como ser bom cada dia melhor. Eu não sei como os sábios fazem. Eles têm uma bondade que as plantas sentem. É um tema fantástico, todo metalzinho deveria um dia ser ouro. E não é para conseguir, é para se engajar. A gente não está aqui para resolver problema, você resolve um vem outro. Se eu estivesse aqui para resolver problema, já estaria tudo resolvido. Estou aqui para aplicar soluções, é diferente, é um caminho. Se você não tem mais problema como lixeiro e virou professor, vai ter problemas de professor. Me pergunta o que é mais fácil de resolver, um problema de um professor ou de um presidente da república? Quanto mais você subir na escala social e profissional, problemas mais complexos você vai ter. Um grande iniciado vai ter problemas absurdamente incomensuráveis, mas vai amar fazer isso. (LU-CP)

Perceber em profundidade o valor de sua missão. Habitar seu próprio mundo interior e fazer dele um refúgio, um lugar de auto nutrição, de auto cura. Se este lugar não estiver preservado, nenhum cuidado externo poderá germinar. Não haverá terreno fértil para as sementes. A palavra cura traz uma falsa percepção de que algo pode ser sanado de uma vez por todas, é preciso usá-la com atenção. Enquanto estamos vivos, não existe cura. Existe uma busca cotidiana pela saúde, pela harmonia, pelo equilíbrio. A disciplina vem através da percepção de que um dia sem essa busca pode te levar a cair da corda bamba que te sustenta. E nesse caminho disciplinado pelo autocuidado e pelo cuidar do outro, é preciso compreender as dificuldades que se apresentam a partir de uma perspectiva ampla, tentando compreender o jogo de forças. Todas as vezes que alguém tenta empreender uma mudança interna ou externa, de um hábito, por exemplo, fazer um regime, parar de fumar, ou evitar fazer episiotomia<sup>25</sup>, as situações externas se apresentam de tal forma, que parecem querer nos levar a confirmar os hábitos aos quais estamos agarrados. Sua amiga vai te levar de presente surpresa uma linda torta de chocolate, todas as pessoas na rua vão parecer estar com um cigarro na mão, você vai se deparar com um período expulsivo demorado, só para testar suas novas convicções. Desenvolver este cuidado, interno e externo, é uma espécie de sacerdócio. Confiar e compreender, entregar e aceitar.

<sup>25</sup> A Episiotomia é um procedimento cirúrgico que consiste em fazer uma incisão na pele, gordura e músculo da vagina da parturiente, bem na hora em que a cabeça do bebê está nascendo. Hoje este procedimento não é recomendado a ser realizando como rotina. Médicos e Enfermeiras vinculados ao Movimento da Humanização do Parto já aboliram esta prática por completo.

### 2.3 A DOULA

Ela está sozinha com suas dores, sozinha com seus sentimentos, sozinha com sua impotência, entregue a processos que ela terá que suportar, quer queria quer não. (WAIBLINGER: 1986, P.26)

Doula é uma palavra grega que significa “a mulher que serve outra mulher”, uma escrava, uma dama de companhia. Ultimamente vem sendo usada para designar uma profissão que ganhou força no cenário obstétrico brasileiro há mais ou menos dez anos. Fundamentalmente, esta figura resgata o lugar que o aspecto feminino ocupava no momento do parto antes da entrada da medicina nesta esfera de cuidados. Antigamente o parto era realizado por mulheres. Pela mãe, tia, irmã da parturiente. Mulheres mais experientes que usavam sua sabedoria como um processo de iniciação do feminino. Uma rede de cuidados fraternos investidos de uma ritualística própria, sempre ligada a um elemento espiritual que servia como guia. Como não existia uma ciência por trás dos acontecimentos, os conhecimentos eram passados de geração a geração pela força da tradição. Muitas vezes as filhas mais velhas auxiliavam no parto dos seus irmãos e iam, com isso, aprendendo um ofício. Mulheres cuidando de mulheres. Uma irmandade multigeracional cuidando do vir a ser mulher, fêmea, selvagem, tudo banhado por um grande mistério. Neste contexto, não era a parteira a figura mais importante do parto. As pessoas que se juntavam ao entorno da mulher parindo tinham a função de trazer conforto a ela, de suprir suas necessidades de amparo, de comida, de segurança, mas o parto fundamentalmente acontecia. O parto era da mulher parindo.

Desde o início, as mulheres dão à luz acompanhadas de outras mulheres. Além da parteira, sempre estiveram presentes amigas, parentes, vizinha da parturiente, para oferecer-lhe todo o apoio necessário nessa hora importantíssima. Normalmente, são pessoas que já passaram por esta situação, e estão lá para transmitir conhecimento e carinho. Basta observar que, nos quadros antigos que retratam cenas de parto, sempre aparecem mulheres à volta da futura mãe. E não apenas como simples espectadoras do nascimento, mas como personagens ativas, que reconfortam as costas da mulher, seguram sua mão, preparam o ambiente, esquentam água, secam o suor que escorre de sua testa. Enfim, legítimas doulas! (FADYNHA: 2003, p.15).

Com a entrada do saber médico, do elemento masculino, no evento do nascimento, a partir do século XVII, aos poucos essa atmosfera de cuidados fraternos foi dando lugar a um sentimento de que o parto não fazia parte da ordem natural das coisas. Criou-se uma prática no sentido de facilitar o nascimento, agora tido como difícil e arriscado. É preciso dizer que muito se ganhou com a entrada da ciência neste evento. De fato, hoje se morre muito menos de parto

do que se morria na antiguidade. Este valor é inquestionável. As tecnologias de manejo e intervenção fazem sim com que gestações de risco tenham um desfecho feliz. Por isso, é preciso desenvolver um sentimento de gratidão por elas. O movimento da humanização do parto, hoje atuando fortemente no Brasil, não carrega a bandeira de que se deve voltar a parir como nossas ancestrais. Não é razoável pensar que se deva ou se possa hoje descartar todo o conhecimento adquirido no último século e ele só foi possível em decorrência da ciência, e no contexto da saúde, em decorrência da medicina. Porém, mais uma vez é preciso lembrar da imagem do pêndulo. Ele chegou na outra extremidade e precisa fazer o caminho de volta para encontrar o equilíbrio. Aqui é o lugar de se falar do que foi perdido com a entrada da ciência no parto e de como a figura da doula pode estabelecer esse entrelaçador de mãos entre o conhecimento técnico, a sabedoria tradicional, e a percepção intuitiva, espiritual das mulheres.

### 2.3.1 Um Sacro Ofício

Perguntei a Leonardo Boff se para mudar o mundo precisamos mudar a maneira de nascer<sup>26</sup>, eis a resposta:

Interessante... faz sentido na perspectiva de um paradigma, como é que você encara a vida, o mistério da vida. Como é que você entende a conexão desta vida com a comunidade de vida e com os pressupostos que o universo preparou, o físico, químico, cultural, para que essa vida pudesse vir a luz. Se você incorpora tudo isso, acho que é mudar o mundo. Porque o nosso mundo é todo atomizado. Você vê a mãe que vai dar o parto, o filho que vai nascer, vê as tecnologias e só vê isso. Não vê tudo o que vem antes, tudo que está ao redor e então não faz as conexões. Agora as conexões existem, estão aí, você respira o ar, você toma água, você usa os instrumentos, só que você não conscientiza, não vê as condições que estão presentes, mas você não as incorpora, então é uma atividade muito mais mecânica e menos humanizadora. Quanto mais você engloba, mais holística fica, mais incluyente, mais cuidadosa fica e você se sente numa espécie de sacerdócio a serviço do mistério, cujo destino você não sabe e também o mistério que se esconde dentro dessa criança. O que ela vai ser? Vai ser um criminoso, um grande músico, vai ser o presidente da república, vai ser um pai de família? Quer dizer, olhar essa criança como uma semente cuja vida, cujo fruto é inalcançável, mas eu tenho um voto de confiança de que essa vida tem um destino, tem seu lugar dentro do conjunto de todos os seres. Lugar único e irrepetível e que pode ser um lugar fundamental para as mudanças. Porque se tudo está ligado a tudo, tudo é uma cadeia, um pequeno elo pode transformar

<sup>26</sup> Michel Odent é o autor do emblema do movimento da humanização do parto: “para mudar o mundo precisamos mudar a maneira de nascer”. In: ODENT, M. **Gênese do homem ecológico**: mudar a vida, mudar o nascimento: o instinto reencontrado. São Paulo: TAO Editorial, 1981.

toda a cadeia. Então mesmo a mais fraca tem direito a existir, ela tem algo a dizer e nós, algo a escutar. Então essa frase é interessante, desde que você aprofunde no seu sentido amplo. Não dentro de um velho paradigma, dentro do novo paradigma que vê todas as conexões presentes ali, então mudar a forma de ver é mudar o mundo (LB-CP).

A presença da Doula instaura o novo paradigma. Ela é o elo de ligação entre a equipe obstétrica e a família. A primeira responsável por garantir a saúde em termos técnicos e orgânicos durante a gestação e o parto, e a segunda, responsável por promover a saúde em termos emocionais e de infraestrutura. A função da doula é criar um ambiente de conforto tanto físico como emocional à parturiente. Michel Odent usa o termo “companheira leiga” (ODENT: 2002, p.142) para definir essa pessoa. Isto porque elas não pertencem ao mundo das artes médicas, não podem fazer nenhum procedimento obstétrico e também não podem se responsabilizar pela saúde orgânica da parturiente. Porém, a doula também não é qualquer acompanhante. Ela é uma iniciada, muitas vezes graduada por sua própria experiência de vida, mas também é uma mulher que se informou, estudou sobre fisiologia, sobre as evidências científicas atualizadas, e principalmente, sabe reconhecer quando alguma coisa não vai bem. O relato a seguir é a típica história de como nasce uma doula. Trata-se de uma carta de uma mulher ao médico que a submeteu a uma cesariana:

Talvez o senhor não se lembre de mim, mas fui sua paciente. Minha filha nasceu através das suas mãos, em uma cesárea desnecessária, que o senhor afirmou dezenas de vezes como necessária.

Com muito sacrifício consegui esticar a minha gravidez com o senhor insistindo para marcar a data da cesárea, afinal eu tinha um bebê de mais de 4kg que não poderia nascer de parto normal, pois estragaria a minha vagina e poderia trazer prejuízos sérios para o meu casamento, como o senhor me explicou. Acontece que eu entrei em trabalho de parto um dia antes da cesárea. Não sei se te dizer com quantos centímetros de dilatação eu estava quando cheguei ao hospital, pois o senhor não quis nem me examinar, me levando diretamente para cesárea. Minha filha nasceu com 3,710kg. Não vou discutir o que eu vivi naquela cirurgia, até porque, o que mais me dói é o que deixei de viver com a minha filha. Até hoje me pergunto como teria sido a sua chegada ao mundo, o cheirinho que não senti, a textura da sua pele cheia de vernix, o nosso primeiro abraço inundado de ocitocina... O senhor sabia que a ocitocina é o hormônio do amor? Que vivemos o seu maior pico na vida no momento do nascimento e do parto e que ele é o responsável por fazer mãe e bebê se apaixonarem no primeiro instante? Nessa hora nós estávamos separadas, eu tendo a minha barriga fechada pelo senhor e ela passando pelos procedimentos rotineiros da instituição. E o parto que não doeu, ainda dói... Mas o senhor já ouviu falar do texto de Ruben Alves “Ostra feliz não faz pérola”? Eu me permiti chorar a dor do meu não-parto e de tudo que deixei de viver com a minha filha junto com ele. Sabe, Antônio Carlos, aquela mocinha cresceu na dor do parto que não viveu e foi ser doula. Sim, essa profissão que muitos obstetras não conseguem e nem querem entender como funciona. Como doula encontrei muitas pacientes suas, vivendo histórias tão parecidas com as minhas. Mas elas mudaram o rumo da própria história, elas lutaram

pelo direito de escolher a via de nascimento do seu filho. A cada parto que acompanhei, a minha dor foi se transformando em pérola... Dessa dor pari tanta coisa: fundei com outras mulheres o grupo de apoio ao parto humanizado da nossa cidade, luto para que todas mulheres tenham acesso as informações que eu não tive, para que não sejam desencorajadas em seu desejo pelo parto normal e nem enganadas com falsas indicações de cesáreas. Mas tem mais uma coisa que o senhor precisa saber sobre mim: eu pari “Dr.” Antônio Carlos! Pari depois de uma cesárea. Pari com mais de 41 semanas. Pari em casa. Pari na água. Pari um meninão de 4,350kg!!!! Isso mesmo. O senhor me levou para uma cesárea por causa de bebê grande que nasceu com 3,710kg e eu pari em casa, depois de uma cesárea, um bebê GIG de verdade!!!! Portanto, Antônio Carlos, ouvir o senhor defender o respeito de escolha da mulher no jornal me parece uma grande piada de mal gosto. Qual respeito eu tive quando optei por um parto normal no meu pré-natal com o senhor? Ah... já entendi... O senhor defende o direito de escolha da mulher, desde que seja condizente com a sua escolha.

PS: Minha vagina continua perfeita depois de parir um bebê GIG e meu casamento vai muito bem, obrigada! (D. 01/2015)

As palavras desta mulher revelam sua dor, revolta e um sentimento de traição no fundo. Durante a gestação, costuma-se estabelecer relações de profunda confiança com os profissionais que irão acompanhar o parto. É comum as mulheres entregarem suas vidas, seguirem as orientações profissionais como se fossem de deuses. Porém, os profissionais também são humanos, cometem erros, e este relato traz a história de um. O que é destacado aqui é que a maneira que esta mulher encontrou de lidar com seu sentimento de fracasso foi tentando proporcionar um melhor desfecho para outras mulheres. Isto marca a essência do que leva uma mulher a se tornar uma doula. Ela só precisa ter este desejo, o resto vem em decorrência de seu interesse, de seu amor. E de tanto amor, essa mulher pôde parir seu filho GIG, gigante na linguagem obstétrica, um filho gigante.

Michel Odent (2002, p. 143) ressalta também essa essência:

Uma vez jantei com três doulas envolvidas no estudo de Houston. Elas falavam muito sobre o parto dos seus filhos como experiências positivas. Nunca mencionavam nenhum treinamento. O termo “treinamento” sugere que *o que* a doula faz é mais importante do que *quem* ela é. Isso não significa que ela não deva ser informada.

Essa fala nos remete ao seio que *é*, de Winnicott. Uma doula, para possibilitar a continuidade de ser da parturiente, precisa estar conectada com esse aspecto de atenção do feminino que possibilita o vir a ser, em si, e na outra. É uma qualidade de relação semelhante a preocupação materna primária. Durante o parto, a doula se coloca a serviço do ser da mulher.

Kira Young, uma doula, conta sua primeira experiência exercendo essa função:

Cheguei lá, acabei numa cesariana. E eu vi o casal no consultório e depois a cena seguinte era eu naquele hospital em Niterói, perto da sala de cirurgia e a mulher totalmente nua já dentro da sala, nua, com os braços abertos, naquela posição de cruz, né? E eu chocada. Fiquei grudada nela. Se passasse naquele filminho de cena rápida seria isso, tudo acontecendo, o campo se faz, o bebê nasce, o pai chega e eu grudada nela. Daí vai o pai, leva o bebê, desfaz o campo, no final só fiquei eu e ela. E eu fiquei muito desesperada: “é assim que as pessoas estão nascendo? Não existe ninguém para ficar com a mulher? Eu quero ser essa pessoa! ”. Essa foi a primeira coisa que me levou a ser doula (KY-CP).

Ser doula parte de um sentimento de compaixão pela outra mulher. Por uma identificação, uma qualidade de escuta fina de suas necessidades. Passa também por um profundo sentimento de humildade. Porque precisa ser desenvolvida nela uma qualidade de sombra, de anjo da guarda invisível, e a certeza de que quanto menos ela precisar fazer, mais forte e preparada está a mulher. E nesse sentido, menos vira mais. A protagonista é a mulher parindo. A doula ocupa o lugar da maternagem, do *holding*, para a mulher parindo.

A doula é quem faz a ponte, ela chega mais perto porque não tem a função técnica. A Doula faz a ponte entre o feminino e o masculino, entre a mulher e o médico, ou mesmo entre a mulher e a enfermeira, porque a enfermeira também tem que ser técnica nessa hora, ela também precisa atuar, né? A doula dá o aconchego, esse vínculo, fecha esse círculo. Precisa ficar claro o papel de cada pessoa no cenário obstétrico. Quando não fica claro o papel de cada pessoa nessa engrenagem que é o parto, é que as pessoas começam a entrar e criar conflito. A mulher precisa ficar só também, precisa ficar com o marido, precisa pensar e sentir um pouco, senão ela pensa o que a gente quer que ela pense, e não é isso, né? Eu acho que no cenário que a gente tem hoje, nas cidades, é fundamental ter uma doula, pelo menos numa primeira gestação (FV-CP).

Muitas vezes a doula ajuda o marido a se aproximar da mulher durante o parto, caso ele queira isso. A comunicação entre o pai do bebê e a acompanhante é fundamental para garantir o conforto da mulher. Se o homem não estiver confiante e em sintonia, a mulher também não estará. Ele é o grande suporte dela, mas está ali vivendo tudo não como um espectador, mas como um agente que participa e está envolvido emocionalmente. Mas ele, na maioria das vezes, não é da área médica e se assusta com as reações da própria mulher ou com o ambiente hospitalar. Então, a doula é acompanhante do marido também, conforme o depoimento que recolhi deste pai a partir do meu trabalho:

Como foi precioso poder fazer em casa, de só estar a gente. De não ter nenhuma influência externa, a gente estar aqui, com as pessoas que a gente escolheu para estar. Isso foi muito bacana, porque a sua presença dava para a gente, pelo menos para mim, uma segurança e um conforto também. Como você chegou hoje. O sentimento que eu tinha quando você chegava, quando a

gente se encontrava, foi o mesmo que eu tive hoje, sabe? De alguém que chega e é diferente de um amigo comum que você tem. É uma pessoa que parece que está com você há muito tempo já vivendo, como se fosse uma pessoa da mesma linhagem, que está falando a mesma língua, então, me dá um alívio, sabe? Dá uma sensação de: “Ah! Estou tranquilo, não estou sozinho”. O sentimento da sua presença era esse, na hora do nascimento mesmo (D.11/2013).

Porém, nem sempre o ambiente permite ou proporciona por si a percepção da preciosidade que é cada nascimento. Muitas vezes, ocupar este lugar de mediador das forças sutis exige muita maturidade e respeito por parte dessa profissional. Quando a doula está ao lado de uma equipe em sintonia com a humanização do parto, normalmente, acontece uma parceria nutritiva para ambas as partes, mas quando se tratam de médicos e enfermeiros intervencionistas, tentando proteger o seu lugar de poder, os bastidores do parto podem virar uma guerra. Nessas situações cabe à doula atuar como protetora da mulher minimizando a invasão, a falta de privacidade, e até mesmo grosserias. Pode ser bem desgastante para a acompanhante estar neste lugar. Kira Young (CP) fala um pouco sobre isso:

As experiências que eu tive de trabalhar uma gestante com um médico que não falava a nossa língua, foram extremamente violentas para mim. Porque a mulher sai com um bebezinho, ela pode ter sofrido horrores ali, mas no final ela tem um bebê fofo, tem um ganho muito grande. E eu voltava com uma sensação de violência muito grande. Eu percebi que eu não estava conseguindo estar nesse lugar, para mim não foi suficiente.

Porque a dor de cada mulher é a dor de todas. E quando nos encontramos em uma situação de embate, a soberania do médico fala mais alto. Quando a parturiente, por medo ou exaustão, cede aos comandos da instituição, resta à doula se calar, engolir o choro, sangrar por dentro, e sorrir. Não cabe à doula julgar qualquer decisão da parturiente. Cada mulher vai escolher, consciente e inconscientemente, o desfecho do seu parto. Cada uma vai até aonde consegue ir. Suas escolhas durante a gestação vão colocando pedras ou flores no caminho. A doula, rega as flores, tenta tirar as pedras, mas algumas só podem ser removidas pela força de vontade e autoconfiança da mulher que vai parir. De qualquer forma, ter o suporte de alguém ali, unicamente para se dedicar à mulher, pode ajudar de forma não perceptível também.

Eu acho que o sagrado está muito relacionado a esse lugar primitivo mesmo, de choro, de desespero, de víscera. Mas é um lugar sempre duplo também onde um pode se permitir e o outro pode sustentar aquele lugar. Você tem um continente que te suporta naquela situação, acho que isso fala desse lugar precioso, estar numa relação onde alguém pode te sustentar no seu momento mais primitivo em todos os níveis. (KY-CP)

## Considerações

Este capítulo foi dedicado a explicar a figura dos cuidadores. Primeiro as mães e os pais foram vistos como os cuidadores primordiais da humanidade, depois os médicos e as enfermeiras, como agentes sociais do cuidado com gestantes, seus bebês e suas famílias. Por último percorremos o universo das doulas como elemento de ligação entre as outras instâncias de cuidado. Ao aprofundarmos o olhar sobre esses três universos, fica claro que não é muito construtivo tentar separar de maneira radical o cuidador do seu objeto de cuidado, isto porque emocionalmente eles continuam ligados, mesmo que de forma inconsciente. Ao não dedicarmos atenção a essa ligação, humana por excelência, abrimos mão da oportunidade de um cuidado real, capaz de curar as feridas da alma. Sim, porque as feridas do corpo são muitas vezes mais passíveis de curas. Mas as da alma são acumulativas, e em certa medida contagiosas, por se espalharem através de práticas de cuidado obsoletas, arbitrárias e desconectadas com a real necessidade da pessoa a ser cuidada.

Como um anexo a este capítulo, fiz um breve resumo da história da humanização do parto no Brasil, por considerar que este panorama possa dar uma dimensão do tamanho e da importância deste tema de fundo da dissertação. Bem como para evidenciar que se trata hoje de um movimento alimentado por mulheres, usuárias dos serviços de saúde, que passaram a se mobilizar, apropriando-se do saber médico obstétrico para questionar as práticas de violência instituídas no país. Parece que aos poucos as mulheres estão se dando conta dos direitos que perderam após toda a luta feminista por direitos iguais entre homens e mulheres. Perderam o direito de serem frágeis, perderam o direito de serem lentas, perderam o direito de ficar em casa por conta de uma menstruação mais forte respeitando nossos ciclos e oscilações emocionais. Muitas se dão ao direito de perder o direito de menstruar! Perderam o direito de cuidar com calma e dedicação de seus filhos. E apesar de poderem escolher não engravidar, continuam não sendo donas de seus processos corporais, pois não podem escolher como e onde parir. Com o feminismo elas não só ganharam, mas também perderam. Perderem porque ao desejarem e lutarem pelos mesmos direitos dos homens, acabaram desvalorizando o que é da ordem do feminino. No fundo, ao desqualificarem seus valores mais essenciais, praticaram o mais cruel dos preconceitos. Lutamos contra nós mesmas exigindo que fôssemos o que não somos. Porém, agora, estas mulheres jovens, pós feministas, dedicam-se para garantir que no futuro, suas filhas e netas possam ter garantidos os direitos reprodutivos acrescidos da autonomia sobre seus próprios corpos.

No próximo capítulo, me dedico a entender melhor que espiritualidade é esta que aparece no fundo do discurso destas mulheres, profissionais e também nas imagens para descrever o momento do nascimento e do parto. Primeiro tento estabelecer os contornos de uma espiritualidade em sentido amplo, num segundo momento, circunscrevo o cuidado dentro desta espiritualidade e para finalizar minha pesquisa, indago sobre o lugar do amor no emocional humano.

### **3) FIRMAR DE UMA ESPIRITUALIDADE**

Mais tarde, ele teve uma experiência de matar um lobo, e segurando-o nos braços, viu a luz verde desaparecer de seus olhos. Ele percebeu, por meio dessa experiência, que o lobo e a montanha sabiam algo que ele não sabia, o que o levou a uma experiência de conversão, uma conversão de um gerenciador de recursos, de um homem sobre a natureza, à percepção de ser um membro comum da comunidade biótica, e ele começou então a pensar como uma montanha. (BRANDIT)<sup>27</sup>

A proposta deste capítulo é percorrer o caminho de uma espiritualidade em sentido amplo, que se encontra de fundo em qualquer religião específica. Resgatar um sentimento comum que permeia todas as denominações e que qualifica o viver cotidiano a partir de um olhar mais atento às grandezas da vida. Trata-se de uma percepção relacional da realidade, onde não há um julgamento entre bem e mal, entre o eu e o outro. Há a simples busca por uma paz que precisa atingir a todos os seres em convivência. Entende-se que este sentimento, vivência genuína de pertencimento, pode fazer ruir as barreiras que separam os povos, as raças e as espécies. Seja qual for o nome dado a uma crença, ela carrega uma mensagem de união entre o homem e algo maior que ele. Porém, esta ligação não é um evento solitário, ela passa pelo reconhecimento do que há de comum entre todos os seres.

<sup>27</sup> In: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/39130-a-terra-como-bem-comum-sagrado-e-sacramental>. Acesso: julho de 2014.

### 3.1) ESPIRITUALIDADE COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA

De fato, nada no mundo existe, vive e se move por si só. Tudo existe, vive e se move no outro, com e para o outro nos laços cósmicos do Espírito divino. (MOLTMANN: 2007, p. 23)

Resgatar uma dimensão espiritual em nosso cotidiano é uma das tarefas mais urgentes da atualidade. Em tempos onde se vive uma crise de valores sociais, a banalização da vida e da morte obedecem aos ditames cunhados a partir de uma ética econômica, que privilegia o lucro ao bem-estar. Enaltece uns em detrimento de outros, pressupõe o domínio de poucos sobre a vida de muitos. Em última instância, hoje, a vida de todos está em risco iminente pela força de reação da natureza sobre as ações humanas. Neste momento, diante desta realidade, um novo modo de ver precisa nascer. Talvez, mais que um novo modo de ver, é preciso um novo modo de sentir e um novo modo de agir. Uma ação conectada com a vida, com os valores mais antigos, ligados aos primórdios da humanidade e que se encontram ainda resguardados no que há de mais essencial em todas as religiões. Sua espiritualidade de base, o lugar da onde brotaram os ritos, as orações, os dogmas.

A espiritualidade tem a ver com a experiência, não com doutrina, não com dogmas, não com ritos, não com celebração, que são apenas caminhos institucionais capazes de nos ajudar na espiritualidade, mas que são posteriores à espiritualidade. Nasceram da espiritualidade, podem conter a espiritualidade, mas não são a espiritualidade. São água canalizada, não a fonte de água cristalina (BOFF: 2001, p.66).

Para além de qualquer doutrina, é preciso que se volte a beber a água das fontes cristalinas. Do lugar onde germina o elemento mais puro e sutil da existência a partir de um experimentar cotidiano. O que há de comum é a vida. Vida elementar que nos coloca em perspectiva relacional com tudo que também vive. Vida que brota do amor e da cooperação de um microcosmo, de elementos químicos que se atraem e se repelem como uma dança que cria os seres. Algo que não cessa de pulsar. Movimento que flui e nos constitui como seres de alta complexidade orgânica, a ponto de podermos recriar essa complexidade na ordem social. Movimento que chega a seu ápice na criação de máquinas capazes de reproduzir funções humanas. Porém, este caminho de alto desenvolvimento tem seus efeitos colaterais:

A meu ver, criamos uma sociedade em que as pessoas acham cada vez mais difícil demonstrar um mínimo de afeto aos outros. Em vez da noção de comunidade e da sensação de fazer parte de um grupo, uma característica que achamos tão recorrente nas sociedades mesmos afluentes (geralmente as sociedades rurais), encontramos um alto grau de solidão e perda de laços afetivos. Apesar de milhares de pessoas viverem em grande proximidade, parece que muita gente, principalmente os velhos, não têm com quem falar a não ser seus bichos de estimação.

A sociedade industrial moderna às vezes dá a impressão de ser uma imensa máquina autopropulsionada. Ao invés de os seres humanos acionarem a máquina, cada indivíduo torna-se um pequeno componente insignificante sem outra opção a não ser mover-se quando a máquina se move (DALAI LAMA: 2000, P.18).

Por mais maravilhosas que sejam todas as criações humanas que pregam a conexão, e a velocidade das comunicações, ao mesmo tempo, elas nos colocam em um lugar de profundo isolamento. O movimento gerado por este tipo de contato toma uma direção de exterioridade. A busca da felicidade e da completude a partir do que vem de fora e que deveria nos preencher. Porém, o fato é que o vazio interior, o sentimento de solidão aliado a um fazer compulsivo em busca de um sentido para a vida, fazem parte de um ciclo vicioso, sem fim. Querer sempre mais, pois, não há saciedade, não há descanso. Acumulamos coisas, tarefas, títulos, mas continuamos ociosos. O que vem de fora não se transforma em alimento, não nos nutre enquanto essência. A forma mais comum que as pessoas têm encontrado para lidar com este estado de inanição existencial é se anestesiarem. Abusam de remédios, álcool, drogas. Desenvolvem outros vícios aparentemente menos letais, mas tão poderosos quanto, como relações superficiais e frívolas, consumismo, fanatismo religioso, incapacidade de se colocar no lugar do outro. De uma forma geral coabitam com um sentimento de fundo de irritabilidade que leva às vezes a atos de extrema violência. Reações contra tudo e todos que de alguma forma fazem emergir a dor crônica da incerteza e do medo. O medo que deflagra a profunda fragilidade da existência, da qual se foge a todo custo. Porém, este movimento de evitação leva invariavelmente ao mesmo lugar de onde emergem perguntas como: qual é mesmo o sentido da vida? O caminho por uma resposta nutritiva a essa pergunta é em direção ao interior do indivíduo.

A espiritualidade aciona o movimento de valores fundamentais que são irradiados por todo o canto. Ela é um exercício de vida e experimentação. Deixar-se habitar pela atmosfera da espiritualidade é criar um espaço garantido e especial para as fragrâncias da profundidade. Os frutos vão surgindo naturalmente, pois dali se irradiam serenidade, vitalidade e entusiasmo. A paz também é um dos efeitos imediatos desse novo modo de ser, uma vez que brota do âmbito da interioridade (TEIXEIRA: 2014, p.238).

A busca realmente espiritual, que pode ou não estar atrelada a uma religião, tem se mostrado como a única saída para o sofrimento em todas as ordens. Um caminho que leva ao interior, mas que fundamentalmente leva a um preenchimento pela grandiosidade do todo. Segundo Faustino Teixeira, “a espiritualidade tem essa essencial dimensão formadora e edificadora do indivíduo” (2014, p.55). Calcados em uma solidez estrutural, as pessoas passam a ver e experimentar o mundo a partir de uma nova ótica. Dalai Lama fala da premência de uma “revolução espiritual” (2000, p.28) que possa fazer com que a partir desta dimensão interior a imensa diversidade da vida seja aceita, reverenciada e, fundamentalmente, preservada.

### 3.1.1) Espiritualidade e religião

O nascimento interior de Deus

Ah, que alegria! Deus se faz homem e também já nasceu!

Onde? Em mim: ele me escolheu para ser sua mãe.

Como pode acontecer? Minha alma é Maria,  
Manjedoura o meu coração, e o corpo a gruta.

A nova justiça são as faixas e os panos,

José o temor de Deus, e as forças do ânimo

São anjos em alegria, e a luz é o seu clarão,

Os sentidos pudicos são os pastores, que o encontram.

(SILESIUS: 1996, p.238)

Dalai Lama faz uma interessante distinção entre religião e espiritualidade, busca resgatar o valor das grandes tradições de fé, porém, ao mesmo tempo, ultrapassar as fronteiras entre elas. Procura identificar “os princípios éticos universais que poderiam ajudar qualquer pessoa a alcançar a felicidade” (2000: p.32).

Julgo que a religião esteja relacionada com a crença no direito à salvação pregada por qualquer tradição de fé, crença esta que tem como um de seus principais aspectos a aceitação de alguma forma de realidade metafísica ou sobrenatural, incluindo possivelmente uma ideia de paraíso ou *nirvana*. Associados a isso estão ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações, e assim por diante. Considero que a espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência, tolerância capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa como para os outros. (DALAI LAMA: 2000, P.32-33)

Esta definição abre alguns caminhos de reflexão importantes e talvez polêmicos. Se religião está de uma forma mais direta ligada a alguma ideia de salvação, ela em si poderia instituir uma diferenciação essencial entre as pessoas pertencentes a denominações diferentes. Pois, pode direcionar a pensamentos sobre uma suposta superioridade entre as denominações. Uma certa ideia de demonização do outro – eu serei salvo, os outros não. O passo seguinte a partir da ideia de superioridade é a crença de que a verdade precisa ser espalhada para que todos sejam salvos. Instaura-se então, uma prática de colonização do outro. Embora este tipo de ideia possa ser compreendido como um desejo genuíno de fazer o “bem”, também instaura uma separação e pode levar a uma ação de desqualificação da verdade alheia. Estes dois exemplos, poderiam ser relacionados a pessoas religiosas que não vivenciam esta qualidade de

espiritualidade conforme define Dalai Lama. Uma qualidade mais inclusiva de percepção de mundo, das crenças e fundamentalmente da ideia de verdade.

Pessoas que experimentam este sentido de espiritualidade são banhadas pelo invisível que constitui a tudo e a todos, sem diferenciar credos, cor da pele, lugar de origem, gênero ou espécie. Eles captam o mistério da vida que se apresenta de forma plural, basta que se possa cultivar internamente o lugar da escuta deste grito inaudito e pulsante. Existe aí fora, mas também dentro de cada um, uma natureza inclusiva e integradora. De maneira peculiar, “a espiritualidade traduz um modo de ser, uma atitude essencial que acompanha o ser humano em cada passo de seu cotidiano. Ela expressa uma energia que é comum a todos, independente de crença religiosa, visibilizando a dimensão de profundidade da própria condição humana” (TEIXEIRA: 2014, p.57). Passa-se a vivenciar esta relação em si mesmo, mas também no mundo. Ainda segundo Faustino Teixeira, estas pessoas desenvolvem um estado de contemplação:

A contemplação é o exercício do respiro da vida, sem muitas complicações. Está profundamente ligada a vida, suas alegrias, esperanças e dificuldades. É a espiritualidade que anima o caminho do contemplativo. Ela é como uma ‘carta de navegação’ na trajetória existencial do humano, que pode tornar-se um contemplativo. A espiritualidade diz respeito à qualidade de vida e de ação, de potencialidade de abertura ao ilimitado. Não está necessariamente ligada a uma profissão de credo ou adesão religiosa, pois é um dado antropológico de base. Todo o ser humano vem habitado por uma condição finita, mas aberta ao mistério do ilimitado e do infinito. (2014, p. 58).

Uma capacidade de ativar um silêncio interior que habilita a captar o mistério através de uma outra qualidade de experimentação do cotidiano. Uma abertura ao maravilhamento, pois é “a maravilha o que há de mais íntimo e misterioso” (TEIXEIRA: 2014, p.62). Cultivo de um sentimento profundo de gratidão e alegria quando “todo o universo se revela, de repente, grávido de Deus” (TEIXEIRA: 2014, p. 63) e resta ao homem e a mulher somente reverenciar e se colocar a serviço desta grandiosa percepção. Trata-se de uma atitude passiva e ativa ao mesmo tempo, um tocar e se deixar tocar pelo mundo, pelo belo. Neste sentido, uma “fundamental importância deve ser dada à atenção: a atenção ao tempo, aos pequenos sinais do cotidiano, à vida como um todo. A atenção situa o sujeito em estado de ‘espera’, aberto ao estupor e às surpresas da vida” (TEIXEIRA: 2014, p.63).

O que estes autores estão querendo ressaltar é a existência de uma espiritualidade fundamentalmente humana que pode ser capaz de elevar a consciência à esfera de uma qualidade relacional mais harmônica. Esta qualidade pode ser vivenciada por pessoas ligadas a

uma religião específica, mas também podem ser experimentadas por pessoas com práticas seculares, por indivíduos comuns. Parece que é esta característica mais espiritual precisa ser cativada para que a humanidade possa não sucumbir às agruras contemporâneas. Lidar a partir de uma perspectiva inclusiva ampla com problemas locais e globais. Porém, “não é fácil manter essa dialética entre espiritualidade e religião. Muitas vezes só chegamos a uma verdadeira experiência espiritual desmontando o edifício religioso, tal como fazemos com os resíduos que escondem o ouro precioso” (BOFF: 2001, p.70). Leonardo Boff lembra dessa desconstrução feita por Jó e relata que em um retiro espiritual, certa vez, pediu aos presentes que contassem como rezavam. Pedro Casaldáliga foi o único que não falou sobre Deus, mas falou à Deus fazendo uma oração:

Deus, Pai e Mãe de bondade, de todas as coisas no universo. Olha para nosso mundo, para as chagas abertas, para o sangue que corre de nossa Pachamama, a mãe Terra, e dos corpos de nossos irmãos oprimidos pelos latifúndios e pela exploração econômica. Ajuda-nos a regenerar a Terra e a construir uma sociedade onde todos possam caber, a partir de um coração novo, de um homem novo, de uma mulher nova. Só então, Senhor, podemos Te louvar juntos, pela vida inteira, agora e para sempre” (BOFF: 2001, p.70).

Essas palavras remetem a esta possibilidade de reconhecer o que há de verdade no discurso de diferentes, revelam uma consciência espiritual capaz de causar uma transformação interna. Leonardo Boff também se refere a uma definição de espiritualidade dada por Dalai Lama em uma entrevista. Ele disse: “Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior” (BOFF: 2001, p.16).

A mudança traduz uma abertura interna para ser tocado pelo mistério. Passa por um questionamento de valores e está ligada a sentimentos como amor, fraternidade, delicadeza, positividade diante da vida. Para uma grande parcela das pessoas, esta transformação interna se dá a partir de vivências dramáticas. Perdas, separações, conflitos, que estão presentes invariavelmente na vida, mas que quando vividos a partir de uma compreensão ampla, não provocam uma ruptura interior. Portanto, “não devemos nunca esquecer que os portadores permanentes da espiritualidade são as pessoas consideradas comuns, que vivem a retidão da vida, o sentido da solidariedade, e cultivam o espaço sagrado do Espírito, seja em suas religiões ou igrejas, seja no modo como pensam, agem e interpretam a vida” (BOFF: 2001, p.13). São pessoas que passam a reconhecer a natureza divina do humano e a natureza humana do divino

### 3.1.2. Por uma espiritualidade ampla

Até agora este elemento espiritual foi trazido a partir de uma perspectiva humana. Porém, ao se reconhecer a natureza divina no humano e a natureza humana do divino, estaria sendo feita ainda uma distinção que precisa começar a ser questionada: a diferenciação entre o humano e o não humano. Vivemos sob uma premissa de superioridade entre o humano e as outras formas de vida que habitam nosso planeta. Este tipo de crença vem embasando nossa atitude perante a natureza e outros seres desde os primórdios da tradição judaico-cristã. Ele está presente na Bíblia, em Gênesis (1,28), onde se diz: “E Deus os abençoou e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra”. Parece ser este um mandamento fielmente seguido pelos homens, desde seu primeiro membro. Porém é preciso que a consciência humana alce o voo corajoso que leva a uma percepção de que o homem é apenas um elo da grande cadeia da vida. Apenas um e que não carrega um lugar de mérito maior que as outras espécies. Este sentimento de superioridade se instaura por conta do valor que é atribuído à consciência humana, à racionalidade humana. Porém consciência e racionalidade nem sempre andam juntas da sabedoria. Então, esta experiência mais ampla da relação entre os seres levaria ao reconhecimento da natureza divina da vida e a natureza de vida do divino. Ligando o espírito e a matéria a partir de uma perspectiva mais ampla, pois, afinal, será que é possível diferenciar em essência estas três palavras: natureza, divino e vida?

Eu tenho desenvolvido duas vertentes. Uma a partir do corpo: o que nós temos mesmo é o corpo, mas não o corpo cadáver, o corpo vivo. Então, o corpo vivo suscita a questão sobre o que é a vida dentro dessa materialidade. E aí acho que é interessante a concepção mais moderna de entender a matéria usando o universo, pensando que o corpo nós não temos, nós somos corpo. Precisamos trabalhar nessa dimensão do corpo com essa compreensão mais moderna desde os átomos, das energias, dos neurônios, trilhões de células que formam essa totalidade. E o mistério é: por que existe a vida, o que dá vida ao corpo? E a vida, eu acho que é aquilo que é o espírito no corpo, então é um corpo espiritualizado, é um espírito encarnado. A outra vertente, que eu vejo e tenho desenvolvido bastante, é o diálogo com a nova cosmologia, com essa física, etc., com a teoria da evolução ampliada que vê a grande unidade de todo o processo, desde o Big Bang, distintas fases da humanidade, que vão na linha de se complexificar cada vez mais, as energias e as matérias, até que chega a um ponto altamente complexo e irrompe a vida como necessidade cósmica. E como subcapítulo da vida, com muito mais complexidade ainda, emerge a consciência, então emerge o ser humano, emerge o espírito. Então o espírito, ele pertence a esse conjunto, pertence a realidade e não fora da realidade. E todas as compreensões que tem uma matriz religiosa ou metafísica eles fazem vir o espírito de fora. Ele vem e forma a matéria, forma o corpo. E nessa (nova) compreensão, o espírito faz parte da totalidade, é a parte mais avançada do universo, porque ele é mais complexo, cria ordens mais sofisticadas e é a consciência que atravessa todo esse processo que ganha aí a dimensão de autoconsciência. Então, o espírito é tão ancestral como o corpo. E o espírito o que é? É a capacidade que as energias primordiais, as partículas originárias têm de se relacionar e a relação sempre implica uma troca de informação. Então aqui entra uma compreensão diferente, que vem da física quântica, que toda a compreensão moderna, até Einstein, e Einstein inclusive. Tem a matéria que tem massa, conforme entende

a física moderna, e tem a matéria que tem energia, desde a energia elétrica, energia gravitacional, até energia nuclear. A partir dos anos 50, descobriram que há uma terceira qualidade da massa que é energia pura, não é nem matéria, é informação. A informação surge exatamente do jogo das relações e aí vem a conclusão básica de todos os físicos quânticos: que o universo não é o conjunto dos seres existentes. O universo é o conjunto das relações, das redes existentes e tudo é rede (LB-CP).

Segundo Leonardo Boff, evolutivamente, o espírito emerge como autoconsciência somente quando surge o humano. Porém, este autor também aponta para o fato de que ele, o espírito, esteve presente desde as primeiras partículas, perpassando toda a rede, todos os seres. Ele esteve ativo através da capacidade de estabelecer relações. Esta é uma perspectiva recente que liga o que há de mais científico ao que há de mais espiritual. Liga a matéria mais densa, ao que há de mais sutil, que é a energia. Energeticamente estamos trocando informações com tudo o tempo todo. Porém a consciência racional não alcança todas estas conexões. As pessoas não comandam seus batimentos cardíacos conscientemente, por exemplo. Nem as trocas orgânicas em cada célula. Porém, existe dentro das pessoas algo que comanda todas essas interações. São como diferentes camadas de consciência. A psicologia vem desde seus primórdios tentando compreender e explicar essas camadas. O que importa aqui é perceber que uma dessas camadas é a racional e que o espírito, ou a capacidade de vivenciar o espírito, não é somente da razão. Ela permeia todas as camadas de nosso próprio corpo, e de todos os outros corpos. As pessoas que cativam dentro de si este lugar de profundidade desenvolvem a possibilidade de reconhecer o espírito nos eventos mais simples de seu dia a dia e em todos os seres a sua volta. Este movimento envolve um deslocamento do valor dado ao humano perante a natureza. Envolve uma humildade perante o todo e fundamentalmente uma descentralização do ego.

Os grandes mestres espirituais assinalam que essa viagem interior, apesar de árdua e desgastante, revela surpresas inesperadas. Ela requer disposições precisas, e um exercício radical de despojamento, humildade e purificação do coração. Não há como viver a intensidade da experiência senão deslocando o ego de sua centralidade, com a afirmação de sua vulnerabilidade, contingência e limite. (TEIXEIRA: 2014, p.239)

Diante desta grandiosidade que pode ser atribuída a Deus, à Natureza, ao Grande Espírito, aos mil nomes desta força maior, é preciso que o humano se recolha ao seu próprio tamanho. Como quando nos deparamos com fotografias da Terra vindas do vasto espaço. Temos poucas respostas. Toda nossa alta complexidade cabe dentro de um grão de areia se encarmos as proporções universais.

Espírito é aquele momento de nossa consciência que nos abre à percepção de que somos parte de um todo e de que pertencemos ao todo... A espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade, vive da capacidade de enternecimento, e de compaixão, vive da honradez em face a realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente da realidade. Quebra

a relação de posse das coisas para estabelecer uma relação de comunhão com as coisas. Mais do que usar, contemplar” (BOFF: 2001, p.71).

Comunhão, uma palavra desgastada na atualidade, é o que carrega a essência desta espiritualidade aberta ao novo, ao outro, ao amplo e ao pequeno, ao próximo e ao distante. Uma postura de confiança e entrega a uma sabedoria maior. Convida inclusive ao despojamento da pretensão de se entender esta grandiosidade a partir de uma consciência humana e, portanto, limitada. Esta palavra também nos remete a uma qualidade de vida que está diretamente atrelada ao cuidado. Abre espaço para emergir o que está sendo chamado de a espiritualidade do cuidado.

### 3.2) A ESPIRITUALIDADE DO CUIDADO

Parei e, profundamente comovido, rezei tanto pelas vítimas quanto pelos que haviam perpetuado aquela iniquidade, e para que algo como aquilo nunca voltasse a acontecer. (DALAI LAMA: 2000, P.75)

A espiritualidade do cuidado é um conceito relativamente novo que vem sendo trabalhado de forma ampla em diferentes áreas de saber, dentre elas, Saúde, Ciências Sociais, Filosofia, Ciências da Religião e Teologia. Leonardo Boff é um dos autores que trabalha a questão da espiritualidade e do cuidado no sentido de favorecer uma compreensão mais ampla de espiritualidade que não se restringe ao campo religioso. Busca entender o que é o espírito e a partir dele, ampliar a percepção do que é o humano e sua tradução num corpo que se percebe como vivo. A ideia é que este novo conceito possa contribuir para atitudes de cuidado que emergem a partir dessa consciência ampla da espiritualidade cotidiana, aliada a transformação da qualidade de vida das pessoas, no sentido de resgatar valores que se encontram na dimensão de profundidade do humano como pertencimento, amparo, atenção, delicadeza, hospitalidade.

Conforme já foi debatido no tópico anterior, esta ideia do surgimento da vida como necessidade cósmica coloca o ser humano em uma outra perspectiva com relação a todos os outros seres do Universo, dos mais próximos aos mais distantes. O humano seria então um “subcapítulo da vida”<sup>28</sup>, seria o resultado deste grandioso movimento que como uma dança, caminha do mais simples para o mais complexo. O humano seria o clímax atual desta gigantesca

<sup>28</sup> O tema do homem como subcapítulo da vida também é abordado por Teilhard de Chardin e esta ideia pode ser encontrada na abordagem nos livros de Frei Beto, Sinfonia Universal. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 79-85; bem como na obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 105-111.

dança porque junto com ele emerge a consciência, a autoconsciência. O que Leonardo Boff chama de espírito seria, então, algo que permeia e entrelaça toda a existência, tão ancestral quanto a matéria.

O cuidado entra neste contexto como uma dinâmica plasmadora do ser humano. Como a parcela mais essencial do homem, responsável por seu modo de ser no mundo. Leonardo Boff faz um histórico da construção do conceito do cuidado dentro da obra de Martin Heidegger, mostra que ele surgiu do esforço do autor em entender a antropologia cristã de São Paulo e Santo Agostinho. E que a partir deste último, formulou os conceitos de cuidado autêntico e cuidado inautêntico que aparecem em *Ser e Tempo*. (BOFF: 2012, P. 49)

### 3.2.1 Cuidado como modo de ser

O sentido de totalidade da integração pessoal traz consigo a possibilidade e realmente a certeza da morte; e com a aceitação da morte advém um grande alívio, alívio do medo das alternativas, tais como a desintegração ou fantasmas... eu diria que crianças saudáveis encaram a morte muito melhor do que os adultos (BOFF:2012, P.48)

Através de densa argumentação, Heidegger chega à definição de que o Cuidado é o ser do Dasein (ser-aí, presença) e propõe a seguinte pergunta: o fenômeno da angústia pode dar o todo do Dasein, em sua totalidade mesma? Para responder a essa pergunta o cuidado é apresentado de forma tripartida: Existencialidade; Factualidade; e Ser-do-decair. Estas três partes compõem o que Heidegger chama de um todo estrutural capaz de sintetizar esse processo pelo qual o Dasein passa para ser cada vez mais ele mesmo. “O livre-ser para o poder-ser mais-próprio e assim, para a possibilidade de propriedade e de impropriedade mostra-se, numa concretização originária elementar, na angústia” (HEIDEGGER: 2012, p.535). Isto significa que o Dasein não pode ser caracterizado somente por sua forma ou sua função, mas sim por algo além de si, pelo que ele pode ainda se tornar, pelo que Heidegger nomeou como *ser-adiantado-em-relação-a-si* (2012, p.537). Isso caracteriza o ser no mundo de maneira geral. O Dasein está no mundo e vive junto com outros entes. Nisto se insere um caráter ontológico existencial, porque o homem sempre se percebe em relação a um mundo e junto com outros entes dentro da temporalidade, do cotidiano onde o cuidado pode ter sua expressão. O modo dessa relação é *Sorge*, preocupação, cuidado, e é algo ontológico. O caráter ôntico aparece no modo de ser individual do cuidado em cada ser humano.

“O Dasein, enquanto cuidado é o ente que dá sentido e a vida fática tem sentido através do cuidado, já que tal sentido serve para lidar-com/tratar do mundo” (ALMEIDA: 2012, p.14). A vida fática é uma categoria fenomenológica fundamental que significa uma dimensão originária na qual todo Dasein está inserido. “O existir é sempre factual. A existência é essencialmente determinada pela factualidade” (HEIDEGGER: 2012, p.537) e o existir factual está absorvido no mundo da ocupação (*besorge*).

Para entender o que Heidegger chama de ocupação precisamos antes investigar o contexto no qual o Dasein vive, pois, o modo da ocupação está relacionado a uma circunvisão de mundo, um senso comum. “O mundo é aquilo que cuidamos, e, enquanto cuidamos... Vida fática, a vida que se vive a partir do cuidado” (ALMEIDA: 2012, p.36). Neste sentido o Dasein é quem dá significado a esse mundo. O cuidado enquanto ocupação se detém aos utensílios de acordo com sua função, a função de utilidade. Ou seja, um utensílio só existe de acordo com sua função e quando perde esta função, fica fora de contexto, sem serventia, e explicita a remissão. Provoca no Dasein, então, outro tipo de relação, deflagrando sua finitude, que estava lá, mesmo que não tematizada.

Para evitar a angústia latente, o homem foge diante do desconhecido e se detém dentro de um espaço de familiaridade, do ter-que-fazer, dos “deverias” da vida. Aparentemente o que Heidegger descreve é este ser humano típico que leva a vida com a expectativa de atender a um padrão socialmente estabelecido, sem questionar do que está vivendo ou fazendo. É o ser que se ocupa com utensílios de forma impessoal. “No ser-adiantado-em-relação-a-si-em-um-mundo está essencialmente incluído o ser que decai junto ao utilizável do-interior-do-mundo” (HEIDEGGER: 2012, p.537). O cuidar, enquanto sentido fundamental da vida cotidiana está absorvido no mundo e isso pode conduzir a queda quando deixamos de viver em profundidade, quando vivemos de maneira não implicada. Pois, “o abandono do Dasein a si mesmo mostra-se de modo originário e concreto na angustia” (HEIDEGGER: 2012, p.537). Quando ele se dá conta da própria finitude e o cuidado se expressa através de escolhas. Assim, “a significação da vida se explica numa multiplicidade de relações, ocupações, afazeres, trabalhos, cuidados, desejos e afetos. O viver ‘com’, ‘contra’, ‘para’ alguém são sentidos para cada momento da vida e expressam a própria diversidade de escolhas e possibilidades atualizadas do Dasein” (ALMEIDA: 2012, p.26).

O Dasein é um ser no mundo e o conceito de mundo está diretamente relacionado ao conceito de vida. “O mundo mundeia/munda e a vida se vive” (ALMEIDA: 2012, p.26). O

modo de ser no mundo é essencialmente cuidado e neste cuidado se insere a ocupação do Dasein com os outros que não utensílios, com outros Daseins, a preocupação (*fürsorge*).

Segundo Heidegger, a preocupação, ou seja, o cuidado do Dasein com outro Dasein, abrange a existencialidade, a factualidade e o decair de forma unificada, e pode se concretizar de maneira imprópria/inautêntica ou própria/autêntica. Vivida imprópria a preocupação faz com que o outro, quem é cuidado, fique dependente e seja dominado. O outro é substituído, subjugado e pode nem se dar conta disso. Este é, sem dúvida, o modo mais comum de preocupação humana.

Por outro lado, quando vivida de maneira própria/autêntica, a preocupação gera no outro a liberdade e um viver autêntico. Seria a preocupação associada com a ética da cooperação, ou cordialidade, como diria Leonardo Boff (2012). O cuidado autêntico está diretamente relacionado com a angústia. O cuidado se concretiza na vida cotidiana, na coexistência, e somente lá pode haver um cuidado autêntico ou inautêntico.

Porém o cuidado autêntico também pode se manifestar através da ocupação. “O mundo circundante se qualifica de diferentes modos, pois, a ocupação se especializa e se direciona para uma ocupação específica. Esse modo de cuidado ocupado repercute na preocupação” (ALMEIDA: 2012, p.63) Isto demonstra uma relação intrínseca entre preocupação e ocupação. A ocupação inautêntica é dedicar-se a utensílios de tal maneira que o próprio ser acaba se identificando com eles. A ocupação autêntica acontece quando, apesar de se dedicar a utensílios, ou entes, o homem percebesse que todo o utensílio é criado para ser utilizado pelo outro, para um bem comum.

Na existencialidade o Dasein adquire certa consciência e autonomia de escolha. “Como o Ser-ai é um ser lançado no mundo, o que ele vai ser é definido por ele mesmo, não existindo de antemão qualquer regra sócio histórica definitiva para o projetar” (Almeida: 2012, p.30).

O cuidado caracteriza a unidade da existencialidade, da factualidade e o decair. Portanto o cuidado abrange o *ser-adiantado-em-relação-a-si*, o *já-ser-em*, e o *ser-junto-a*, e nele mora a liberdade de ser com, dentro da factualidade, cotidiano. E a “preocupação, como totalidade-estrutural-originária, reside existencialmente *a priori* ‘antes’, isto é, já sempre *em* cada ‘comportamento’ factual e ‘situação’ do *Dasein*” (HEIDEGGER: 2012, p.541). Porém, não há uma precedência do comportamento prático para o teórico. “O cuidar explicita o mundo do si mesmo como mundo compartilhado e o mundo circundante” (ALMEIDA: 2012, p.31), sendo assim se mostra de maneira indivisível.

A intuição e a prática são “possibilidades-de-ser de um ente cujo ser deve ser determinado como preocupação”, ou cuidado (HEIDEGGER: 2012, p.541). Porém, não se deve tentar reduzir o fenômeno do cuidado a certos atos específicos. “A preocupação é ontologicamente ‘anterior’ aos fenômenos nomeados, que podem ser sempre adequadamente ‘descritos’ dentro de certos limites sem que o pleno horizonte ontológico fique visível...” (HEIDEGGER: 2012, p.541), esses fenômenos nomeados (a saber: vontade; desejo; impulso ou inclinação) se fundamentam no cuidado.

Somente o Dasein pode possuir desejo e vontade que são ontologicamente fundamentados no próprio cuidado, pois o Dasein pode ser conduzido ao seu ser pela preocupação-com-o-outro (HEIDEGGER: 2012, p.543). Ao aprofundarmos a análise desses fenômenos nomeados podemos ter um vislumbre da totalidade fundamentadora do cuidado, a abertura. Por exemplo, no ato do querer se insere o ser-adiantado-em-relação-a-si, o mundo de que ocupar-se e um poder-ser-para do Dasein (projetar-se entendedor do Dasein). “Só se pode querer algo que já está no mundo, possibilitado pela abertura em sentido ontológico existencial” (ALMENDA: 2012, p.59). Então os conceitos de cuidado e abertura se copertencem. A interpretação que o Dasein faz do mundo restringe as possibilidades. Ele fica limitado no “efetivamente real” já conhecido. Pode-se entender a abertura como compreensão. A partir dela o Dasein percebe o mundo enquanto cuidado de si (*selbstsorge*), cuidado dos outros (*Fürsorge*) e cuidado dos utensílios (*Besorg*). (ALMEDA: 2012, p.95).

Um querer tranquilizado dentro do mundo já conhecido faz com que o ser mostre-se como *mero desejar*. Seria como se o Dasein passasse a viver de maneira automática, sem avaliar as diferentes possibilidades factuais de momento a momento e isso cria a sensação de que existe um mundo efetivamente real lá fora e uma sensação de segurança. O autor parece descrever o transe social ao qual fazemos parte. “O mero desejar pressupõe ontologicamente a preocupação” (HEIDEGGER: 2012, p.545).

Por outro lado, aspirar coloca o Dasein em movimento – ser-adiantado-em-relação-a-si-no-já-ser-em instaura a inclinação do caráter de sair em busca de... Assim, a estrutura do cuidado é modificada. “Tornando-se cego, o Dasein põe todas as possibilidades a serviço da inclinação” (HEIDEGGER: 2012, p.545). O Impulso insere nesse movimento o “a qualquer preço”. Pode atropelar o respectivo encontrar-se e o entender. “No impulso puro a preocupação ainda não se tornou livre, embora somente ela possibilite ontologicamente que o Dasein seja impulsionado a partir de si mesmo. Na inclinação, ao contrário, a preocupação já está sempre atada” (HEIDEGGER: 2012, p.547). Inclinação e impulso provêm da queda, dejectão, do

Dasein. Ambos se fundam ontologicamente no cuidado e podem ser ôntico-existencialmente modificadas por ele.

“A determinação da preocupação como ser-adiantado-em-relação-a-si-no-já-ser-em...-sendo-já-junto-a... põe em claro que este fenômeno é também em si mesmo ainda estruturalmente *articulado*” (HEIDEGGER: 2012, p.547) e expressa o modo-de-ser do Dasein conforme já foi aberto ôntico-existencialmente (HEIDEGGER: 2012, p.549).

Heidegger quer com o conceito de cuidado apontar para a necessidade de investigar o Dasein no que diz respeito ao seu próprio ser. O Dasein é o único ente que ao existir seu ser sempre está em jogo. O Dasein pode escolher o que vai ser. O antecipar-se a si mesmo no projetar possibilidades que são atualizadas pela escolha, só é possível para um ente que ao existir, já é deste ou daquele modo, já atualizou alguma possibilidade por estar na estrutura ser-no-mundo. A possibilidade deve ser entendida, nesse contexto, como possibilidade existencial remetida ao próprio ser do Dasein (ALMEIDA: 2012, p.55).

Este existir do Dasein se insere no corpo, que já está em jogo quando chega ao ser, ou à consciência.

### 3.2.2 O corpo e as percepções

Ambas as realidades, cabeça e coração, são necessárias e complementares, mas a singularidade do cuidado reside nas águas abundantes e correntes. Sem ele, as margens e os limites perderiam a importância. (BOFF: 2012, p.45)

No imaginário religioso, geralmente, o corpo é tido como algo de uma ordem inferior, a porta do pecado, que contém forças animais que precisam ser controladas, educadas, civilizadas e até mesmo purificadas para que o espírito, algo superior, possa habitar a matéria. Já foi falado a respeito de cisões que culturalmente são feitas entre os seres humanos, e entre estes e as espécies. Porém, essa compreensão da relação corpo espírito como entidades separadas contribui também para uma cisão dentro de nós mesmos. Entende-se que o humano carrega dentro de si dois aspectos que constituem uma oposição, um divino e outro animal<sup>29</sup>. Como se a mente humana fosse um elo de ligação entre o divino e o animal. Como se não houvesse nada de animal no espírito e nada de espírito no animal. Sendo assim, o corpo abarcaria a esfera animal e a mente a esfera humana.

<sup>29</sup> Isto também remete a questão dos níveis de consciência e da nossa supervalorização da parcela racional do humano.

Nós, no Ocidente, pertencemos a uma tradição cultural que por longo tempo separou corpo e mente, corpo e espírito, corpo e alma, afirmando que o espírito ou a alma é uma entidade que pertence a um domínio transcendental mais real e mais permanente que o corpo, e que este pertence à transitoriedade das formas que adota o mundo material. Como resultado disso, vivemos no Ocidente, de uma forma ou de outra, na contínua desvalorização do corpo, por sua incapacidade de alcançar as alturas das nossas almas idealizadas. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.125)

Porém o espírito habita, permeia, consagra a matéria, pois a faz viva. A mente dá consciência ao corpo, enquanto ele cria os elementos a serem conhecidos por ela. Não há como separar mente e corpo, mas há como perceber a mente dentro do corpo.<sup>30</sup> Para além do corpo consagrado, é com ele que o humano apreende a experiência de sua espiritualidade.

A espiritualidade tem uma base biológica, não religiosa, ou mental. É um dado de antropologia só que ele (o dado) não tem cidadania ainda na nossa cultura. E desde que o resgatamos nós temos chance de reengendrar o ser humano de uma forma mais inclusiva, mais espiritual. Então eu acho que a espiritualidade compreendida assim é uma contribuição fantástica para um novo tipo de paradigma civilizacional, outra forma de organizar as coisas, as relações, a sociedade, a relação com a natureza, com a totalidade. Então ela tem a característica de ser instauradora de uma nova forma de habitar o planeta, de organizar a convivência humana. (LB-CP)

Este resgate passa por uma nova percepção do que é o corpo, pois é nele que o cuidado se manifesta. O cuidado com o corpo é o cuidado com o todo. Do que é feita a matéria? O que faz dela um elemento vivo? Como nos relacionamos com a vida em nós? Dominamos e controlamos ou cuidamos dela? A qualidade de espiritualidade no humano se expressa através do cuidar. Por uma atitude de responsabilidade e preocupação sobre os outros e sobre nós mesmos. Precisamos ampliar nossa compreensão de que somos corpo e entender que a nossa parcela consciente, que nos caracteriza como humanos, carrega nossa espiritualidade e nossa conexão com a natureza o que nos torna de alguma maneira os irmãos mais velhos na Terra, através de aspectos que denotam ao humano responsabilidade e liberdade. Somos mais sábios,

<sup>30</sup> Leonardo Boff sobre o Ponto Deus no cérebro: “Uma descoberta que eu incorporei nos últimos quatro ou cinco anos, veio de um campo que eu não conhecia, da neurolinguística. Os neurolinguistas trabalham neurônios, linguagem, todo esse campo vasto que é um pouco a ponta da pesquisa mundial. Eles identificaram o ponto Deus no cérebro, engraçado que este é um tempo que a Teologia usa. Isto é, os neurônios têm uma vibração normal de 7,9 hz. Mas quando um ser humano aborda de forma existencial o sentido da vida, da totalidade das coisas, o respeito, a reverência face ao sagrado, essa temática que tem a ver com Deus, com a última realidade, os neurônios do lobo frontal sobem de 7,9 à 9, 11, até 30 vibrações. E sempre que ocorre essa temática ocorre essa aceleração. Então eles dizem que, assim como temos exteriormente sentidos, os olhos para ver, ouvidos para ouvir, sensibilidade para captar as coisas, temos um órgão interno de identificar a realidade que liga e religa tudo. Nossa vantagem evolutiva é poder captar o que as religiões chamam de mil nomes, de Allah, de Javé, Shiva, Deus. Não é que Deus está no ponto do cérebro, mas que todo cérebro é o órgão mediante o qual eu percebo Deus em todas as realidades, não só lá dentro” (LB-CP).

e portanto, mais responsáveis pelo bem comum. Cabe a nós zelar pelo bem de todos. Então, o cuidado está sempre aí presente e subjacente como a constituição de ser humano. “Falar do ser humano sem falar do cuidado é não falar do ser humano” (BOFF, 2012, p.54). Ou seja, quando estamos falando do humano, estamos falando também da espiritualidade e do cuidado que estão intrinsicamente em todos os seres. Quando uma pessoa se dá conta de que a sua própria vida individual está ligada ao outro, algo se transforma. Permitam-me explorar um pouco mais a palavra outros, pois não me refiro somente às pessoas próximas, sua família, sua mãe e seu pai que te deram a vida. Me refiro também ao grupo de pessoas que construíram a casa ou o prédio onde você mora, me refiro a todo o trabalho que alguém teve para que a água fosse encanada e chegasse à sua torneira. Me refiro às pessoas que plantam, colhem, embalam e transportam todos os alimentos que você encontra na prateleira do supermercado. Me refiro ao asfalto, ao transporte público, aos garis, etc. Estamos ligados aos outros seres humanos e cada um com sua sabedoria contribui para o funcionamento conjunto de uma cidade, ou uma comunidade. Basta que um desses raios de cuidado que nos perpassam se paralise, entre em greve por exemplo, para que seja possível perceber o quanto somos dependente dele. Se o cimento do prédio não for bem feito, se um cano estourar, e assim por diante. Isto é quase óbvio se estivermos na esfera do cuidado como adjetivo<sup>31</sup>, mas aproxime ainda mais o cuidado do seu peito e perceba que existem ainda outras esferas desse modo de ser que te liga por um lado aos seres mais simples e por outro aos seres distantes. Pensando no micro e no macrocosmo. Agora, neste exato momento, dentro de você existe um número incontável de outros seres, micro-organismos, geralmente bactérias que trabalham para que seu corpo funcione em harmonia. São seres que vivem em você e que a vida deles em si contribui para a sua, pelo simples fato de que a sua vida contribui para a deles. Essa rede de contribuição mútua acontece dentro de um equilíbrio sutil, de uma qualidade afinada de interação, de relação e troca de informações.

Passamos, então, a entender a espiritualidade como o elemento que perpassa corpo, cultura e natureza, como a linha que une os retalhos de uma colcha. Corpo, nossa existência individual; cultura, o ambiente que nos constitui; natureza, nossa casa, o lugar ao qual pertencemos. Não estaríamos prisioneiros de uma percepção fragmentada, onde não

<sup>31</sup> Leonardo Boff faz uma diferenciação sobre cuidado como adjetivo e cuidado como substantivo. O primeiro seria aquele cuidado que alivia as tensões, mas que não transforma as relações de força essenciais. Enquanto o segundo busca identificar e transformar o paradigma que atribui valores à relação (BOFF: 2012, p.67)

percebemos que no corpo se materializa toda nossa existência, inclusive a espiritualidade? Cada vez mais a ciência avança e nos leva a responder que sim a essa pergunta, mas o nível de consciência ainda está apenas à margem das percepções da totalidade. É preciso que o ser humano se aproprie da linha que une os retalhos e que por esforço individual se torne capaz de transformar a percepção e sobretudo transformar as atitudes na esfera coletiva. Essa ligação nunca foi desfeita, sempre esteve essencialmente atuando na história do homem.

Assim como somos habitados por seres mais simples que dependem de nós e de quem somos dependentes, também habitamos um ser maior. Assim como coabitamos nosso corpo, coabitamos este ser maior. Este entrelaçar harmônico que rege a interação entre os seres dentro de nós, também se apresenta na relação do homem com a Terra. O ser humano precisa ter consciência dessa mútua dependência ao interagir com os outros seres. Esta consciência seria o que Leonardo Boff chama de cuidado como substantivo. O cuidado como regente das relações, caso contrário, facilmente quebramos a harmonia e todos perdem o jogo. O nome que o autor dá a essa qualidade de interação e troca de informações entre os seres, vivos ou não vivos, simples ou complexos é Espiritualidade do Cuidado. Ele fala em capacidade de estabelecer relações e eu acrescentaria que a Espiritualidade do Cuidado é a capacidade que todos os organismos e partículas têm de criar relações de mútua dependência, de cooperação.

Nós humanos, ao longo da história, fomos perdendo a consciência desse estado de dependência. Começou a imperar em nossa sociedade a ideia de indivíduo dentro de uma ética do controle, da competição, da dominação, que acabou atingindo a grande maioria das interações humanas. Leonardo Boff clama por um movimento de retorno e resgate deste modo de ser mais cordial, amoroso, porém essa transformação não é simples e precisa atingir todas as três esferas: corpo, sociedade e natureza.

Então, enquanto dominar essa autoafirmação com a competição, é a afirmação do Eu e quando os Eus todos gritam Eu, dá guerra dos Eus. Não cria o Nós. Então é uma sociedade sem espírito, sem alma. E por isso é difícil hoje resgatar uma espiritualidade numa sociedade que cobriu de cinza essa capacidade de relação que o ser humano tem com todas as coisas, descobrir que tudo tem a ver com tudo. Que a mística tem que ver com a física, que a estatística quem a ver com a religião e que tudo está de alguma maneira relacionado. Pode ser que eu não veja, mas a relação existe e quanto mais alguém se espiritualiza, mais ele vê a capacidade das conexões, da conectividade de tudo com tudo e isso é a grandeza do ser humano (LB-CP).

A grandeza do ser humano está em reconhecer sua própria pequenez ao lado da pequenez de seu irmão. Pois, quando somos todos iguais, mesmo na diferença, a prática do

cuidado se instaura. A possibilidade do cuidado é o que nos leva a perceber essa esfera comum de dependência. Rompe-se então com uma qualidade relacional apoiada na lógica da exclusão. Nasce o Nós, a comunidade. É preciso vivenciar nossa condição de dependentes sem que isto ameace a nossa condição de autonomia. Esta parece a chave da questão. Parece a energia que faz emergir o cuidar autêntico, aquele que apenas cuida, sem pedir nada em troca. Sem medir, qualificar, exigir. Um cuidado entrega, doação, dedicação. Basta a continuidade da existência do outro para o cuidador sorrir. Porque quando todos estão dedicados ao cuidado dos outros, não é preciso que cada um se preocupe consigo mesmo. Esta é a lógica inversa ao que vivemos hoje. Atualmente todos estão em busca de auto sustento e esquecem sua também característica de dependentes. Mas e se fosse possível não duvidar de que nossas necessidades serão supridas ao simplesmente nos dedicarmos a suprir as necessidades dos outros? Utopia diriam alguns. Sim, utopia para o atual nível da consciência humana. Utopia para este modo de ver que não enxerga o todo. Porém, tome um organismo. Um ser humano saudável, por exemplo, será que alguma célula deixa de receber oxigênio ou o alimento necessário para seu auto sustento? Será que alguma célula recebe mais que o necessário? E será que o auto sustento de cada célula não contribui para a manutenção da vida do todo?

Uma espiritualidade do cuidado precisa passar por essas indagações que nos trazem reticências... É preciso interiorizar as perguntas para que as respostas possam vir em forma de uma expressão do cuidar. Laura Uplinger apresenta uma perspectiva interessante desde cuidar que talvez não seja um ato tão consciente, mas uma compreensão latente deste sentido de união e dependência:

Engraçado, a palavra cuidar até me atrapalha um pouco. Eu vejo mais, entrar em comunhão e aí ver o que é necessário fazer. Você agora está respirando por que está tomando cuidado? Você respira porque é o teu ser, esse é o nosso destino de estar aqui e de prestar atenção a todos. Essa fraternidade da casa 11 da astrologia, essa amizade que é uma fraternidade. Algo que em inglês se diz: *kinship with all life*<sup>32</sup>. Uma sensação de pertencer a mesma vida com todos. É a árvore, é a água, o cachorro, o elefante, o engenheiro, o criminoso, o corrupto, todos nós somos um. E saber como trabalhar, perceber que dança é essa. Eu sou comigo mesma porque tem trilhões de seres em mim. Porque quando a gente pega o cuidar, tudo bem, é importante, você está fazendo uma dissertação, é um aspecto, mas insere de novo no todo, onde todos cuidam de todos (LU-CP)

<sup>32</sup> Esta expressão em inglês pode ser livremente traduzida como uma percepção de que somos todos irmãos de sangue, pertencentes a uma origem comum. In: [http://ucdsm.org/Websites/ucdsmorg/images/Soul\\_Matters/Soul\\_Matters\\_2013\\_September\\_Kinship.pdf](http://ucdsm.org/Websites/ucdsmorg/images/Soul_Matters/Soul_Matters_2013_September_Kinship.pdf). Acesso: 15 de janeiro de 2015.

Quando estamos diante da percepção que todos cuidam de todos, diante desta unidade que nos constitui, o diálogo com o cotidiano, com a vida fática, acontece em outra ordem. A partir de uma dimensão de segurança social, individual e espiritual, emerge a criatividade. A possibilidade criativa, para o bem e para o mal, também é uma característica do ser humano.

É, eu acho que a gente precisa resgatar a unidade concreta do ser humano. O ser humano como um projeto infinito. Dentro dele se esconde um número ilimitado de virtualidades, seja no corpo, seja no imaginário, seja na sensibilidade, inteligência. Em todas as dimensões ele é um ser de transcendência, não está preso em nenhum quadro. Só que ele está dentro de um corpo e o corpo é espaço-tempo. Ele ocupa um lugar físico, precisa de um tempo para se locomover e um espaço para existir. Agora, dentro dele há uma energia que ele dialoga com as estrelas, com a galáxia mais distante. Ele não está preso aqui. Então essa capacidade de transcender, que possivelmente os animais têm de forma limitada, faz com que ele não tenha um habitat. Todos os seres vivos têm um habitat, o patinho nasce e já sai nadando, tem o campo dele, vive e sobrevive. O ser humano não, se ele for deixado sozinho, se não for cuidado, ele morre em poucas horas. Ele não desce do berço e vai procurar alimento, ele não tem condições. Então ele é completo porque tem a totalidade das coisas, mas ele é inacabado. Tem que se acabar. Então o que acaba o ser humano é o trabalho cultural intervindo na natureza para criar o habitat dele. Criar, os gregos chamavam isso de ethos. Criar a sua casa, porque ethos é casa, mas não casa no sentido físico, parede, telhado, criar aquele ambiente onde ele se sinta em casa e a primeira coisa, que se sinta protegido. Protegido. Onde as coisas têm ordem, disciplina... Têm organização. Então, é um ser humano que é criado criador. Ele tem que criar, senão não sobrevive. E talvez seja também a sua condenação. Ele pode criar de tal maneira, tão avassaladora que ele cria as condições de sua autodestruição. É o que a nossa cultura fez, ela criou uma máquina de morte que pode dar fim ao ser humano por vinte e cinco formas diferentes. Acabar com toda a espécie. E essa máquina de morte está montada, não é algo virtual e pode ser acionado num minuto e meio e a humanidade pode desaparecer. Então é fruto também da sua criatividade. Como é fruto da sua criatividade ir à Lua e voltar, criar o antibiótico, melhorar a vida de todo mundo e tornar a nossa vida muito mais cômoda e não tão penalizada e ele está entre essas duas coisas (LB-CP)

O ser humano é um projeto inacabado que precisa ser cuidado, sustentado e se transforma a partir desta qualidade criativa. É criado e criador, vive nessa dimensão de intercessão que precisa ser mantida em tensão. Pois se o humano tente ao seu lado de criatura, se submete e vive como um animal, mas se por outro lado, exacerba se lado criador, extrapola limites, sente-se deus dominador. Dispõe da vida para benefício próprio, perde a dimensão do todo.

Eu vejo na metáfora de Pascal, ele está entre dois infinitos: o infinito que ele não abrange e o nada, que ele também não capta. Mas ele é a ponte entre o nada e o infinito. Diante do nada ele é o infinito, diante do infinito ele é o nada. E o que que ele é, então? Ele é a ponte entre os dois. Então, no fundo é aquilo que a filosofia clássica dizia, Heidegger também, ele é a ponte entre duas realidades que no fundo não tem margem. O infinito e o nada, não tem margens. Ele é uma ponte lançada, por isso é um ser de angústia, um ser agônico, ontologicamente desequilibrado. Ele não tem um centro nele mesmo, ele tem que ficar definindo o centro (LB-CP).

Definir o centro é um ato de cuidado, autocuidado. Um eterno movimento de equilibrar-se nessas duas forças, o infinito e o nada, que operam no tempo e no espaço cotidianos. Dialogar

com o real e o Real. Vivenciar essas duas forças habitando seu próprio interior e agir no mundo de acordo com o sentimento de conexão maior que brota a partir deste lugar incerto. O cuidado consciente, mas também o cuidado elementar orgânico do corpo vivo, é a ferramenta humana para ligar com a angústia. Leonardo Boff apresenta uma linda síntese da complexidade do existir humano diante desta grandiosidade que é a vida, a espiritualidade, em última instância, Deus. Aquilo que por ser captado de forma limitada por nossa consciência, nos remete a sentimento de profundo terror, mas algumas vezes de profunda comunhão:

Então, o que é o ser humano? Eu digo, eu não sei. É uma interrogação. Um projeto infinito, cujo destino talvez só uma reflexão teológica pode insinuar e aí vem, no meu modo de ver, a grandeza de Santo Agostinho que na autobiografia dele descreve todo esse processo da busca dele pelo platonismo, pela retórica, gnose, pelo maniqueísmo e de repente se encontra com o cristianismo e aí faz aquela famosa oração: te procurava fora, você estava dentro, te procurava dentro, você estava fora. Você falava, meus ouvidos não te escutavam, não te ouviam. Você dava sinais e eu não te entendia, até que finalmente te encontrei e aí descansou a minha alma. E aí ele começa: Ó beleza tão antiga e tão nova... Eu acho que a experiência humana é essa trajetória agustiniana da angústia para o repouso. Agora angústia não é uma coisa que um psicanalista possa curar, ela é existencial. É aquela condição que sempre move o ser humano a buscar a ser irrequieto, é o core inquieto de Santo Agostinho e que kierkegaard analisou em minúcia de grande categoria. O ser humano é um ser de angústia. O animal não tem angústia, ele vive numa eterna *siesta* biológica. O ser humano não. Ele sempre vive do cuidado, preocupado com a sobrevivência, com o outro, com seu destino, para onde vai, de onde vem, é incansável. Então, eu digo, ele é um projeto infinito. Tudo que ele encontra é finito, então levanta a questão que Sartre analisou bem em Ser e Nada, ele é uma paixão infinita que não encontra objeto por isso é absurdo. Mas as religiões dizem, não, ele tem esse motor infinito porque há um polo infinito que o atrai. As religiões oferecem isso, mas oferecem às vezes dentro de um aparato de tal maneira dogmático, de uma estrutura de poder, que esse aspecto desaparece. Mas na sua natureza originária elas dizem, o ser humano tem um impulso infinito porque tem um polo infinito que o atrai e quando o encontra ele se realiza, então ele se sente Deus, por participação. São João da Cruz disse Deus, simplesmente se sente Deus. Porém, como a inquisição vinha em cima, ele punha vírgula, por participação. Senão botavam ele na fogueira (risos). Mas todos os místicos dizem que se trata de uma experiência de não dualidade em que você se identifica com o todo, você é o todo. E quando perguntam ao mestre do Zen, ou do Tao, quem você é? Ele aponta para o universo e diz: tudo isso. Mas isso não é só uma retórica, é uma experiência de você se identificar com a parede, com o livro, com a montanha, com a estrela. De repente você é a totalidade e não há mais Eu e Tu, mas o coração da pedra, o coração da planta, o coração humano, o coração de Deus, é um só coração. E aí eu acho que o ser humano chegou na sua plenitude e talvez muitos cheguem a isso de uma forma muito elementar e simples, sem poder elaborar teoricamente, mas com uma experiência de plenitude humana, de felicidade, de serenidade. (LB-CP)

### 3.3) O AMOR: EMOÇÃO CENTRAL DA HUMANIDADE

Mas o cuidado, compreendido corretamente, isto é, de modo ontológico-fundamental, nunca pode ser diferenciado do “amor”, mas sim, ele é o nome da constituição ekstática temporal do traço fundamental do Dasein, a saber, como compreensão do ser. (HEIDEGGER: 2009, p227)

A partir desta percepção ampla da espiritualidade do cuidado como fundamento das interações humanas chega-se à palavra, ou ao sentimento, amor. Não somente o amor romântico que liga os enamorados, mas algo que perpassa a existência e faz a espécie humana conviver, viver em comunidade. Humberto Maturana desenvolve uma percepção de mundo baseada no que ele chama de biologia do amor e afirma que o modo de viver propriamente humano se inicia pela constituição de uma conversação entre as pessoas. Desenvolve-se um linguajar comum capaz de possibilitar o viver comum, troca de informações, e a perpetuação de culturas que são passadas de geração em geração ao longo de nossa história. Este autor trava uma densa argumentação que busca contextualizar a linguagem como resultado de um sentimento de fundo que permeia o impulso e a necessidade primeira de interação entre humanos, emoção esta que teria dado aos homens a capacidade de se organizar socialmente e em última instância de prosperar como espécie. Então, o que fundamenta o interagir humano não é nossa capacidade intelectual, esta seria o resultado de um emocionar característico original que leva os humanos a cooperarem. Para Maturana, esta emoção é o amor.

Dizer que o emocional tem a ver, em nós, com o animal, certamente não é novidade; o que estou acrescentando, sem dúvida, é que a existência humana se realiza na linguagem e no racional partindo do emocional. Com efeito, ao convidá-los a reconhecer que as emoções são disposições corporais que especificam domínios de ações, e que as diferentes emoções se distinguem precisamente porque especificam domínios de ações distintos, convido-os também a reconhecer que, devido a isso, todas as ações humanas, independentemente do espaço operacional em que se dão, se fundam no emocional porque ocorrem no espaço de ações especificado por uma emoção. O raciocinar também (MATURANA: 1997, P.170).

O autor afirma que é o emocionar que move a razão e que como seres complexos, multidimensionais, os humanos transformam suas ações a partir de uma emoção de fundo, nem sempre vivida de forma consciente. Ao mesmo tempo, o contrário também acontece, ou seja, as interações e a razão também podem transformar o emocionar. A cultura humana seria, então, o resultado deste interagir entre emoção e razão, numa dinâmica onde nenhuma das duas facetas

teria soberania sobre a outra. A história vivida, tanto de maneira individual como culturalmente influenciam fortemente nessa dinâmica.

Ao movermo-nos na linguagem em interações com outros, mudam nossas emoções segundo um emocionar que é função da história de interações que tenhamos vivido, na qual surgiu nosso emocionar como um aspecto de nossa convivência com outros fora e dentro do linguajar. Ao mesmo tempo, ao fluir nosso emocionar num curso que é o resultado de nossa história de convivência dentro e fora da linguagem, mudamos de domínio de ações e, portanto, muda o curso de nosso linguajar e de nosso raciocinar. A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar que chamo *conversar*, e chamo *conversação* o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar (MATURANA: 1997, P.172).

A partir de um conhecimento baseado na biologia, Maturana faz um histórico do emocionar humano para entender como foi o percurso que nos trouxe ao modo de interagir que atualmente vivemos, em nossa sociedade ocidental, baseada em fundamentos que ele nomeia de patriarcais. É possível perceber que a concepção desde autor reafirma, a partir de uma perspectiva biológica, a importância do ambiente para o processo de maturação humana conforme apontado por Winnicott e debatido nos capítulos anteriores. O aprofundamento nesta leitura do emocionar humano se faz necessária para uma compreensão transdisciplinar deste ser humano que coabita de forma multidimensional a terra. Um viver que abrange biologia (corpo), emoção (espaço psíquico), cultura (interações sociais – visão de mundo) e espiritualidade (compreensão das conexões em totalidade) e que carregam como pano de fundo o amor que se expressa através do ato de cuidar.

### **3.3.1 A trajetória do emocionar humano**

Segundo Humberto Maturana, “a existência humana acontece no espaço relacional do conversar” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.9). O que ele chama por conversar é o entrelaçar fluido entre a linguagem e o emocionar, portanto, o modo de viver humano aconteceria em redes de conversação. Entende que “a história da humanidade seguiu a trajetória do emocionar. Em especial, ela seguiu o curso dos desejos, e não o da disponibilidade dos recursos e oportunidades naturais ou a trilha das ideias, valores e símbolos, como se existissem por si próprios” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.11). Ou seja, a nossa compreensão de mundo se mantém em termos de plausibilidade quando está fundamentada em um emocionar que se estrutura no sentido de aceitar a experiência íntima de tais valores e

ideias<sup>33</sup>. E neste contexto, é importante perceber “a mudança das conversações que surgem das modificações no emocionar” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.11).

Para este autor, o emocionar que possibilitou o surgimento da linguagem e com ela as redes de conversação foi o amor. Um sentimento que fez com que os seres humanos passassem a cooperar e cuidar uns dos outros.

O amor consiste na abertura de um espaço de existência para um outro em coexistência conosco, em um domínio particular de interações. Como tal, o amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional: o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece. O amor é sempre à primeira vista, mesmo quando ele aparece após circunstâncias de restrições existenciais que forçam interações recorrentes; e isso é assim porque ele ocorre somente quando há um encontro em congruência estrutural, e não antes. Finalmente, o amor é a fonte da socialização humana, e não o resultado dela, e qualquer coisa que destrói o amor, qualquer coisa que destrói a congruência estrutural que ele implica, destrói a socialização. A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre (MATURANA: 1997, p.184-185).

O amor possibilitou um entrelaçar de relações dentro de um compartilhar da vida e dos recursos naturais disponíveis, possibilitou a coexistência e o agir em grupo. Aparentemente, era com base neste sentimento que os primeiros *homo sapiens* pautavam suas redes de conversação e criaram núcleos sociais, culturas<sup>34</sup>, que tinham como valores elementos diferentes do que temos agora. Maturana faz um paralelo entre os valores de culturas primordiais, que ele denomina por Matrísticos<sup>35</sup>, e os valores que hoje imperam nas sociedades Patriarcais. Basicamente, os valores Matrísticos eram vividos a partir da participação e cooperação, no

<sup>33</sup> Pode ser feito aqui um paralelo entre as ideias de Maturana e as de Peter Berger, pois os dois autores pressupõem a subjetividade como determinantes no sentido de plausibilidade da vida social. “O agir do indivíduo é moldado pelo sentido objetivo, colocado à disposição pelos acervos sociais do conhecimento e comunicado por instituições através da pressão que exercem para seu acatamento. Neste processo, o sentido objetivado está em constante interação com o sentido subjetivamente constituído e com o projeto individual de ação. Mas significativa é também — e poderíamos dizer talvez sobretudo — a estrutura intersubjetiva das relações sociais em que o indivíduo atua e vive” (BERGER; LUCKMANN: 2004 P.25).

<sup>34</sup> Maturana define cultura por: “uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.33)

<sup>35</sup> O termo Matrístico é usado por Maturana “para designar uma cultura na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado em uma cooperação não-hierárquica” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.25). Ele complementa que o termo Matriarcal estaria associado ao Patriarcal e, portanto, carregaria os mesmos valores hierárquicos deste último, somente diferenciado pelo fato de que a figura feminina estaria em lugar de soberania.

acordo e na co-inspiração. A fertilidade estava associada ao sentimento de abundância e harmonia dos processos cíclicos e nascimento e morte. A sexualidade e a procriação eram vividas a partir de atos de sensualidade e ternura. A espiritualidade era vivida a partir de uma compreensão da harmonia de toda a existência e no respeito do ciclo contínuo de vida e morte, de que neles não há superioridade ou subordinação, de que não há autoridades ou poderes. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.75-76).

Existem vestígios de culturas que tinham como base este tipo de valores na Europa pré-pastoril, mas ela foi aos poucos cedendo lugar a outros valores, que segundo o autor emergem a partir do pastoreio, ou da ideia de que o homem poderia intervir nos processos cíclicos da natureza. O choque entre as duas culturas fez com que gradualmente o emocional humano fosse transformado e perpetuado de geração em geração, a ponto de hoje ser quase hegemônico. Porém, “a cultura Matrística não foi completamente extinta: sobreviveu aqui e ali em bolsões culturais. Em especial, permaneceu oculta nas relações entre as mulheres e submersa na intimidade das interações mãe-filho até o momento em que a criança tem que entrar na vida adulta, na qual o patriarcado aparece em sua plenitude” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.77).

Observa-se hoje um novo processo de transformação do emocional humano que vem sendo reafirmado por uma conjunção de múltiplos fatores através da dinâmica inter-relacional da emoção e da razão, abrindo espaço para um novo linguajar. Estão sendo criadas novas redes de conversação que podem com o tempo, transformar nossa cultura. Não há espaço aqui para aprofundar na análise dos diversos fatores que comungam para este movimento, mas considero que pelo menos dois são evidentes. O primeiro está relacionado a clareza das transformações climáticas e de suas causas - que alertam para a falência do sistema de crenças baseados na dominação do homem sobre a natureza. O segundo se destaca como um movimento de união feminina, uma nova geração, filha do feminismo matriarcal, que vem questionando os valores instituídos e experimentando de forma mais profunda essa relação materno-infantil como qualidade de vida e interação humana. Estes dois focos de mudança parecem ter um ponto de alimento comum, que é a ampliação de uma espiritualidade mais ampla atrelada à necessidade de cuidado. Aprofundo então o olhar sobre esta força propulsora de transformação emocional e por consequência social que é a relação materno-infantil, já que este é o foco central da pesquisa.

### 3.3.2. Amar e brincar

É muito comum que uma mãe passe anos de sua vida tentando curar este ferimento, que na verdade foi causado por nós quando, desnecessariamente, interferimos em algo que, de tão simples, não parecia importante”. (WINNICOTT: 2006: p.11)

A atmosfera que existe em torno da relação mãe-bebê carrega em sua essência emoções ligadas ao mais alto grau de espiritualidade. Não se trata de algo produzido pelo homem, ou pelas interações sociais. Trata-se de um dado biológico: um ser gerado no interior do outro passa a existir. Parte do Nada para o Ser. As interações fisiológicas que acontecem no interior de uma mulher que gesta são regidas por uma ética ligada a vida. Uma criança que é fecundada e gestada com saúde dentro do corpo de uma mulher é o resultado de uma harmonia complexa e sutil que fez com que todas as células do corpo da mulher trabalhassem em conjunto para a criação deste novo ser. O corpo desta mulher que gesta passa a doar sua própria energia em forma de matéria para este novo ser. Gestar é um evento fisiológico regido por um movimento de doação, de entrega, de confiança. E o resultado deste movimento baseado na elementaridade harmônica entre todas as células do corpo que gesta é, na grande maioria das vezes, um outro corpo capaz de, através da continuidade dos cuidados, se tornar um ser integral. O que estou querendo dizer é que independentemente das ideias que uma sociedade alimenta com relação à gestação e criação de crianças, esta relação passa necessariamente por uma ética do cuidado, da biologia do amor, da espiritualidade do cuidado, porque se trata de um evento biológico em essência onde todo um organismo se move em sentido de um único objetivo. Todos os organismos fazem isso o tempo todo para a manutenção de sua própria vida, por exemplo, quando as células se mobilizam para debelar uma infecção. Porém, quando um organismo se mobiliza para criar um outro ser, o espírito de doação fica evidente. É com base na percepção deste amor fraterno e despojado que de maneira quase oculta, desde sua base celular, sustenta a relação entre mães e filhos é que inicio este último trecho da minha pesquisa.

O que nos faz seres humanos é nossa maneira particular de viver juntos com seres sociais na linguagem. E nessa maneira particular de coexistência que nos faz humanos, o amor é o fenômeno biológico que nos permite escapar da alienação antissocial criada por nós através de nossas racionalizações. É através da razão que justificamos a tirania, a destruição da natureza ou o abuso sobre outros seres humanos na defesa de nossas propriedades materiais ou ideológicas. Justificamos a tirania afirmando que os outros seres humanos deveriam obedecer nossos caprichos sobre a verdade ou a realidade, porque possuímos um acesso privilegiado a elas. É através da razão que justificamos a destruição da natureza subordinando-a aos nossos projetos, porque nós a possuímos. É através da razão que afirmamos que a vida humana deve ser subordinada a alguma finalidade transcendente. Mas o amor, o anseio biológico que nos faz aceitar a presença do outro ao nosso lado sem razão nos devolve à socialização e muda a referência de nossas racionalizações. A aceitação do

outro sem exigências é o inimigo da tirania e do abuso, porque abre um espaço para a cooperação. O amor é o inimigo da apropriação. (MATURANA: 1997, p.185-186)

Uma maternidade vivida espontaneamente em sintonia com esta energia do amor, quando a mãe se entrega a essa relação sem auto exigências ou compromisso com resultados, o fluir dessa interação contribui para que a criança se desenvolva de acordo com este paradigma Matrístico. O tom deste fluir é regido por uma aceitação mútua capaz de confirmar a existência da criança, ou de garantir a continuidade de existência, para umas palavras winnicotianas. O trabalho teórico e prático proposto por Gerda Vender-Zöller em conjunto com Humberto Maturana carrega em essência a mesma sabedoria proposta por Winnicott.

“Somos pessoas que acreditam... Acreditamos porque alguém nos proporcionou um bom início. Recebemos uma comunicação silenciosa, por um certo período de tempo, de que éramos amados, no sentido de que podíamos confiar na provisão ambiental, e, portanto, continuamos nosso crescimento e desenvolvimento” (WINNICOTT: 2011, P.143). Em outras palavras, a partir de um interagir de confiança mútua, que não passa pela capacidade intelectual e racional humana, que a relação entre a mãe o bebê vai aos poucos criando nele um emocional com base no tom fundamental desse cuidado. Para que este sentimento se perpetue na constituição desse novo ser, é preciso que as bases dessa relação sejam preservadas ao longo da primeira infância dele e seria maravilhoso se pudesse se expandir para as outras pessoas que se dedicam aos cuidados da criança, como o pai, a professora e a família extensa.

A gente tem que cumprir tantas coisas que deixamos de sentir o que temos que sentir. Desenvolver a capacidade de amar tem a ver com algo que se recebe, tem a ver com mãe mesmo, algo que eu não sei explicar, acho que é alguma coisa que a mãe passa que deu certo, a pessoa ficou com um dedinho para cima, assim (fez um sinal de “joia” com a mão), de contato, de poder ter contato com as coisas e poder desenvolver as defesas. Porque tem defesa nisso também. Porque por exemplo, na questão do parto, é um barato a pessoa querer passar por isso. Tem a coisa do Michel Odent falar de ocitocina<sup>36</sup>, é um hormônio que faz com que você cuide de si mesmo e do meio ambiente esse você não produz esse hormônio você fica com menos capacidade e tem tantas coisas envolvidas, como colocar uma ocitocina sintética e às vezes a pessoa passa por um trabalho de parto cheio de intervenções e depois o desaguar desse bebê na vida continua sendo com outra referência, a referência do sistema, voltar a trabalhar com quatro meses... é meio confuso isso. Antes de estar grávida eu achava que era só nessa tônica do “vamos desenvolver o parto, o sentir, o passar pela experiência”, mas agora eu percebo que é um contínuo, né? Como é suportar o bebê grudado depois que ele nasce? Acho que é parte disso também, viver esse encontro com o bebê querendo mamar em você,

<sup>36</sup> Ocitocina ou oxitocina é um hormônio produzido pelo hipotálamo e armazenado(a) na Neuro-hipófise posterior (Neurohipófise), que tem a função de promover as contrações musculares [uterinas](#) e reduzir o sangramento durante o parto, para estimular a liberação do [leite](#) materno, para desenvolver apego e empatia entre pessoas, para produzir parte do prazer do orgasmo, mas que também produz medo do desconhecido. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ocitocina>. Acesso: 30 de janeiro de 2015.

precisando de você e passar por todos esses estágios que a maternagem te coloca. Acho que a gestação é só o início e o desenvolvimento da capacidade de amar passa pelo contínuo do cuidado de si e do outro. (KY-CP)

O que se percebe hoje é que, de maneira geral, as bases de interação social estão pautadas em relações de que podem ser ditas de consumo. As crianças já são recebidas dentro dessa dinâmica quando nem mesmo a hora do parto é respeitada, quando é exigido das mulheres que voltem a trabalhar o mais rápido possível, quando crianças são matriculadas em escolas de horário integral que aceleram o processo de aprendizado forçando um amadurecimento precoce, quando têm todo o período livre tomado por atividades extra classe como ballet, futebol, inglês, kumon, etc. Em última instância, o que nossa sociedade faz hoje é privar as crianças dessa interação livre e espontânea, de confiança mútua com suas próprias famílias. As crianças são privadas de simplesmente brincar, de serem crianças. Este tipo de prática pode trazer consequências graves para o desenvolvimento da consciência individual e social dos pequenos e influenciam diretamente no emocional que vai fundamentar as conversações deste indivíduo no futuro.

Estar com alguém, numa atividade com um propósito definido, pode ocorrer como um processo no qual os participantes prestam atenção ao processo em si mesmo, ou como uma dinâmica na qual os participantes só atentam para os resultados esperados. No primeiro caso, os resultados finais desaparecem do processo e este é vivido como um presente em contínua transformação. Na segunda circunstância, o presente desaparece e tudo o que se vê são os resultados esperados (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.131)

Faz-se urgente, então sensibilizar as mães, as famílias e por consequência, a sociedade, sobre a importância de que este tempo de interação e entrega mútua entre mãe e filho no brincar seja preservado, estimulado, garantido. Esta qualidade de interação acontece nos momentos mais simples, nos cuidados mais básicos, em encontros despretensiosos e geralmente estão associados ao contato físico, envolvem os sentidos, pele a pele, olho a olho.

Eu vivo praticamente só com a L. e temos muitos momentos deliciosos e divertidos e claro, alguns bem difíceis também. Mas me veio à cabeça um dia em que estávamos na piscina juntas, sozinhas. Era um dia maravilhoso, um sol lindo, um céu azul tremendo e olhávamos a natureza em volta. Eu comecei a agradecer a Deus a oportunidade de estar ali, rodeada de tudo aquilo, com pessoas queridas. Parece que a L. sentia a mesma coisa. Primeiro ela me deu um beijo borboleta, depois de esquilo e depois de peixinho (como sempre fazemos, com muito barulho), mas dessa vez foi silenciosa e calmamente, bem tranquila, e não parou por aí. Ela manteve a boquinha colada na minha, as mãos segurando minha cabeça, nosso rosto colado e então eu dancei e dancei com ela grudada em mim e olhava para o céu e para tudo aquilo, mas só via eu e ela, como se fôssemos a mesma coisa! Foi a sensação mais forte que já vivenciei com ela depois do parto. Nossa conexão foi intensa, nossa troca de olhares, de energia. Foi tão forte que me emociono só de lembrar. (D. 01/2015)

Encontros de dois que de repente se sentem como um. Isto confirma a existência dos dois. Um momento vivido no presente e como presente, que se expande. Momentos que revelam

pequenos rituais dessa relação, como um toque especial, um jeito de chamar, particularidades que acontecem somente em profunda intimidade, confiança e serenidade. Não pode haver pressa, trata-se de um outro tempo, mas às vezes um segundo vira infinito, como diz o Coelho de Alice no País das Maravilhas. Esta questão do tempo e da serenidade dos cuidados se mostra importante. São momentos onde o fazer automático dá lugar à comunhão. Podem ser diários ou efêmeros.

Eu gosto quando o R. acorda de manhã, se senta, vem até minhas pernas e se joga. Fica lá parado olhando para mim. Eu não me mexo para o momento durar mais e ficamos mais alguns segundos quietinhos, um olhando para o outro, acabamos rindo... também gosto de ficar observando ele brincar... acho que essas quietudes me tiram do automático. (D. 01/2015)

Existem alguns cuidados que a vida expressa das grandes cidades tem qualificado como desimportantes e acabamos desenvolvendo mecanismos que solucionam problemas sem passar pelo contato físico. Uma mãe deu um depoimento que se remete a essa discussão. Quando a tecnologia e medicamentos acabam diminuindo a possibilidade deste contato.

Esses dias, M. teve uma infestação de piolhos e eu decidi não usar veneno e ir catando até acabar... Catando as lêndeas, eu ia tocando a cabecinha dela, sentindo cada curva, cada pedacinho com a ponta dos dedos, cheirava o cabelo, via os fios dourados contra a luz do Sol... e imediatamente me veio a lembrança tátil da cabeça dela dentro de mim, saindo e o cheirinho rápido de pouco vérnix<sup>37</sup> que eu senti dela ao nascer... foi tão lindo que chorei. (D. 12/2014)

A potência que se revela após uma mãe decidir prestar cuidados amorosos a uma criança com piolhos fez pensar sobre a quantidade de carinhos que foram desperdiçados com o advento dos remédios para matar e controlar as infestações. Em todos os carinhos desperdiçados com o advento dos antitérmicos que desobrigam as mães e os pais de vigiar a febre fazendo compressa de álcool nas articulações para controlar a temperatura. Fez pensar nos bolos que deixaram de ser batidos à mão. Fez pensar a quantidade de memórias afetivas que não serão criadas por essa geração moderna de crianças conectadas mais na televisão, na internet, nos joguinhos, etc. do que em interações afetivo-sociais.

Quando uma mãe que faz algo com seus filhos está atenta aos resultados do que está sendo feito, ela na verdade não os vê, não está com eles no presente da intimidade corporal se seu fazer comum... quando essa situação persiste no cotidiano de suas relações com seus filhos, estes se tornam sistematicamente invisíveis para ela. As crianças não vivem seus corpos como

<sup>37</sup> O vérnix é um material gorduroso branco, formado pelo acúmulo de secreção das glândulas sebáceas e inclui células epiteliais e lanugem, recobrendo a pele ao nascimento. In: <http://www.pediatrabrasil.com.br/2010/08/vernix-caseosa.html>. Acesso: 30 de Janeiro de 2015.

válidos na relação, e não tem modos de aprender sua corporalidade como constitutiva de sua identidade no que fazem. Em consequência, não têm possibilidade de crescer em autoconsciência nem de desenvolver respeito por si mesma (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER: 2004, p.137).

## **Considerações**

Neste capítulo buscamos a percepção de uma espiritualidade que permeia as relações entre todos os seres. Espiritualidade está que se encontra presente em todas as religiões, mas que também pode ser vivida de modo particular por pessoas comuns mesmo que sua prática não esteja inserida dentro de uma denominação específica. Percorremos o caminho desta espiritualidade presente no cotidiano, nos eventos simples, mas também nos momentos de crise de nossas vidas. Afirmamos que uma percepção conectada com o lado espiritual da vida pode ajudar as pessoas a superar estas crises, pode fortalece-las de maneira profunda, criando uma identidade nítida e ao mesmo tempo um sentimento fecundo de pertencimento ao todo da existência. Esta espiritualidade pode ser traduzida em ação pelas práticas de cuidado que no humano ganham um contorno especial, pois é a partir dele que o próprio ser, o humano do ser, se constitui. O cuidado dá ao ser humano a possibilidade de um agir integrado, atento, e em comunhão com o outro. Abrindo espaço para uma busca interior de autodesenvolvimento quando confrontado com as angústias da existência.

Com base nesta percepção ampla do interagir da vida, tanto orgânica como socialmente, chegamos a premissa de que é o amor o fundamento primeiro que faz de todos os seres, irmãos que coabitam a grande cadeia da vida sustentada pela Terra. Neste contexto, os homens e mulheres seriam, então, a porção consciente deste grande organismo vivo e deveria desenvolver em si um profundo senso de responsabilidade perante toda esta grandiosidade. Desconstruindo ideias atreladas à dominação, competição, soberania, para podermos coabitar em busca de harmonia e abundância.

A relação materno-infantil foi colocada como o lugar onde uma qualidade de relação mais conectada com as sabedorias primeiras, ligadas ao sagrado e ao mistério, ainda se encontram preservadas, ou podem ser facilmente resgatadas. O momento da gestação e o interagir de uma mãe com seu filho colocam em evidência essa potencialidade do encontro com a espiritualidade. Basta que se perceba e que se apoie a revolução sutil que está em curso em cada gestação, em cada contato atento, em cada olho no olho. Basta que saiamos dos automatismos diários, seja por poucos momentos, para que algo grandioso se apresente. O interagir com crianças pode ser sempre um convite a um encontro pleno de afeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da espiritualidade do cuidado, pode agregar um novo elemento à área das Ciências da Religião. Este novo conceito contribui para uma compreensão inovadora de ser humano e de qual pode ser nosso legado à Terra. Oferece a possibilidade de se perceber as ligações entre o homem e o mistério sem que ela seja necessariamente enquadrada dentro de uma denominação religiosa específica. Pois, nomear uma crença, pode caracterizar uma fronteira que instaura a diferença, a segregação. É possível transcender as barreiras impostas por nomes ou rituais quando se percebe a diversidade religiosa atrelada a biodiversidade da vida. Busca-se então evidenciar que o há de comum em nós, como seres vivos: nosso status de dependência mútua e pertencimento a algo maior. Todos nascemos, todos participamos desse mistério, mesmo que não nos lembremos. A maior consciência sobre esse momento tão repleto de revelações pode levar a olhar nossa comum humanidade com mais cuidado. Precisamos penetrar em todos os matizes deste mistério revelador. Precisamos de todos os seres que habitam o planeta, nesse tempo de história desafiadora da civilização humana.

Leonardo Boff com a apresentação de uma perspectiva ampla de espiritualidade inspirou as reflexões sobre o momento único, sublime e definidor: o nascimento. O espírito faz parte da totalidade e seria a parcela mais complexa do universo, responsável por criar ordens mais sofisticadas até chegar à consciência e com o humano, na autoconsciência. Autoconsciência seria então a capacidade de perceber e vivenciar o espírito em si mesmo. A trajetória humana seguiu o sentido de exacerbar o valor da razão sobre todas as outras dimensões. Passou a explicar e abandonou o espaço do sentir, do permitir, do deixar revelar. O homem e a mulher passaram a tratar o nascimento não mais como autores do fato, mas como coadjuvantes, deixando que a tecnologia dirija seus passos. Vivemos tempos de banalização da vida, uma crise de valores, privilégio da busca de lucro fácil e rápido, do domínio de poucos sobre muitos. Na situação do nascimento todas essas características estão presentes além da complexidade tecnológica levar para os pais, especialmente para a mãe, a ideia de complexidade do parto, e assim ele foi deixando de ser visto como algo natural. Esquecemos que o corpo da mulher sabe parir e que o bebê sabe nascer. As interferências deveriam ocorrer, caso necessário, em situações de crise. A mãe e o bebê, os autores do evento, o motivo da experiência, passaram a ser meros objetos do momento que não é mais considerado mágico. Os modelos de consumo interferem em como nascer, e o momento acaba por perder seu significado. Porém, parece que

a humanidade chegou à beira de um abismo que não pode ser mais transposto com os valores que regem a sociedade atual. O resgate da dimensão espiritual em nosso cotidiano é urgente. A força da natureza frente a nossos atos está cada vez mais evidente. Precisamos agir, conectados à vida, a espiritualidade de base que guarda ritos, orações e dogmas. É preciso que novos modos de ver, agir e interagir passem a imperar, pois, “a fase planetária da humanidade exige um discurso ético que se funde em algo realmente universal e que se encontre presente em cada uma e em todas as pessoas. É a condição de sua validade universal e de estar em sintonia com a própria natureza da planetização”. (BOFF: 2012, p.113). Segundo este autor, o que há de comum em todos os seres vivos, o que une os humanos como espécie, o que fundamenta o humano na humanidade, é o cuidado. Foi com base neste sentimento que essa dissertação se concretizou.

No primeiro capítulo a ideia do milagre do nascimento foi trabalhada, descrita e reverenciada. Fecundação, gestação, parto. O primeiro encontro entre mãe e filho é visto como um momento que pode ser revelado como grande potência para o contato com a espiritualidade. Apesar disso, a dupla mãe-bebê está sendo impedida de vivenciar esse momento. Os valores que embasam a sociedade moderna, os hospitais, a medicina e toda a assistência ao nascimento, podem ser cruéis. O intuito dessa pesquisa foi sensibilizar a todos que participam dessa experiência para a necessidade de um olhar embevecido de cuidado sobre o momento do nascimento e a continuidade de cuidado com a criança. Pois é a partir do cuidado devoto da mãe que se desenvolve a capacidade de crer na criança. Assim ela se desenvolve um adulto capaz de se emocionar e se enternecer com as alegrias e dores alheias. Quando se cuida de uma criança se deixa sementes que brotarão no futuro. Gerando novos bebês e novas mães estamos de certa forma semeando o futuro. É preciso plantar delicadeza e criar uma nova oportunidade de olhar nosso planeta e sua diversidade. Gentileza gera gentileza, já dizia o profeta. Cuidar, na nascente da vida, nos inspira a cuidar da vida.

O segundo capítulo foi dedicado a ouvir com cuidado o que sentem os participantes do ritual de nascimento. Os cuidadores. Primeiramente pais e mães que se entregam a magnífica aventura de conceber, gestar, parir e criar um outro ser. Que decidem cuidar para toda a vida, e que recebem como presente a oportunidade de se reinventar. De poder amadurecer através da disponibilidade de se entregar a essa relação que evidencia a qualidade humana de dependência, fragilidade e pertencimento à magia da vida. Ouvir esses pais nos reafirmou como o momento do nascimento é transformador e inspirador para uma vida onde o cuidado tenha espaço para se exercitar. Em seguida, foi dedicada uma atenção aos cuidadores que escolheram o cuidado como

forma de trabalho. Ouvir como chegaram a essas escolhas, o que alimentou e alimenta seu interesse por cuidar. Procuramos saber também como participam desses eventos, como percebem o momento, como levam essas experiências para suas emoções e espiritualidade. Como ao longo do tempo, com a chegada da sociedade que tem pressa, onde o consumo domina, lidam com o desejo de cuidar e o que incomoda o cuidador. Clareamos as forças e valores sociais que atuam sobre a formação de cada profissão cuidadora do evento do nascimento. Também apontamos para a urgência de mudanças de um modelo de assistência pautado em um ideal econômico, que privilegia a técnica, a rapidez, a objetividade e faz do evento do parto um acontecimento árido, sem espaço para respirar, para o silêncio, para o encontro. Um modelo às vezes aterrorizante. Por outro lado, foram apontadas soluções ligadas a se aliar o desenvolvimento tecnológico com uma atmosfera de respeito e cuidado, não só a singularidade psicológica e espiritual de cada nascimento, mas principalmente um cuidado em se preservar a fisiologia natural do nascimento. Uma das soluções apontadas foi o surgimento da figura da doula no cenário obstétrico. A doula, essa nova profissional, vem ocupando a função de estabelecer uma ponte entre o masculino e o feminino puros, entre a mãe e o pai, entre os pais e os médicos, entre os médicos e enfermeiras. Ela é, pode ser, o elemento de intercessão capaz de fazer uma síntese que instaure uma nova maneira de cuidar do nascimento. Respeitar o momento e ajudar quando possa ser necessário a medicina interferir.

No terceiro capítulo procurou-se clarear melhor o conceito de espiritualidade que está sendo usado e que permeia toda a dissertação. Esta espiritualidade que nos faz vivenciar o que há de comum no humano. Num segundo momento o cuidado foi acrescido a espiritualidade, à essência do humano. Para finalizar o amor é situado como a emoção de base da humanidade, que possibilitou o surgimento da cooperação entre as pessoas que culminou na linguagem. Marcadamente, toda a ação humana está pautada em um emocional que qualifica sua ação. Este fundo, que qualifica o interagir pode ser chamado de cuidado, de amor ou de confiança, pois a essência dessas três palavras parece ser bem semelhante. É este ponto especial que habita o coração humano que nos faz plenos.

Winnicott nomeia esta característica do humano de a capacidade de desenvolver um senso de self. Leonardo Boff fala de espírito. Heidegger chamaria de experimentar o Ser. E todos estes autores ressaltam que, em última instância, estar consciente da vida em nós acompanha o fato de nos tornarmos conscientes também de nossa finitude. E aí está o grande paradoxo: vida e morte. A presente pesquisa de dedicou a investigar o início, a chegada da vida, mas dela a finitude, ou o medo do fim, se avizinha. Este seria um belo ponto de aprofundamento

futuro: o paradoxo inerente ao humano. O ser que liga dois pontos de vazio e por vezes se conscientiza disso, e quando isso ocorre, encontra o mistério aterrorizante da não resposta. Da indagação perene.

Pode ser que a pergunta ela mesma tenha encontrado sua resposta no ser para o final. Somente a morte é, no entanto, o único 'final' do Dasein e, formalmente tomado, é só um dos termos finais abrangendo a totalidade do Dasein. O outro 'final' é o 'começo', o 'nascimento'. Só o ente sendo 'entre' o nascimento e a morte exhibe o todo buscado. Pelo que, a orientação dada à analítica até agora, não obstante toda a tendência para o ser-um-todo existente e, apesar da genuína explicação do ser para a morte próprio e impróprio, permanece 'unilateral'. O Dasein foi posto como tema somente enquanto existe como que 'para adiante', deixando todo sido 'atrás de si'. Não somente deixou de ser considerado o ser-para-o-começo, mas sobretudo não se considerou a extensão do Dasein entre nascimento e morte. Precisamente, a análise do ser-um-todo omitiu o 'encadeamento da vida' na qual o Dasein de algum modo se mantém constantemente. (HEIDEGGER: 2012, P.1011)

Heidegger deixa em aberto a questão do ser para o começo, mas destaca sua pertinência e importância para uma compreensão do ser do todo. O homem precisa primeiro existir para depois ser. Quando o homem percebe a existência ele já é. O trabalho proposto aqui foi humildemente circunscrever o âmbito da espiritualidade do cuidado ao universo do início, da relação inicial, primordial, entre uma mãe e seu bebê. Foi possível perceber que nessa relação de mútua dependência e pertencimento se baseia o desenvolvimento da consciência humana desde a infância, desde os momentos mais iniciais. Assim como o amor, atrelado a ideia de cuidado e dedicação. O embrião da saúde psíquica e das relações entre os homens está na potencialidade de se desenvolver a capacidade de crer e de se maravilhar em cada ser humano. Todos nascem e passam por esse momento especial, carregado de espiritualidade, que é o nascimento, e posteriormente vivenciam a relação essencial mãe-bebê. O que está no macrocosmo se repete no micro e vice-versa. Mas se, quando o ser se percebe na existência é porque ele já existia, pode-se indagar o que existia antes e como essa pré-existência marca, constitui, qualifica a existência. Estes são caminhos possíveis para serem percorridos em uma pesquisa futura. Aqui apenas uma pequena parte do véu que cobre este profundo questionamento filosófico foi levantado. Trouxe mais questionamentos que respostas. Porém foi possível tocar no fato de que o processo do nascimento dialoga com a morte: do ponto de vista do bebê, que cruza a porta estreita que separa os mundos, de dentro e de fora, portanto morre para a vida que tinha antes de nascer. Nasce porque passa a existir em um lugar onde não existia antes; como do ponto de vista da mulher que gesta um outro ser e se dispõe a ter seu corpo revirado do avesso para dar a existência a ele e se dispõe a entender para sempre o conceito do cuidar. Esse processo é tão revolucionário que uma parte dessa mãe morre e renasce a partir da relação que passa a ser construída; mas também com relação aos profissionais que

lidam com o processo do nascimento e parto e que se veem dialogando constantemente com a morte, ou com o medo dela, e impactados pelo mistério da vida. O fato é que nascimento e morte andam de mãos dadas em nossa cultura, em nosso emocionar, em nossas conversações. E neste contexto, parece, que uma saída para a angústia gerada pelo medo da morte é o resgate da dimensão cósmica do humano, do início da vida e de suas relações.

Para o homem não-religioso [e não espiritualizado] das sociedades modernas, é difícil apreender essa dimensão *cósmica* e ao mesmo tempo *sagrada* da união conjugal. Mas, como já dissemos várias vezes, não se pode esquecer que, para o homem religioso das sociedades arcaicas, o mundo se apresenta carregado de mensagens. Por vezes, essas mensagens são cifradas, mas os mitos estão lá para ajudar os homens a decifrá-las. [...] a experiência humana, na sua totalidade, é suscetível de ser igualada à vida cósmica e, conseqüentemente, de ser santificada, pois o Cosmos é a suprema criação dos deuses. (ELIADE:2001, p.122)

Esta citação de Eliade aponta para um outro possível caminho de aprofundamento da questão do nascimento como um evento que instaura o início da história do próprio emocionar daquele indivíduo que chegou ao mundo e como ele foi influenciado pelas histórias emocionais das pessoas que cuidaram dele. Foi feita uma pergunta para os profissionais entrevistados nesta pesquisa que não pode ser incluída aqui por conta das limitações que uma dissertação de mestrado impunha, mas que se pretende que seja desenvolvida no doutorado. Os entrevistados responderam como se deu o seu próprio nascimento. As respostas foram impressionantes. Todos comentaram seu próprio nascimento, contado por outros, e foi possível perceber grande propósito de superação permeando as histórias. Ficou evidente a importância desse momento da chegada para cada um e a força da vida que brota e quer continuar viva. Não temos memória consciente do momento de nosso nascimento, apenas estávamos chegando nesse mundo. Mas, o interessante é que as nossas histórias de nascimento nos são contadas por nossas mães ou por outras pessoas que a viveram. Gostamos de perguntar, gostamos que nos recordem muitas vezes durante nossas vidas e nossas mães, especialmente, não se cansam de contar. Cada história é uma história, trazendo revelações de como estavam os nossos cuidadores naquele momento de magia. A nossa falta absoluta de memória faz com que acreditemos nesses relatos. Pode estar aí um fio que ajude a tecer a capacidade de crer de uma criança. A vida dela mesma é contada pela voz de alguém. Este fio que conta a história de como chegamos nos constitui como sujeitos, como seres, cria o tapete sobre o qual vamos percorrer a vida. É preciso que as pessoas que contam as histórias tenham consciência da importância desses relatos e da delicadeza no tom de suas vozes. O caminho percorrido nesta pesquisa foi o de aprofundamento da consciência espiritual de profissionais de saúde. Refletindo sobre suas chegadas nesse mundo podem se surpreender sobre a importância das relações primordiais do binômio mãe-

bebê, que se revela como uma forma potente de instaurar uma nova rede de laços. Ouvir a sua história pode ser transformador do agir ao ser cuidador hoje.

A esperança é que investindo em alianças afetivas o ser humano de maneira geral passe a estabelecer atitudes de cuidado consigo mesmo, com seus companheiros de espécie, bem como com os outros seres da biosfera. Ressaltamos que para isso, é preciso que a peculiaridade de cada mulher e de cada bebê, neste início de relacionamento, seja respeitada. É preciso que esta unidade mãe-bebê seja preservada e até mesmo incentivada. É necessário que a totalidade da experiência do nascer e do crescer desta criança seja levada em consideração antes que se decida intervir nesse processo que de tão natural parece mágico. Não existe a forma exemplar de parir um bebê. Não existe uma maneira correta e única de criar uma criança. As possibilidades são múltiplas, assim como são múltiplos os mistérios, assim como são incontáveis os nomes de Deus. O contato com o outro, a disponibilidade para se deixar habitar por ele, é uma forma de descobrir essa dimensão novidadeira e inédita de seu mistério.

Mas “Ninguém poderia dizer que a palavra ‘saúde’ é sinônimo da palavra ‘fácil’.” (WINNICOTT: 2011, P.8). Ainda há muito a ser feito em busca de um pleno existir. Uma vida de equilíbrio entre o eu e o outro, respeitando e sendo respeitado, exige atenção e trabalhos constantes.

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência, ou autonomia (WINNICOTT: 2011, P.10. *Itálico do original*).

Talvez o humano esteja agora saindo de um grande período de adolescência global, quando de repente se dá conta de que o universo é muito maior do que sua percepção pode alcançar, mas que, ao mesmo tempo, se dá conta do tamanho de sua responsabilidade com o todo. Talvez homens e mulheres, espalhados pelo mundo, estejam agora marchando rumo a sua autonomia. Pois “o objetivo dos cuidados maternos não está limitado ao estabelecimento de saúde na criança, mas inclui o fomento de condições para a experiência mais rica possível, com resultados de longo prazo na profundidade e valor crescentes do caráter e da personalidade do indivíduo.” (WINNICOTT:2013, p.63). Talvez esta autonomia deixe de ser vinculada a ideia de individualidade, como se alguém pudesse ser salvo de forma isolada. As soluções, a saúde, e a felicidade no humano estão no coletivo. Estão no preenchimento que a proximidade do afeto traz. Esse afeto, em falta nos relacionamentos atuais cada vez mais fluídos e impermanentes. Estamos dedicando vez com menos cuidado ao trabalho, à família, aos animais, e todos os

outros seres vivos. As recentes criações humanas que nos conectam em tempo real, a velocidade das comunicações, não são exitosas, muitas vezes nos colocam no isolamento. O vazio que parece vir de fora, vem de dentro. Temos um fazer compulsivo e assim também tem sido a preparação para o nascimento. O mercado nos estimula a querer mais, comprar mais. Precisamos de outro tipo de alimento, nutrir nossa essência. Deixar nossos abusos por drogas, bebidas alcólicas, e o próprio uso obsessivo de tecnologia. Resgatar esse cuidado ali no início da vida, passa a ser um convite à transformação essencial.

Com a certeza de que a presente pesquisa não esgota o tema investigado, pelo contrário, espero que este trabalho apenas o inaugure dentro do departamento de Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora as pesquisas sobre o viés da espiritualidade compreendida de forma ampla e suas múltiplas intercessões disciplinares. Seria maravilhoso que depois desta, viessem muitas outras propostas de aprofundamento e expansão da temática para outros campos. Pois o tema é vasto e cativante, além de muito atual diante da evidência de uma crise sem precedentes na humanidade, uma crise ética, econômica, social, ambiental, prementemente espiritual, que parece exigir um novo nível de consciência da humanidade. A compreensão do todo, que entra em movimento para o nascimento de um ser, pode inspirar muitos para uma nova trajetória. A redescoberta do amor está escondida na espiritualidade do cuidado e talvez Pierre Teilhard de Chardin tenha razão: “Algum dia, quando tivermos dominado os ventos, as ondas, as marés e a gravidade... utilizaremos as energias do amor. Então, pela segunda vez na história do mundo, o homem descobrirá o fogo.” (1974, p. 77).

O espaço para o mais amor nos é oferecido no momento que a vida floresce, nessa experiência mística que está sendo transformada pelos frios eventos médicos. A partir da conquista de maior respeito a esse momento de experiência mística da realidade, nasce a possibilidade de transformação. Considero que o ponto novidadeiro da minha pesquisa pode ser sintetizado em palavras como comunhão, mutua dependência e pertencimento. Este é um dado que não estava em minha consciência antes do início do trabalho. Ele foi ganhando força ao longo das leituras e espero que tenha sido minimamente abarcado aqui. Finalizo este percurso profundamente transformada.

Eu não sei bem a resposta  
Da pergunta que fazia  
Se não vale mais saltar  
Fora da ponte e da vida;  
Nem conheço essa resposta  
Se quer mesmo que lhe diga;

É difícil defender  
Só com palavras, a vida,  
Ainda mais quando ela é  
Esta que se vê, Severina;  
Mas se responder não pude  
À pergunta que fazia,  
Ela, a vida, a respondeu  
Com sua presença viva  
(MELO NETO: 2007, 132)

## **ANEXO**

### **Um breve resumo da História do Movimento pela Humanização do Parto no Brasil**

Abro aqui um parêntese para fazer um breve resumo da história do movimento da humanização do parto no Brasil. Sinto essa necessidade por considerar que ela carrega elementos muito próprios do nosso tempo e está relacionada a uma busca por uma conexão maior com nossa natureza física e com uma nova proposta de convivência social mais equilibrada e fraterna. Sinto que está diretamente atrelada a uma proposta de reintegrar o aspecto do cuidado à vida e ao universo dos sistemas de saúde.

A chegada da cultura da doula no Brasil é marcada pela história de mulheres, usuárias do sistema de saúde, que movidas por uma intuição cultivavam a crença de que parir era uma coisa natural e foram atrás de seu sonho. Em 1978, Fadyinha (um apelido carinhoso de Maria de Lourdes da Silva Teixeira) dá à luz à sua primeira filha de parto normal, em uma comunidade hippie na cidade do Rio de Janeiro. Ela é uma professora de Yoga e desenvolveu o primeiro método de yoga para gestantes do Brasil. De lá para cá, esta pioneira, passou a receber mulheres de todas as partes da cidade que vinham em busca de seus conhecimentos. Aos poucos ela começou a participar dos partos como uma acompanhante que cuidava dos aspectos emocionais, e ajudava às mulheres a lidar com as dores das contrações com exercícios de Yoga e terapias naturais, geralmente indianas. A palavra doula só é introduzida no cenário obstétrico no início da década de 90, quando o médico Fernando Estellita Lins disse: “Fadyinha, você é uma Doula!” (FADYNHA, 2003, p. 12). Em paralelo já acontecia o embrião de um movimento de profissionais, médicos obstetras, enfermeiros e pediatras, que procuravam rever suas

condutas intervencionistas. Em 1993 nasce a REHUNA – Rede Nacional pela Humanização do Nascimento, quando o Brasil já era líder mundial em números de cesarianas. Em 1995 começam a se fortalecer os *Encontros (anuais) de Gestação e Parto Conscientes* no Rio de Janeiro e o movimento foi ano a ano ganhando a adesão de profissionais de todo o Brasil. Em 1999 o Ministério da Saúde publicou as primeiras pesquisas científicas que se mostravam a favor da presença das Doulas no cenário obstétrico, bem como a importância do parto normal. Em 1999 Fadyinha cria na internet uma lista de discussão chamada Parto Normal que passa a ser um local de encontro virtual de mulheres em busca de informações sobre seus corpos e principalmente sobre os direitos de escolhas. Em 2000 aconteceu a *Conferência Internacional do Parto* em Fortaleza de onde saiu uma carta aberta para a sociedade. Este documento traça as diretrizes éticas que deveriam passar a imperar no âmbito dos cuidados com o nascimento para o novo milênio. Eles já falavam do direito à presença de um acompanhante e já recomendavam que profissionais deveriam ouvir as mulheres para perceber quais são as reais necessidades delas.

A mulher tem direito a uma assistência que lhe garanta e a sua família não apenas segurança, como também a possibilidade de viver o momento do nascimento como um acontecimento social e cultural, com respeito a sua privacidade (FADYNHA, 2003, p.196).

Essa premissa abre caminho para uma nova compreensão do evento do parto que hoje é uma das bandeiras mais levantadas pelas mulheres em busca do direito de parir. A função dos profissionais que assistem ao parto não é só garantir que bebê e mãe cheguem vivos ao final da gestação. A principal missão deveria ser, para além da segurança, garantir que esta mulher e este bebê tenham uma experiência emocionalmente engrandecedora para suas vidas. Em 2001 acontece o 1º Encontro Nacional de Doulas, no Rio de Janeiro.

Com a ajuda da internet, e da aliança entre profissionais e usuárias, o movimento explodiu. Durante os últimos anos muitas mulheres brasileiras foram às ruas protestar pelo direito de escolher a maneira como queriam parir seus filhos. Mais especificamente estas mulheres que foram às ruas protestavam pelo direito de parir seus filhos de forma respeitosa e cuidadosa, denunciando aos desavisados do Brasil a violência a que são expostas a grande maioria das mulheres que dão à luz em hospitais, tanto particulares como públicos. Violência de tal forma instituída e legitimada pela área médica e pelo senso comum que muitos não se dão conta e aceitam seu destino nutrindo algum tipo de agradecimento por não ter acontecido algo pior. Com o tempo foram surgindo na internet relatos e vídeos, as mulheres tomaram as rédeas de suas vidas e começaram a contar umas com as outras. Começaram a se apoiar, começaram a denunciar. Algumas histórias são inspiradoras, porém, outras são de profunda

violência. São relatos de equipes que no mínimo tentam enquadrar um evento fisiológico, único por excelência e por isso também psicológico e cultural, em uma lógica mecânica “do quanto mais rápido melhor”. Acelerando o processo do parto com o uso de hormônios e cortes na vagina, ou de cesarianas feitas antes da mãe entrar em trabalho de parto sem informar estas famílias dos possíveis riscos desse tipo de procedimentos. No máximo, os relatos falam de práticas explícitas de violência psicológica, física ou de negligência: mulheres amarradas, gritando de dor e terror, sem informação, sozinhas, nuas em salas geladas, nenhuma privacidade, homens desconhecidos subindo em cima de suas barrigas para empurrar o bebê para fora. São cenas de tortura que para muitas perpetuam a sensação íntima de menos valia e incompetência, dificultando assim o início da relação mãe-bebê e causando muitas vezes danos irreversíveis. Porém, em outras mulheres vivências violentas durante a gestação e o parto/nascimento provocam revolta. É dessas mulheres que quero falar.

Apesar de ter denominado o sentimento destas mulheres de revolta, na prática o que vem acontecendo é um enorme movimento sutil e integrado em direção à vivência de uma cultura de paz. Este movimento de mulheres em rede deflagra uma profunda revolução interna acontecendo em diferentes contextos sociais e econômicos que acaba por questionar valores sociais ligados ao Feminismo e ao feminino. Leva a um aprofundamento vivencial do atual paradigma ecológico que começa a imperar no senso comum transformando crenças e hábitos em todo o mundo. O maior sintoma desta transformação sutil é que ao longo dos anos muitas dessas mulheres acabam decidindo se tornar doulas. Algumas porque tiveram seus direitos aviltados e decidiram se entregar à missão de evitar que isso aconteça com outras mulheres. Outras porque viveram momentos tão sublimes que decidiram se dedicar a proporcioná-los às suas “irmãs”. De qualquer maneira esta escolha nasce de um sentimento que está mesmo no cerne do nome dado à função: o desejo de servir. As primeiras doulas se dedicavam de maneira não remunerada, mas aos poucos a coisa foi ganhando status de profissão. Foram surgindo cursos, foi se instituindo um saber característico delas. Essa ajuda passou a ser extremamente valorizada pelas próprias mulheres que recebem seus cuidados e as doulas começaram a receber por seus serviços. Embora ainda hoje haja voluntárias, muitas mulheres sustentam suas famílias com este ofício.

O movimento da humanização, ainda é fundamentalmente luta de classes profissionais. Médicos e Enfermeiras brigando pelo mercado do parto. Mas o movimento das mulheres e das Doulas, usuárias dos serviços de saúde, unidas em rede pela internet, me parece o terreno fértil para que um outro emocionar frutifique.

Nos últimos anos, os Conselhos de Medicina, em especial o do Rio de Janeiro, CREMERJ, vem tentando enfraquecer o movimento da Humanização do Parto e Nascimento. No início eles investiram contra as Casas de Parto (tidas como símbolo do parto não medicalizado) e tentaram fechá-las. De fato acabamos perdendo a Casa de Parto de Juiz de Fora, mas conseguimos manter em funcionamento as do Rio de Janeiro e Sapopemba, São Paulo. Enquanto isso, ou talvez por conta disso, as informações sobre os processos fisiológicos do parto e as denúncias de abusos médicos foram correndo. Nós nos articulamos, criamos ONGs, cursos de formação profissional. Reunimo-nos em congressos... O movimento pelo Parto Domiciliar foi crescendo, bem como os partos fisiológicos em hospitais de todo o Brasil. O número de partos domiciliares no Rio de Janeiro cresceu 400% nos últimos dez anos. Continuam sendo em número irrisório se comparados ao número de cesarianas eletivas, mas a estatística assusta e passou a incomodar. Em 2011, Marcos Dias, obstetra carioca, professor da Fio Cruz consultor do Ministério da Saúde durante anos, foi processado pelo CREMERJ por se declarar a favor das Casas de Parto. No início de 2012, Jorge Kuhn, obstetra paulista, foi processado pela mesma entidade por se declarar a favor de partos domiciliares. Entendam, eles somente se declararam a favor e apontaram para evidências científicas que endossam suas opiniões, porém fizeram isto publicamente. Após a investida contra Jorge Kuhn, o movimento de mulheres ganhou uma força nova de dimensão nacional. Mulheres desconhecidas se pronunciaram, contaram suas histórias, colheram assinaturas, foram às ruas na “Marcha pelo Parto em Casa” e quando estavam acalmando o CREMERJ fez outra jogada. Baixou uma resolução que proibia aos médicos a realização de partos domiciliares e proibia a atuação de parteiras e doulas em ambientes hospitalares. Aparentemente isto deveria cortar o “mal da humanização do parto” pela raiz, mas ao contrário, por afetar a todas as categorias envolvidas com este ideal, provocou a união com um novo lema amplo e inclusivo: o Direito de Escolha. Esta discussão alcança outra amplitude quando sai da esfera profissional entra no senso comum com a categoria de Direitos Humanos, podendo assim, instaurar um novo momento de cooperação entre as classes profissionais e não profissionais pelo bem das gestantes e das crianças, pelo bem das famílias e da sociedade como um todo.

De lá para cá, muita coisa aconteceu. Em 2013 foi exibido em âmbito nacional o documentário *O Renascimento do Parto* trazendo ao público as informações mais recentes com relação à realidade do nascimento, bem como as evidências científicas que confirmam a necessidade de mudanças. Isso fez com que essa movimentação de mulheres expandisse dos grandes centros urbanos e chegasse com força ao interior. Foi um ano em que muitos grupos de

apoio surgiram nos mais variados e longínquos cantos do país. Houve muitas investidas dos conselhos de medicina em frear o movimento da humanização. Uma outra coisa que o documentário deflagrou foi a também escandalosa situação dos médicos que recebem valores irrisórios pelos partos realizados pelos planos de saúde. No início de 2014, fazendo uso deste argumento, alguns médicos começaram a cobrar a chamada taxa de disponibilidade obstétrica. Tratava-se de um valor adicional que a parturiente deveria pagar ao médico caso quisesse que ele ficasse a sua disposição para fazer um parto normal. Logo os conselhos de medicina de todo o país iniciaram uma tentativa de fazer com que a medida fosse instituída como prática para todos, mas diante de questionamentos tanto do Ministério, como das mulheres que já pagam pelo plano de saúde, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), derrubou a medida. Em contrapartida os médicos conveniados passaram a se recusar a fazer partos normais. A mulher que quisesse parir teria que pagar particular, ou migrar para o Sistema Único de Saúde (SUS). Neste ano houve também o *Caso Adelir* em Torres, Rio Grande do Sul<sup>38</sup>. Quando uma mulher foi algemada e levada pela polícia a um hospital para que fosse submetida a uma cesariana antes do início do trabalho de parto. Este acontecimento provocou uma forte reação em todo o Brasil que ficou conhecida como a “Marcha Somos Todos Adelir”. Em decorrência, advogadas se uniram ao movimento e muitos processos foram impetrados ao Ministério Público e o debate na mídia e nas redes sociais não teve medidas. O movimento ganhou o apoio de políticos e no raiar de 2015 o Ministério da Saúde lança uma resolução que prevê medidas duras para reduzir a taxa de cesariana do país. Dentre elas está a exigência de que os médicos e os hospitais informem às parturientes suas estatísticas de cesariana e parto normal, e de que os planos de saúde poderão não pagar por cesarianas consideradas desnecessárias. Este com certeza foi um duro golpe contra a resistência dos médicos em transformar suas práticas e esperamos que dê resultados.

<sup>38</sup>

Para mais detalhes sobre o caso, acessar:

[http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/02/noticia\\_saudeplena,148157/mandado-judicial-retira-mae-em-trabalho-de-parto-de-casa-para-obriga.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/02/noticia_saudeplena,148157/mandado-judicial-retira-mae-em-trabalho-de-parto-de-casa-para-obriga.shtml). Visto em 10/01/2015.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, R. S. **O Cuidado no Heidegger dos anos 20**. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2012.

AMALADOSS, M. Jesus, o Avatar. In:\_\_\_\_. **Jesus, o Profeta do Oriente**. São Paulo: Pensamento, p. 123-141, 2009.

BERGER, P.L.; LUCIMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do ser humano. Petrópolis: Vozes, 2004.

BETTO, F; BOFF, L. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano- compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O cuidado necessário**. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade**: um caminho de transcendência. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BRANDÃO, C.R. **Orar com o corpo**: preceitos e preces para os gestos das horas dos dias. Goiânia: UCG, 2004.

COELHO, R.S. **A experiência do nascimento na obra de D. W. Winnicott**: teoria e prática em maternidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

DALAI LAMA. **Uma ética para o novo milênio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DIAS, C. **O pai e o processo de amadurecimento em Winnicott**. Disponível em: 12 dez. 2014.[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302009000200003&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302009000200003&script=sci_abstract). Acesso em: 12 dez. 2014.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESTÉS, C.P. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FADYNHA. **A doula no parto**: o papel da acompanhante de parto especialmente treinada para oferecer apoio contínuo físico e emocional à parturiente. São Paulo: Ground, 2003.

FIOCRUZ. **Pesquisa Nascer no Brasil**. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/arquivos/anexos/nascerweb.pdf>. Acesso em: jul 2014.

GADAMER, H.G. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GUTMAN, L. **A maternidade e o encontro com a própria sombra**: o resgate do relacionamento entre mães e filhos. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Campinas: Vozes, Unicamp, 2012.

JONES, R. **Memórias do homem de vidro**: reminiscências de um obstetra humanista. Porto Alegre: Ideias a Granel, 2004.

LEBOYER, F. **Nascer sorrindo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEJARRAGA, A.L. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

LISPECTOR, C. **As Palavras**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

\_\_\_\_\_. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MATURANA, H; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Atenas, 2011.

MATURANA, H. **Antologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MEIRELES, C. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

MELLO Fº, J. **O ser e o viver**: uma visão da obra de Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MELO NETO, J.C. **Morte e vida Severina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MERTON, T. **Reflexões de um espectador culpado**. Petrópolis: Vozes, 1970.

MICHELAZZO, J.C. As habitações do humano como expressão do tempo: diálogo entre Heidegger e Dógen. In: NETO, A.F.; GIACOLA JR. (org). **Heidegger e o pensamento Oriental**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

MIZRAHI, B.G. **A vida criativa em Winnicott**: um contraponto ao biopoder e o desamparo no contexto contemporâneo. Rio de Janeiro: Gramond, 2010.

NABOKOV, V. **Fala memória**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ODENT, M. **O camponês e a parteira**: uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto. São Paulo: Ground, 2003.

\_\_\_\_\_, M. **Gênese do homem ecológico**: mudar a vida, mudar o nascimento: o instinto reencontrado. São Paulo: TAO Editorial, 1981.

PEREIRA, S.C. **Thomas Merton**: contemplação no tempo e na história. São Paulo: Paulus, 2014.

RUMI, J. **Masnavi**. Rio de Janeiro: Edições Dervisch, 1992.

SAGAN, C. **Pálido Ponto Azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILESIUS. **O peregrino queribínico**. São Paulo: Paulus, 1996.

TEIXEIRA, F. **Religiões e espiritualidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

VERNEY, T. R.; WEINTRAUB, P. **O bebê do amanhã**: um novo paradigma na criação dos filhos. São Paulo: Barany, 2000.

WAIBLINGER, A. **A grande mãe e a criança divina**: o milagre da vida no berço e na alma. São Paulo: Cultrix, 1986.

WILHEIM, J. **O que é psicologia pré-natal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

\_\_\_\_\_. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ZANGANEH, L. A. **O encantador**: Nabokov e a felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.